





# Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

## 17/18

### **A Bondade e a Fé**

**A catequese como experiência de fé** [13-25]

D. ANTÓNIO MARCELINO

**A ousadia de acreditar** [27-38]

P. HÉLDER FONSECA MENDES

**Porque acredito dou testemunho** [39-50]

ANTÓNIO BAGÃO FÉLIX

**Como alimento o meu acreditar?** [51-58]

ISABEL AZEVEDO DE OLIVEIRA

**Como alimento a minha fé, o meu acreditar? Como concílio a evangelização com a vida familiar e profissional?** [59-64]

DUARTE VIDAL VIEIRA

**Educar para a oração** [65-74]

IR. ALDA REGO

**O sacramento da Reconciliação na infância** [75-91]

P. JOSÉ HENRIQUE DOMINGOS PEDROSA

**A bondade é o palco onde se cruzam as competências dos educadores da escola católica** [95-98]

D. TOMAZ PEDRO BARBOSA DA SILVA NUNES

**As quatro perguntas chave para construir as escolas  
inovadoras do séc. XXI [99-110]**

ALFREDO HERNANDO CALVO

**Escolas com inteligência espiritual [111-121]**

JOSÉ MARIA BAUTISTA

**Alcancemos uma cultura organizativa de qualidade nas  
nossas escolas católicas [123-141]**

IRENE ARRIMADAS GÓMEZ

**Desafios da criança à Igreja e à sociedade [145-158]**

D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO

**O catecumenado: processo de iniciação e de  
“re-iniciação” cristã [159-174]**

P. FRANCISCO MACHADO COUTO



## **Edição e Propriedade**

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 / 21 886 35 11 Fax: 21 885 13 55

E-Mail: educacao-crista@sapo.pt

## **Director**

Acácio José Pereira Lopes

## **Conselho de Redacção**

Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos, António Marcelino,  
Maria Helena Pereira, Cristina Sá Carvalho.

## **Sede da Redacção**

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

## **Paginação e Montagem**

Ângela Baptista

## **Tiragem**

800 exemplares

## **Condições de assinatura**

Número Avulso: 5 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

## **Ideografia**

Aristides Dourado

## **Nº de Registo**

124627

## **Impressão**

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

## **Depósito legal**

221 724/05

*Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas*

## Editorial

DIÁC. ACÁCIO JOSÉ PEREIRA LOPES (\*)

Completamos o sexto ano de edições da revista «Pastoral Catequética» com a publicação deste número duplo a que demos o título genérico de “**A Bondade e a Fé**”. Inspirámo-nos, para o título, na homilia preparada por D. Tomaz da Silva Nunes para a Celebração Eucarística de abertura do Seminário das Escolas Católicas que teve lugar de 1 a 3 de Setembro passado, simultaneamente em Lisboa e Coimbra, a que ele deveria presidir se, algumas horas antes, Deus não o tivesse chamado a partilhar definitivamente a glória do Seu reino.

Embora a referida homilia não tivesse, efectivamente, sido proferida de viva voz, não quisemos deixar de a partilhar com os nossos leitores e, por isso, incluímo-la neste número da nossa revista. Não só como gesto de homenagem a alguém que dedicou praticamente toda a sua vida adulta à causa da educação cristã, tendo, nos últimos anos, presidido à Comissão Episcopal da Educação Cristã, e que nessa homilia não proferida nos deixou, podemos afirmá-lo, as suas últimas palavras neste mundo; mas, sobretudo, porque o conteúdo da referida homilia se constitui, no nosso entender, como núcleo hermenêutico a partir do qual se deverão interpretar os outros textos que preenchem este número da revista e, porque não dizê-lo, o húnus em que radica e se alimenta toda a acção educativa cristã e eclesial.

Na realidade, a **Fé** é um dom de Deus que nos permite descobrir como Deus é **bom** e corresponder-Lhe.

Por isso, a Igreja, dom da **bondade** de Deus para os homens, não pode deixar de transmitir, pela palavra, pelos gestos e pelo testemunho, essa mesma **Fé**, da qual os homens se alimentam e por meio da qual experienciam a **bondade** de Deus. É por essa razão, também, que a Igreja, mestra de uma humanidade destinada a partilhar a divindade do seu Criador, não pode deixar de fazer catequese, de, a partir da **Fé**, dar sentido à ciência, à cultura

---

(\*) Director.

e à vida por meio do ensino religioso escolar e de levar avante um projecto antropológico e educativo cristão fundando, dirigindo e desenvolvendo escolas próprias.

Este número da «Pastoral Catequética» apresenta três partes, só aparentemente distintas.

A *primeira parte* é preenchida por um conjunto de textos de Conferências proferidas nas penúltimas Jornadas Nacionais de Catequistas, realizadas em Março passado. O núcleo estruturante que lhes confere unidade e sentido é a Fé.

D. António Marcelino traz-nos uma reflexão, haurida na sua vivência pessoal e pastoral, sobre a Catequese enquanto experiência de fé, entendida como compromisso concreto de iniciação à vida cristã, pessoal e comunitária, de conformação ao modelo de vida de Jesus Cristo, de mergulho decidido no projecto de salvação de Deus para a humanidade. Espaço/tempo onde catequizandos e catequistas se identificam na condição homóloga e homogénea de discípulos do mesmo Mestre.

O Pe. Hélder Fonseca aponta-nos caminhos para a expressão purificada da fé cristã percorrendo nos textos evangélicos, e nalguns outros, as várias perspectivas em que o substantivo fé e o verbo acreditar se colocam. Interessante a formulação de nove níveis de progressão na caminhada pessoal da fé e na fé e das correspondentes atitudes pastorais que devem acompanhar essa progressividade.

O texto do Dr. Bagão Félix representa um apelo ao testemunho concreto e responsável do cristão (“porque acredita”) na vida pública. É aí, na vida pública, que se desenha e encarna o caminho de santificação do comum dos cristãos, guiados pelos princípios e valores fundamentais que constituem as traves mestras da Doutrina Social da Igreja.

A Dr<sup>a</sup>. Isabel Oliveira, num texto pleno de simplicidade e limpidez, oferece-nos o seu testemunho muito pessoal das fontes de alimentação do seu acreditar. Nele, deparamo-nos com a fé como origem e expressão da narrativa autobiográfica do cristão, comprometido com a autenticidade da sua própria identidade, com Deus, com os outros, sobretudo os mais íntimos e próximos, com o mundo concreto em que vive.

O Dr. Duarte Vidal narra-nos as fontes e a expressão concreta do seu acreditar partindo da sua experiência no escutismo e na sua vida familiar e profissional.

A Ir. Alda Rego mergulha no mundo da Catequese da Infância para nos chamar a atenção para algo de fundamental e sem o qual a Catequese não

o chega a ser: educar para a oração. Que não é, apenas, um dos momentos do acto catequético, mas que o deve impregnar e percorrer na sua totalidade, como ferramenta de aprofundamento da experiência humana (ponto de partida do acto pedagógico catequético), como atitude de escuta, acolhimento e interiorização da Palavra (segundo momento) e, naturalmente, como expressão da fé, celebrando o grande encontro que deve constituir qualquer sessão de Catequese.

O texto do Pe. José Henrique Pedrosa é a explanação de um dos ateliers das Jornadas sobre um tema que é pouco habitual tratar-se: o sacramento da Reconciliação na infância. Percorre os seis Catecismos da Infância à procura das diversas “entradas” no tema, procurando potencializar as aberturas possíveis para que o sacramento da Reconciliação se constitua como um dos elementos-chave do itinerário catequético e de iniciação na vida cristã. Por fim, oferece-nos um conjunto de pistas de carácter prático para a celebração do Sacramento com as crianças, em chave comunitária.

Na *segunda parte*, que abre com a homilia de D. Tomaz Nunes acima referida, inserimos os textos de três das Conferências proferidas durante o Seminário das Escolas Católicas realizado no início de Setembro passado.

O texto de Alfredo Hernando representa uma aposta e um desafio à inovação educativa, de que as escolas católicas deverão ser protagonistas – inovação psicológica, inovação sociológica, inovação pedagógica e inovação epistemológica. E apresenta-nos, complementarmente, algumas pistas para a inovação na componente da formação permanente dos professores imprescindíveis a escolas inovadoras.

José Maria Bautista anuncia a morte do paradigma “transmissão da fé”, anunciando o nascimento de um novo paradigma pastoral das escolas católicas: o da “pedagogia espiritual”. Socorre-se, para tal, do contributo de dez investigadores que “avalizam a necessidade de abandonar o modelo «transmissão»”. Sugere-nos, finalmente, um conjunto de pistas de solução para a pastoral escolar: a construção de competências espirituais a partir da própria orientação pedagógica, a que chama “pedagogia espiritual sistémica”, dando origem a “escolas com inteligência espiritual”.

O terceiro texto, de Irene Arrimadas, tenta apontar-nos os caminhos para a construção de “uma cultura organizativa de qualidade nas nossas escolas católicas”. Aconselha a que se parta de um diagnóstico da cultura e da política organizativa das instituições para, consciencializando a sua identidade própria, se procurarem as chaves para a vivência de um projecto educativo de qualidade. Termina alertando para a necessidade de mudança

urgente do paradigma docente: do modelo tradicional do professor isolado frente aos seus alunos para o modelo renovado do trabalho em equipa docente e as consequentes aptidões e competências exigidas aos professores por esse novo paradigma.

A *terceira parte* da revista apresenta-nos dois Estudos.

O primeiro, de D. José Policarpo, aponta-nos os desafios que a criança, enquanto tal, lança à Igreja e à Sociedade. É um texto deslumbrante e desarmante, que aposta numa “espiritualidade da infância” e nos conduz pela mão das crianças ao coração de Cristo. A partir da proposta de D. José Policarpo podemos entender melhor o significado e as implicações da afirmação de Jesus: “quem não acolher o Reino de Deus com atitude de criança não entrará nele”.

O último texto, do Pe. Francisco Couto, constitui uma clarificação e caracterização do Catecumenado, fornecendo algumas pistas de natureza prática para o seu desenvolvimento concreto nas comunidades cristãs.

Estamos convictos de que a pluralidade de textos que apresentamos satisfará a generalidade dos leitores habituais da «Pastoral Catequética» e de que a abrangência temática poderá satisfazer outros potenciais leitores. Procurámos, todavia, que essa pluralidade e essa abrangência não prejudicassem a unidade de referência que percorre todos os textos e lhes define o sentido – a **Fé** na suma **Bondade** de Deus.

# **Jornadas Nacionais de Catequistas**

**Março de 2010**



# A catequese como experiência de fé

D. ANTÓNIO MARCELINO (\*)

1. Os temas destas Jornadas<sup>1</sup> tiveram como tónica comum recordar e reafirmar que a fé é vida, vida que se experimenta e tem de se alimentar para que possa levar ao testemunho, ou seja, à comunicação da mesma vida a outros. Os temas dos ateliers apontaram também para uma experiência de fé a partir do acto catequético e do itinerário que o mesmo provoca.

Não preparei uma reflexão erudita, cheia de citações de livros e autores, por me parecer que não é esse o caminho, nem o objectivo destas Jornadas.

Trago uma reflexão pessoal aberta, comprometida, mas despretensiosa, com base na minha experiência pessoal e pastoral, tendo em conta aspectos teológico-pastorais fundamentais e aspectos concretos e óbvios da acção da Igreja entre nós e da vida e da acção do catequista.

Trata-se pois, de uma reflexão sobre a própria catequese como experiência de fé, que tem muito a ver com o catequista, mas que não se esgota nele. A catequese é mais que o catequista.

2. A catequese é um serviço à fé, fundamental para a edificação da Igreja, a tempo inteiro servidora do Reino, para que a fé se torne experiência pessoal e comunitária, desponte e se acolha como dom de Deus, se desenvolva, se esclareça, se torne vida, se abra à comunidade alargada e se comunique a outros, de dentro e de fora, para que todos tenham vida abundante.

A catequese nada conseguirá neste sentido se não for ela mesma uma experiência de fé, vivenciada, antes de mais, pelo catequista, que faz o

---

(\*) Bispo Emérito de Aveiro. Coordenador da Comissão Episcopal da Educação Cristã.

<sup>1</sup> Jornadas Nacionais de Catequistas, Fátima – 12 a 14 de Março de 2010.

ensinamento e testemunha o valor da Palavra, feita vida em si próprio, como nada conseguirá se não se constituir e organizar como uma escola e um espaço de experiência de Deus, para todos os que de algum modo nela participam.

3. Recebemos dos Padres da Igreja a afirmação, por muitos esquecida e que também se pode considerar uma definição breve mas ilustrativa, de que **“a catequese é um ensinamento para a vida”**. Certamente para a vida de um cristão deste tempo, consciente da sua vocação de cristão com uma missão na Igreja e no mundo.

Trata-se de um ensinamento sobre Deus e o seu projecto de salvação universal, sobre Jesus Cristo, modelo de vida pela sua entrega à vontade do Pai, sobre o Espírito Santo que realiza, no tempo e até ao fim dos tempos, a Obra do Pai e do Filho, sobre a Igreja, experiência comunitária histórica do amor misericordioso de Deus.

De há muito que uma definição tão simples me tocou. Nunca me cansei de a considerar fundamental e clara, de mostrar o seu significado e alcance aos catequistas e aos pais, de avaliar a partir dele o mérito qualitativo da catequese, como serviço normal e necessário à fé dos baptizados ou dos que se preparam para o Baptismo, na perspectiva de apreciação dos agentes pastorais e do acolhimento que lhe fazem os que participam no itinerário proposto.

Há novos movimentos laicais, como o “Renovamento Carismático”, que recuperaram o termo **“ensinamento”** na formação cristã dos seus membros, ao contrário de algumas catequese paroquiais, que, na mente de muitas pessoas, não conseguem desligar-se da tradicional nomenclatura de **“doutrina”**, de sabor a cristandade, e vazada, ainda em muitos casos e em muitas mentes, por tradições e moldes escolares correntes.

Também o termo **“oficina”**, usado pelo movimento “Oficinas de Oração e Vida” na transmissão do seu ensinamento (embora o termo “oficina” seja para nós pouco sonante) quer exprimir, de modo claro, a ideia do **“discípulo - aprendiz”** de novos caminhos da fé, da oração e da vivência evangélica diária.

A distinção fundamental expressa-se assim: **na escola** há professores e alunos, objectivos concretos ligados à aquisição sistemática de dados da cultura universal, em ordem às actividades na sociedade; **na catequese**, há sempre discípulos, mestres que continuam discípulos e testemunhas da fé, e discípulos que fazem a sua caminhada de aprender o Deus da fé pela fé, desde a adesão e iniciação até à maturidade cristã comprometida. Ao mesmo tempo aprendem e esforçam-se para que a fé recebida, alimentada e esclarecida, seja vida diária.

**3.** Muitos ensinamentos que nas diversas escolas de aprendizagem são proporcionados ao longo da vida destinam-se apenas à ilustração ou ao enriquecimento do saber humano, normalmente para a vida profissional e agir social. Não obrigam, necessariamente, aqueles que os recebem a atitudes interiores e a comportamentos morais pessoais.

A catequese é um ensinamento de outra ordem. Ao ser um ensinamento para a vida, quanto mais se sabe de Deus, e de Deus só se sabe quando se vive a vida na fé e com o auxílio da sua graça, mais a vida concreta é influenciada e orientada por Deus.

Acontece, por isso, que saber o que quer que seja de Deus exige que Deus seja vida naquele que diz ou pensa conhecê-LO, e que a verdade, acolhida como dom divino, se torne vida no dia a dia do crente e da comunidade de pertença.

A catequese, bem o sabemos, não se faz ou não se deve fazer somente em função da recepção ocasional de alguns sacramentos.

Num itinerário de fé, os sacramentos surgem como acontecimentos pascais, para quem, devidamente catequizado, é capaz de os entender como tal. Eles não são metas conclusivas de etapas concretas da catequese. **Uma só é a meta do cristão e essa nunca alcançada de modo definitivo: “crescer à medida de Cristo”.**

Então, e só então, os sacramentos reforçam a caminhada e a adesão a Deus, fruto da graça recebida e do seu significado espiritual. Caso contrário, os sacramentos recebem-se, somam-se a outros já recebidos e, como coisas religiosas, abandonam-se depressa, deixando a Igreja e as comunidades cheias de pagãos baptizados e mal catequizados.

Com este abandono, a vida desliga-se de Deus e da comunidade cristã. Assim se perde a alegria da fé, a ligação comunitária e o sentido da missão.

A Igreja vive e actua por força daqueles que permanecem verdadeiramente crentes, fieis, e cuja fé é vida, coerência e compromisso.

**4.** Os “**grandes crentes**” foram sempre e continuarão a ser na Igreja e, a outros níveis, na sociedade, os “**grandes mestres**” da fé. Foram também, e ao mesmo tempo, “**grandes orantes**”. Foi no contacto com Deus e na experiência da fé, que iam adquirindo a “sabedoria” que os credenciava como mestres espirituais, aos quais nunca faltaram discípulos que a eles recorriam, procurando seguir pelos mesmos caminhos de libertação interior e de enriquecimento espiritual.

Assim, foi e é, tanto no cristianismo como noutras confissões religiosas, cristãs ou não.

De facto, é uma intuição íntima que se vai generalizando, que se o ensinamento religioso não for, para aquele que o recebe, orientação para uma vida nova, não constituirá um verdadeiro “ensinamento”.

**5.** Toda a catequese, da maternal à dos adultos, visa provocar uma experiência de fé, uma adesão apaixonada e conseqüente a Deus Pai, tendo como modelo vivo Jesus Cristo, Rosto visível do Pai, e, pela acção discreta mas sempre determinante, do Espírito Santo, Aquele que dá a Vida e conduz na vida os verdadeiros filhos de Deus.

A catequese realiza-se, por isso, no seio de uma comunidade de crentes, a Igreja, como expressão e compromisso da sua fé comunitária, da sua missão no mundo e do apoio diário aos novos filhos de Deus, que vão nascendo e crescendo no seu seio.

**6.** Os contemplativos dizem, por caminhada pessoal feita ao longo dos anos, que a “**experiência de Deus**” é, antes e acima de tudo, “**obediência a Deus**”, ou seja, permanência n’Ele pela identificação vital com a vontade divina e pela plena submissão em tudo a esta vontade.

**Esta caminhada rumo a uma experiência que se torna obediência, tem na iniciação cristã, ou melhor dito, na iniciação à vida cristã, o seu caminho normal e mais eficaz.**

Perante a situação de uma Igreja que ainda vive demasiadamente de uma tradição religiosa de séculos, a qual se torna cada dia mais débil, vazia e incapaz de novos rumos, recordamos que Bento XVI, na visita *ad Limina* (2007), recomendou aos bispos de Portugal uma atenção especial à iniciação cristã, de modo a atingir todas as dimensões da pastoral da fé.

7. Quando falamos de catequese como experiência de fé, é importante que tenhamos no horizonte imediato dos objectivos e caminhos a prosseguir, o **compromisso concreto da iniciação à vida cristã**, dado que muitos praticantes tradicionais nunca foram iniciados ou foram-nos de uma maneira muito limitada. De facto, nem sempre foi esta a preocupação fundamental da catequese paroquial, nem dos catequistas, nem mesmo da hierarquia mais responsável.

Este compromisso da iniciação à vida cristã passa, necessariamente, por uma experiência orante, de escuta da Palavra, de iniciação à vida sacramental, de vivência em comunidade, de compromisso apostólico, de partilha solidária, de testemunho adequado à vida, de abertura à opção vocacional determinante. O resultado esperado, ainda não consumado mas já em curso e enraizado deve traduzir-se de modo visível na vida diária. Assim se pode apreciar a conversão evangélica.

Vimos de um tempo, ainda não totalmente eliminado, em que a fé se traduzia para muita gente em atitudes meramente religiosas e na aceitação pacífica de verdades da fé.

Não se trata de um juízo moral sobre as pessoas, muitas delas de uma fé generosa e sincera, mas sim de uma verificação pastoral, que é mister ultrapassar.

Foi o tempo de os mais fiéis dizerem que acreditavam “tudo quanto a santa Madre Igreja nos ensina” e ela “nos ensina tudo aquilo em que nós acreditamos”...

Trata-se de a Igreja, na sua totalidade, como que iniciar, por via da catequese, um catecumenato social, além de pessoal, não no contexto de cristandade, mas de um mundo que se afasta do cristianismo e adere ao laicismo ou ao indiferentismo, deixando a dimensão religiosa para a consciência individual e para as manifestações dentro dos templos.

O decréscimo numérico dos cristãos e o abandono da prática religiosa, mesmo da tradicional, verifica-se, entre nós, no caso da Celebração Dominical, da recepção do Baptismo e na opção pelo Matrimónio. Este decréscimo e abandono não é fruto de qualquer perseguição religiosa ou do ateísmo militante que vemos de novo surgir. É mais fruto da manifestação da dificuldade senão mesmo da incapacidade de confissão e testemunho cristão esclarecido num mundo plural, laicizado, semeador de indiferença em tudo o que é essencial à vida.

E isto torna-se inevitável sempre que a fé não está enraizada no coração, de modo a ser força de Deus, capaz de influenciar a vida e de determinar as suas opções fundamentais.

Ao contrário do apelo bíblico, vemos que, hoje, onde as tradições imperram, se rasgam as vestes e se fecham os corações.

A sociedade actual proclama de muitas formas a sua independência em relação à Igreja e ao fenómeno religioso, não por conquista de uma autonomia legítima e desejável, mas por um afã de rotura emancipadora de todas as tutelas históricas que a Igreja e a religião exerciam e, nalguns casos parece quererem continuar a exercer, na vida das pessoas e na ordenação da sociedade.

**8.** *A Gaudio et Spes* expressa um novo tipo de presença da Igreja no mundo e, por consequência, uma nova relação entre a Igreja e a sociedade. Apela, por isso, aos cristãos e à hierarquia da Igreja, como exigência da fé e da sua dimensão pessoal e social, à prática do diálogo e à vivência cristã testemunhante, ante uma sociedade que se secularizou. Há que deixar de vez a tentativa de um regresso ao poder e à influência de séculos passados.

O novo estilo de poder e de influência há-de ser fruto de um testemunho activo indispensável. Os cristãos devem qualificar-se para usufruir este poder e o propor à sociedade por uma formação séria e consequente que lhes permita actuar, de modo aberto, sem manobras e sempre responsável, nos dinamismos que influenciam a vida social, determinam os vários comportamentos e opções das pessoas e dos grupos e fomentam a emergência diária de uma nova cultura.

O Apóstolo Pedro dá o sentido deste novo modo de presença do cristão no mundo, quando diz: “Estai sempre prontos a responder, para vossa defesa, com doçura e respeito, a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa

esperança. Tende uma consciência recta, a fim de que, mesmo naquilo que dizem mal de vós, sejam confundidos os que caluniam a vossa conduta em Cristo. Melhor é padecer praticando o bem, se essa é a vontade de Deus, do que fazendo o mal". (Ped 3, 15-16)

Será este o modo de os cristãos "não se conformarem com os desejos que tinham no tempo da sua ignorância" (1 Ped 1,16), e de, "como estrangeiros e peregrinos se absterem dos desejos da carne" e "se comportarem nobremente entre os gentios" (2, 11-12).

**9.** Sem uma catequese que provoque e enraíze um experiência de fé, capaz de enfrentar, na sociedade, tempestades e perseguições de toda a ordem, jamais se poderá operar a renovação eclesial, que tarda. O mesmo se poderá dizer da renovação de cada cristão, para que seja, no mundo actual, uma verdadeira testemunha de Cristo Salvador e, à sua maneira, um edificador do Reino de Deus no tempo.

Sem uma comunidade em renovação, que acolhe e ampara a caminhada cristã dos seus membros, cada vez se torna mais difícil ser cristão.

Temos a comprová-lo o testemunho dos primeiros tempos de um catecumenato sério e conseqüente, que mostrou que a conversão não era sociológica, e não se podia operar sem a força da graça e o apoio de uma comunidade de crentes que vivesse, jubilosamente, a sua fé, mesmo em tempos difíceis e de luta constante. A comunidade constituía e incarnava o apelo de Cristo aos que se iam sentindo chamados e se interrogavam já sobre a sua Pessoa, a sua vida e os valores que viveu e propunha.

Assim se interpelava a si própria a comunidade ao dizer-lhes: "Vinde e vede!"

O cristão tem de sentir a sua "pertença" a uma comunidade viva, emergir nela, participar do sentido da sua vida, sentir a força transformadora do Evangelho de que outros lhe dão testemunho e que, também ele, é chamado a testemunhar.

Trata-se de um verdadeira inserção dentro de uma comunidade em que se identifica a presença activa do fermento do Evangelho e força transformadora do amor de Jesus Cristo (CNBB Abril de 2009).

Hoje não se pode ser cristão senão por uma opção livre e consciente. As tradições religiosas, que não a tradição evangélica, perderam a consistência, e a cultura sopra em sentido contrário (cf. EN 19).

Mas será possível dar um passo tão necessário e decisivo, sem uma nova pedagogia, clara e activa, que empenhe, ao mesmo tempo, todos os membros da Igreja interessados no processo?

Este passo não se dará se não resultar, antes de mais, de uma acção conjunta dos agentes da pastoral profética, dos Bispos, presbíteros e diáconos aos catequistas, religiosos e leigos, bem como de comunidades cristãs vivas que, independentemente do seu número de membros, se assumem como núcleos de testemunho vivo, pelo acolhimento e acompanhamento dado aos que procuram ou se encontram já em trabalho de iniciação.

“Uma comunidade que assume a iniciação à vida cristã renova a sua vida comunitária e desperta nos seus membros o espírito missionário” (CNBB).

Da leitura serena, mas objectiva, da nossa realidade eclesial, da demorada renovação de uma catequese que dê prioridade aos adultos, do despertar das comunidades para a sua missão apostólica e profética, numa dimensão crente e testemunhante, do apelo concreto do Papa aos bispos de Portugal, aparece, não apenas claro, mas como que único, o caminho da implementação, em todo o país, da pedagogia da **“iniciação para a vida cristã”**, ou da consideração da **“catequese como um ensinamento para a vida”**. Objectivos a meu ver inseparáveis e, de algum modo, coincidentes no mesmo projecto.

**10.** Não cabe aqui o desenvolvimento deste projecto de iniciação à vida cristã, que, porém, não deve tardar, porque de tal não se compadece nem o tempo, nem a situação das comunidades, a que ainda chamamos “cristãs”, mas que raramente o são, no seu conjunto, quando fora do templo.

Voltemos, por isso, aos agentes da catequese diocesana e paroquial e ao seu trabalho de tornar já, na medida do possível, uma vez que mais não nos pede Deus, por agora, a catequese como uma experiência de fé.

O Directório Geral da Catequese (I parte, cap II) diz que a catequese está ao serviço da iniciação cristã e da formação permanente à fé.

Mais adiante (V parte, cap II, ns 233 a 252) começa por dizer que “ Para o bom funcionamento do ministério catequético na igreja particular, é fundamental poder contar, antes de mais nada, com uma adequada pastoral dos catequistas”. Dá-se, então, no texto, todo o relevo à formação dos catequistas, nas mais diversas vertentes.

Porém, não são os aspectos pedagógicos, por importantes que sejam, que marcam a prioridade em ordem ao desempenho apostólico do serviço que se pede aos catequistas e à sua qualificação espiritual cristã.

O catequista é um **discípulo** que se assume como tal, e um **convertido** a Jesus Cristo e à sua missão de edificação do Reino. É um **espiritual**, no sentido mais exigente do termo, ou seja, um cristão que se sente conduzido pelo Espírito de Deus na sua vida e na sua missão apostólica. Tem presente ainda que é uma **testemunha qualificada**, dado que, ao prestar um ensinamento catequético e ao ser um mediador privilegiado da Mensagem de Cristo, não se pode dispensar de os viver e testemunhar de modo vivo, quer a cada catequizando, quer, de modo público, à sua comunidade cristã e à comunidade humana onde vive e trabalha.

Tudo isto integra a experiência de fé, vivida e comunicada na catequese e pela catequese, desde a idade infantil à idade adulta.

**11.** Hoje é normal e frequente falar-se de experiência de Deus como experiência englobante, e da experiência espiritual, da experiência de fé, da experiência cristã, quando se pretende explicitar a fé amadurecida dos cristãos, mediante um itinerário que pode ser longo, passando mesmo por tempos de aridez, onde parece que Deus, mais do que uma experiência de proximidade e presença, é, por vezes, também, uma sensação de ausência e de abandono.

A revelação dos longos anos de aridez espiritual de Teresa de Calcutá, longe de significarem ausência de Deus, denunciaram um modo diferente de presença, vivido mais com Cristo no Getsémani de que, com Ele, no Monte da Transfiguração. Por isso mesmo em nada arrefeceu o seu zelo e

a sua entrega aos mais pobres, os predilectos de Cristo e os mais amados de Deus Pai.

A expressão “experiência” refere-se a uma vivência permanente e habitual e não meramente a uma experiência ocasional, embora haja experiências ocasionais marcantes. Nelas quase se pode experienciar ao vivo que Deus passou por ali e deixou marcas e apelos inconfundíveis.

Porém, a percepção desta passagem, para que não seja uma ilusão meramente emocional, pressupõe uma atitude interior segura, que se vai desenvolvendo e afirmando ao longo do tempo de um discipulado constante ou de uma aprendizagem, persistente e humilde, de Deus.

“Aprender Jesus Cristo”, dizia João Paulo II aos jovens em França, é um programa cheio de graças e conseqüências existenciais

Neste ponto, a catequese pode e deve constituir verdadeiramente um espaço privilegiado desta aprendizagem e conseqüente experiência espiritual, sempre que o ensinamento não seja frio ou anódino, mas exprima vida e seja apelo a uma vida nova.

Quem vive, mais facilmente transmite vida. Daí a mediação experiencial ser elemento básico na transmissão da experiência de fé e do criar de condições para que esta aconteça e, a pouco e pouco, se consciencialize.

A experiência de Deus não é um acto emocional passageiro. É, antes e sempre, uma graça convidativa a uma vida espiritual mais intensa e consciencializada, em que o Espírito leva a aprofundar o conhecimento de Jesus Cristo e o compromisso com a sua Pessoa e a sua Obra redentora. Um convite à identificação da vontade pessoal com a vontade soberana do Pai. Um projecto de permanência e de identificação interior com o modelo que é o próprio Senhor Jesus.

O século dos místicos, como se pressagiu e desejou que fosse o século XXI, não é senão o de crentes identificados com Cristo, capazes de ver para além do que os olhos vêem e, com os pés no chão, empenhados na utopia de um mundo novo.

**12.** Uma outra dimensão da catequese como experiência de fé pode traduzir-se na preocupação de que ela constitua um tempo para enraizar e revelar a “pertença” das crianças, dos jovens e dos pais a Deus e à comunidade cristã ou eclesial.

Esta consciência de pertença que aviva a graça baptismal é, por isso, uma componente fundamental da identidade cristã, ao mesmo tempo que apela a uma imersão no sentido de vida da comunidade/família, a que se está ligado por algum laço, permanente e estável.

A pertença alimenta-se de experiências comunitárias, reais ou simbólicas, sempre ricas e enriquecedoras de comunhão.

Conviver, concelebrar, colaborar e partilhar são os quatro verbos geradores do sentido de pertença. Todos eles podem e devem entrar no acto catequético e na acção da catequese que pretende gerar uma experiência de fé viva e activa.

A experiência de fé é sempre, também, uma experiência comunitária com laços fortes e indestrutíveis, quando é verdadeira.

Sabemos como é pobre a experiência e a vivência comunitária dos cristãos. Mesmo quando vemos os jovens agruparem-se, os laços que se geram entre eles são, normalmente, mais ocasionais que permanentes, mais voluntários que exigidos pela coerência da fé e a vivência eclesial.

Ora, a própria experiência de salvação e a graça que a provoca são comunitárias (cf LG 9). Como poderá a catequese não as favorecer ou não as ter, bem vivas e apelativas, no seu horizonte diário?!

**13.** Não podemos deixar de ter presente que as pertenças mais profundas passam hoje por uma crise concreta, dada a realidade social e, também, a realidade eclesial.

A dispersão, as relações emergentes e passageiras, a afirmação dos individualismos, as mais diversas expressões de vivência humana, nem sempre criteriosas, amolecem as pertenças como necessidades básicas. É o caso da pertença a uma família, à comunidade humana próxima, ao âmbito e contexto de vida social e cultural de que se faz parte, à comunidade

eclesial, eucarística, local e universal, à própria humanidade, húmus de todos os viventes. Finalmente, pertença mais radical ao próprio Deus, no Qual “nos movemos, existimos e somos” e a Quem “pertencemos, quer vivamos quer morramos.”

A edificação do Reino faz-se com pedras vivas, complementares umas das outras na construção de um edifício espiritual. Mas, pedras vivas e conscientes do mesmo dom recebido e, deliberadamente, coesas, em ordem ao mesmo objectivo, que as transcende mas não as dispensa.

Poderá esta acção de edificação do Reino fazer-se fora de um projecto regular de formação que conta com as pessoas, crianças, jovens ou adultos, com as suas riquezas naturais e sobrenaturais e com as oportunidades que lhes são dadas, na e através da comunidade cristã de pertença?

**14.** A experiência de fé será sempre uma experiência espiritual, conduzida pelo Espírito de Deus, com a mediação necessária da Igreja, quando se trata de edificar a mesma Igreja, Povo de Deus em comunhão, como sacramento de salvação e instrumento de reconciliação.

Uma Igreja, mãe e mestra, que num mundo em mudança está sempre a necessitar de conversão e purificação. Que, ao mesmo tempo, é serva e pobre, procurando viver, com fidelidade, a sua dimensão divina e humana, para que assim possa ser evangelicamente eficaz na sua missão de mediadora, tal como Deus quer e espera dela.

A catequese é uma acção estruturante que a Igreja é chamada a realizar cada dia e com a maior perfeição possível.

O peso do passado e as dificuldades emergentes do presente não facilitam esta acção. Porém, como ela constitui o alicerce do edifício eclesial e da personalidade cristã, o esforço para a tornar tempo e espaço válido de comunicação e de vivência da fé, pessoal e comunitária, não pode dispensar-se, nem iludir-se com formas superficiais, quando não mesmo espúrias.

O segredo está nos catequistas, cristãos adultos e coerentes com a fé que professam e que pretendem transmitir.

Que estas Jornadas, que são uma expressão de gratidão para os que generosamente se gastam nesta missão, sejam, ao mesmo tempo, apelo

interior de uma conversão que a todos ajude neste propósito e lhes permita, conduzidos pelo Espírito, ir sempre mais longe e com melhores frutos de vida.



# A ousadia de acreditar

P. HÉLDER FONSECA MENDES (\*)

## 1. A ousadia de acreditar

Apesar das certezas nas ciências positivas, da desconfiança generalizada, da inocência perdida, da figura indistinta de espectadores que fazemos, em nome do pluralismo e da tolerância, de quem vê as coisas por fora sem se inscrever e participar nelas, apesar da fé estar associada à tradição e o progresso não se fazer do passado, é frequente ouvir testemunhos de sucesso assentes na atitude básica de acreditar. Sempre que é perguntado ao jogador de futebol internacional mais famoso dos Açores qual é o segredo da sua vida, êxito e carreira, que mensagem deixaria aos jovens, o atleta responde «é preciso acreditar». O slogan de um banco regional açoriano, agora também internacional, tem precisamente como lema «a força de acreditar». Em ambos os casos, não se diz em quê nem em quem acreditar. Esta insistência, tão antiga e actual, motiva, entre outras razões, a procura de resposta à pergunta que nos é feita: «o que é acreditar»? Corresponde à nossa condição humana não nos permitir escapar à necessidade de ter de crer em quase todos os domínios. Mesmo depois de saber tudo acerca de um assunto, temos de tomar decisões que ultrapassam o domínio do saber.

Uma pessoa quando acredita confia nos conhecimentos adquiridos por outras pessoas. Neste acto há uma significativa tensão: por um lado, o conhecimento que nos chega por acreditar apresenta-se como uma forma imperfeita de conhecimento, que precisa de ser aperfeiçoado progressivamente; por outro, é um conhecimento muitas vezes mais rico humanamente

---

(\*) Padre Diocesano de Angra. Investigador Integrado do Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. É doutorado em Teologia (Prática), pela Universidade Pontifícia de Salamanca. Secretário Diocesano da Catequese (1989-2005). É Vigário Geral dos Açores, onde lecciona Teologia Pastoral.

do que a simples evidência, porque inclui a relação interpessoal, pondo em jogo não apenas as capacidades cognitivas do sujeito, mas também a sua capacidade mais radical de confiar noutras pessoas, iniciando com elas um relacionamento mais íntimo e estável. As verdades procuradas nesta relação não são de ordem empírica ou filosófica, mas a verdade da própria pessoa. O mais importante para nós não é a aquisição do conhecimento abstracto da verdade ou de verdades parciais, mas consiste numa relação viva de doação e fidelidade que encontra plena certeza e segurança.<sup>1</sup>

É este o caminho da busca de sentido e absoluto que faz o processo de crer.

O que está em primeiro lugar é a relação que se estabelece entre as pessoas. Mas esta relação tem de ser precisada, qualificada. Como adesão do ser inteiro, como confiança incondicional, só terá sentido quando se puder dizer quem é aquele em quem se acredita «Quem dizeis vós que Eu sou?» (Lc. 9, 20). É a lógica do amor que une intimamente o conteúdo e a dinâmica da fé, uma lógica que nos leva a compreender melhor «aquele» a quem se deu o «sim». Por isso, só o amor é digno de fé. (H. U. von Balthasar)<sup>2</sup>.

Acreditar é um acto extremamente rico, que envolve a totalidade da pessoa, difícil de dissecar. Podemos, teoricamente, distinguir, mas não separar, o que constitui esse acto que integra uma totalidade. Crer contém um aspecto noético e outro dinâmico: há um fundamento (objectivo) das coisas que se esperam e um convencimento (pessoal) das coisas que não se vêem (cf. Heb. 11, 1). O aspecto noético situa-se na realidade colectiva, objectivável, comunicável, da ortodoxia, enquanto o aspecto dinâmico corresponde ao nível existencial, depende da vida pessoal. Um e outro andam sempre lado a lado e completam-se. Há uma acentuação mais helénica (de pistis) e outra mais hebraica (de emunã). Junta-se a matiz da firmeza e o aspecto da verdade, que não é algo descoberto, mas a relação viva estabelecida entre dois seres. Na Reforma e Contra-Reforma há uma acentuação mais católica e ortodoxa (noética) e outra mais protestante (dinâmica). Ambos os aspectos não se podem dissociar, pois pertencem ao mesmo sujeito.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> *Fides et Ratio*, de João Paulo II (1998), 32-33

<sup>2</sup> H.U von BALTHASAR, *Solo el amor es digno de fe*, Sigueme, Salamanca, 1995.

<sup>3</sup> Y. CONGAR, *La fe e la teologia*, Herder, Barcelona, 1981, 109.

Quando se fala de acreditar é preciso saber que se trata de um discurso paradoxal no qual se afirma qualquer coisa que não se pode afirmar do homem empírico - não diagnosticável por qualquer equipamento. Trata-se de qualquer coisa que não é de facto perceptível sob a forma de comportamento psíquico, nem pode nunca confundir-se com ele. (R. Bultmann).

Crer é um acto voluntário por sua própria natureza (cf. *Dignitates humanae*, 10). É a entrega total e livre da inteligência e da vontade (cf. *Dei verbum* 5). É um acto de espontaneidade perfeita. Crer é um acto humano, nobre, consciente e livre, que está de acordo com a dignidade da pessoa humana (CIC 180).

## 2. Três modos de acreditar

Podemos falar de três modos de acreditar, como sejam: «crer em», «crer no que» e «crer no outro». Explico e exemplifico com a experiência de cada um, dado que, em princípio, todos somos crentes, sob qualquer uma destas formas.<sup>4</sup>

**2. 1.** Quando dizemos «creio que fala bem», exprimimos tanto a pouca convicção como uma grande certeza. Estamos no terreno da dúvida, apesar do uso do verbo «crer». Queremos dizer, julgo ser verdadeiro, tenho alguma certeza, muita ou pouca. Neste sentido, crer é um verbo de opinião. Sinónimo de verbos como duvidar, opinar, supor, etc. Quer dizer que se aceita como verdadeiro, ou pelo menos como provável, um facto, um ideia, ou um projecto, uma intenção. Estamos num terreno impessoal, fora de relação entre pessoas. O movimento parte de quem dá a opinião para as coisas ou situações em questão. Diga-se à partida que a fé cristã recusa ser reduzida à categoria de uma opinião gratuita, de uma suposição privada de fundamento.

**2. 2.** Quando dizemos «creio no que disse», manifesta-se a confiança na palavra de alguém, isto é, confio na sua competência, preparação, autoridade, boa-fé, dado que não posso verificar tudo pessoalmente. Ultrapassada a dúvida, entra-se no terreno da confiança no conteúdo do que disse. Não podemos viver sem crer naquilo que os outros dizem. Esta confiança é a base da sociedade, e é por isso que a mentira é uma realidade

---

<sup>4</sup> B. SESBOUE, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001, 43-64.

muito grave. É pecado. À verdade em que se acredita não se opõe o erro, mas a mentira. Se dizemos que errar é humano, ou seja, admissível, desculpável, já não dizemos o mesmo quanto a mentir. Falamos de «má-fé». A franqueza é a primeira forma de honestidade. Assim, crer é responder ou dar o consentimento à afirmação de uma outra pessoa: é confiar na sua palavra, na sua proposta. Mesmo assim, não estou impedido de verificar a competência, a informação e a boa fé do meu interlocutor.

**2. 3.** Quanto dizemos: «creio nele», queremos dizer, «creio em ti como pessoa», aquilo que dizes vem depois, já é acreditado. Assim, podemos crer no pai, no irmão, na mulher, etc., antes do conteúdo do que dizem. O importante é o outro, o «tu», a quem «eu» me dirijo. Entra o amor, a amizade, a fidelidade. Este outro é alguém que eu amo, e que não me engana, nem defrauda. Por isso é digno da minha fé. Nessa relação, no diálogo, o importante não são as palavras, mas o que se vive e transmite na vida. Só quando confio no outro é que ele se abre e se me revela.

A este propósito, S. Tomás de Aquino adverte que «todos os crentes aderem àquilo que alguém diz. Assim, o que aparece como principal e que, de algum modo, tem valor de fim em qualquer acto de crença é a pessoa a cuja palavra se adere. O pormenor das verdades afirmadas, nessa vontade de aderir a alguém, passa, então, a ser secundário. (Suma Teológica II – III, q. 11, a.1).

Neste sentido, o crente não está na origem da sua fé, desta relação privilegiada. A iniciativa, o primeiro apelo, vem do próprio Deus, de Jesus Cristo, por parte da Igreja: o crente será aquele que recebe Deus como Alguém que Se lhe dá. O acto de crer só pode inserir-se numa aliança entre duas pessoas, entre Deus e o Homem.

Na catequese, isto quer dizer que o pormenor das palavras e doutrinas ensinadas vem depois da adesão confiante à pessoa que as profere. Não me interessa conhecer nem comprometer em quem não confio ou não amo. E não confio em alguém sem que antes me tenha conquistado a confiança. Esta relação cria um compromisso recíproco, não acerca disto ou daquilo, mas de um para com o outro, no todo das suas existências. Crer não é um verbo opinativo, mas de acção, de compromisso.

### **3. O que não é acreditar**

**3. 1.** Acreditar não é o mesmo que ter crenças. Na maior parte das vezes, as crenças são um repositório da herança de uma cultura e de experiências passadas. A crença consiste sobretudo em «crer que», enquanto a fé enuncia-se como «crer em». É confiança numa pessoa, não numas ideias.

**3. 2.** Acreditar não é possuir uma ideologia como se se tratasse de um sistema de ideias para explicar a realidade e justificar a situação ou comportamento de um grupo. Acreditar comporta um saber que contém o sentido do inacabado. É uma lâmpada que brilha num lugar escuro (cf. 2 Pe. 1, 19).

**3.3.** Acreditar não é o mesmo que ter uma religião. Já vimos que nem toda a fé é necessariamente religiosa. Convém é que toda a religião tenha a fé como suporte. A fé religiosa é a confiança total do homem num Deus pessoal, (G. Van der Leeuw). A fé religiosa conhece as suas origens nos antigos hebreus. Para Abraão, a questão não é a de acreditar na existência de Deus, de um Deus único, mas o facto de ter acolhido uma relação de tipo pessoal. De saber que existe para Deus e que n'Ele pode confiar. Crer é aceitar ser aceite por Deus (P. Tillich).

É certo que a fé cristã apresenta-se como religião, enquanto tem ritos, símbolos, culto (oração e sacramentos), organização, moral (mandamentos) e credo. Mas o essencial do corpo da religião, a sua alma, é a fé, que consiste na resposta confiante e no abandono a Deus que, em Jesus Cristo, Se aproximou do homem a fim de lhe revelar o projecto do Pai para salvá-lo do pecado e da morte e estabelecê-lo na comunhão da vida divina, através da Sua Páscoa e do dom do Espírito Santo.

A fé religiosa pode ser entendida como o compromisso de uma pessoa com a única verdade no Deus vivo que sai ao encontro do homem, antes de ser entendida como uma aceitação de verdades reveladas. Pode afirmar-se que o acto de crer integra, na pessoa do crente, as duas dimensões da aceitação de Deus e da sua palavra.

A fé como acto subjectivo do crente é receptiva, ainda que não passiva: consiste em receber a promessa, o mandato, a palavra e a vida do Senhor

Jesus. Este acto é simples e complexo: realiza-se no mais interior e central da pessoa: o coração (cf. Rom. 10. 8-13). Em termos psicológicos, quer dizer, com a consciência, entendida como capacidade de decisão livre que proporciona à fé o seu carácter activo, de autodeterminação e que permite configurá-la como opção fundamental. Nesta opção interior, temos três dimensões: ter por verdadeiro Deus e o seu enviado Jesus Cristo (1 Jo. 5, 20); confiar na sua benevolência, aderir ou entregar-se a Ele. Esta dimensão interior da fé (do coração) pode e deve expressar-se como confissão (com os lábios).

Crer significa dizer ámen a Deus, estar firme, seguro, ser digno de crédito, afiançar-se, basear-se n'Ele. Fiar-se de Deus não é um acto cego e irracional. Significa deixar Deus ser totalmente Deus, ou seja, reconhecê-Lo como a única razão e sentido da vida. A fé é o existir na receptividade e na obediência. É na fé em Deus que o homem é salvo da sua carência de apoio, meta, conteúdo e do vazio da sua existência.<sup>5</sup>

#### **4. Possibilidades e limites da razão no acto de crer**

O acto de crer deve poder justificar-se humanamente, e, portanto, racionalmente. Só assim pode ser acessível a todos «acreditar em», se se manifestar o carácter racional desse acto humano. Na história do pensamento filosófico, vemos dois riscos sobre este carácter:

**4. 1.** O do racionalismo, onde a razão se torna o critério a que se deve sujeitar aquilo que Deus revela ao homem, reduzindo Deus à medida da razão humana – e, portanto, é possível matá-lo quando a gente quiser.

**4.2.** E o do fideísmo, onde a fé é um grito pessoal, uma questão de sentimento e de experiência privada incomunicável, sem qualquer sujeição ao crivo da razão.<sup>6</sup>

A relação entre razão e fé é de um equilíbrio nem sempre fácil. Se, por um lado, o racionalismo mata a fé, por outro, crer não é óbvio, como se evidente fosse, nem é acreditar em tudo. A fé procura compreender, isto é, dar razões e, por outro lado, dá uma nova luz à razão. No dizer de Santo

---

<sup>5</sup> W. KASPER, *Jesus el Cristo*, Sigueme, Salamanca, 1984, 265.

<sup>6</sup> E. VILANOVA, *La Osadia de Crer*, Marova, Madrid, 1978, 112-115

Agostinho: «eu creio para compreender e compreendo para crer melhor» (Sermão 43, 7, 9).

Jean Daniélou fala da «intrepidez da inteligência na exploração do mistério», da inteligência ou inteligibilidade da fé. A razão é necessária para o estabelecimento do conhecimento de Deus. Nada é mais perigoso do que uma religião que quer prescindir da razão. Termina no fanatismo, no iluminismo, no obscurantismo, perdendo-se em superstições. Arrisca-se a ser uma solução preguiçosa. O recurso ao sobrenatural é uma escapatória fácil, induza que se veja mistério onde há apenas ignorância, como se, na medida em que se vai comendo terreno à ignorância, se pudesse dispensar a fé. Se o racionalismo e o orgulho de espírito que pretende apoderar-se de Deus e dispõe d'Ele são um perigo temível, inversamente é muito admirável o esforço intrépido da inteligência, que respeitando o mistério, não renuncia contudo à sua compreensão, que vai até ao limite das suas possibilidades e só pára quando é vencida pelo peso demasiadamente enorme de uma luz que a cega.<sup>7</sup>

O antónimo do verbo crer pode ser o verbo duvidar. Os dois verbos não se dão mal, como parece à primeira vista. A dúvida é lugar de comunhão entre crentes e não crentes (J. Ratzinger).<sup>8</sup> Há uma fraternidade entre um crente e um não crente: a de uma procura nunca acabada (Claude Geffré). Falar de dúvida será dizer alguma coisa sobre a fé. Não a dúvida do cepticismo ou da indiferença. Miguel de Unamuno afirmava que «uma fé que não duvida é uma fé morta.» Se, por um lado, é verdade que a fé é certeza, vivida na escuridão, isto é, enquanto não é indecisão ou relativismo, por outro, também não se pode negar o poder que a fé tem de se questionar. Por isso, não deixamos de progredir na fé. É uma fé nunca acabada. Nunca estamos prontos diante do mistério de Deus. A fé não acontece toda de uma vez. Podemos ter toda a fé, neste momento, mas nunca temos a fé toda. Todas as vezes, a fé será acompanhada pela dúvida. Serei sempre tentado a abandonar o caminho e serei sempre chamado a avançar, a aprofundar, a arriscar, não apesar da dúvida, mas graças à dúvida. Deus em quem pus a minha confiança nunca me foi dado a conhecer de maneira evidente ou óbvia.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> J. DANIELOU, *Dieu et nous*, Grasset, Paris, 1956

<sup>8</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*, Principia, Lisboa, 2005, 27-33.

<sup>9</sup> G. REYNAL, *Crer em Jesus Cristo. Os caminhos da fé*. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997, 54-57.

Para ficarmos mais tranquilos, como crentes e como catequistas, a quem cabe intrépida e alegremente transmitir a fé, diga-se que nenhuma reflexão, demonstração ou testemunho podem obrigar o outro a acreditar. Na melhor das hipóteses, os meios ou exemplos propostos podem retirar alguns obstáculos contrários à decisão de crer, e colocar o outro em estado de alerta, escuta, disponibilidade. Por isso, estar vigilante, atento, à espera, em busca, são já atitudes da abertura à fé. Crer não é só para alguns privilegiados, mas para aqueles que, consciente e livremente, retiram os obstáculos que impedem essa visão.

Crer é aderir à pessoa de Jesus Cristo, que revela Deus como Pai, transmite a sua mensagem de amor e convida todos os homens a vivê-la à luz do Espírito Santo. Tal adesão, como qualquer relação, vive-se no dia a dia, com períodos de harmonia e outros de tensão, relação feita de certezas e perguntas, diferenciada conforme a idade e o contexto sócio-cultural. Não é fácil apreender uma pessoa, o seu mistério e mensagem na sua totalidade, nem vivê-la na sua plenitude. Acreditar é um acto que nos humaniza e nos torna felizes: «Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc. 11, 28).

## **5. Dificuldades para acreditar**

O tipo de religiosidade que temos em grande parte do mundo ocidental de hoje funciona bem sem Deus e sem fé. É uma religiosidade imanente ao mundo, pagã e pluralista, de quem fica de fora, que nada tem que ver com uma relação de confiança pessoal, de conhecimento e amor com o Deus único e exclusivo, o Pai revelado por Jesus. É uma religião que não incomoda nem exige uma revisão radical das próprias atitudes e modos de ver. É que acreditar no Deus único que o Evangelho propõe é demasiado comprometedor e exigente. Trata-se da prática do amor, sempre, e sem limites. A absoluta transcendência de Deus leva a que muitos dos nossos coetâneos tenham medo de cair no ridículo de acreditar quando a fé não parece sustentável frente a uma visão positiva da realidade. Neste espírito do útil, do técnico e do exacto, a fé em Deus não é relevante. Teme-se que seja incoerente, uma ilusão ou percepção incompatível com uma atitude científica. Finalmente, parece que ao fazer uma opção determinada não estamos a ser universais, como quem diz que todas as religiões são iguais, e, que, portanto, qualquer opção de acreditar seria sempre parcial, limitada e relativa. Um Deus particular

e único, que exige uma relação pessoal, parece não se enquadrar nesta pretensão.<sup>10</sup>

## 6. Níveis da fé cristã e atitudes pastorais

Depois de afirmar que acreditar é um acto pessoal único, com um momento decisivo, podemos dizer também que é um processo de crescimento, onde se podem subir pelo menos nove graus ou degraus com as respectivas dificuldades pessoais. Quanto mais alto o grau mais «mexe» com a pessoa. É como os sismos.

Do patamar 1 a 3, estamos na fase de abertura e preparação, nos níveis 4 e 5, na fase de tomada de decisão, e nos graus 6 a 9, na fase da expressão e da vivência, como decorrências da fé.

A cada uma destas dimensões da atitude fé, corresponde uma atitude pastoral própria.<sup>11</sup>

**6.1.** A procura de sentido, quando se levantam questões de fundo sobre interpretação da própria existência. Parte do desejo de felicidade e das dificuldades para realizar esse desejo. Como atitude pastoral, deve haver o conhecimento das respostas que fazem sentido e um acompanhamento nos grandes questionamentos da existência.

**6.2.** O acesso à proposta de sentido oferecido em Cristo, no meio do pluralismo e concorrência das imagens já constituídas, onde há-de aparecer o anúncio, a apresentação da figura central: Jesus Cristo, o que Ele faz por toda a humanidade. Aparece a crítica dos ídolos, das vaidades e das falsas seguranças. Apresentadas sem qualquer pretensão ostensiva. É uma questão de confiança. A proposta da própria experiência narrada de quem acompanha é importante.

---

<sup>10</sup> J. GEVAERT, *El primer anuncio. Proponer el Evangelio a quien no conoce a Cristo*, Sal Terrae, Santander (2004), 88-91.

<sup>11</sup> A. CHARON, *Prête et Pasteur 3* (1977), 113-163. Cf. COMITÉ DOS PASTORALISTAS PORTUGUESES, *A Ousadia da fé no limiar do ano 2000*, em *Praxis Pastoral 3*, Rei dos Livros, Lisboa, 1998, 21-38.

**6.3.** A graça da interpretação ou o papel do Espírito Santo, num esforço de interioridade, liberdade, acolhimento ou recusa, encorajando o trabalho de interpretação e de abertura à presença e providência de Deus.

**6.4.** A decisão da fé como reconhecimento e opção, como decisão fundamental, no meio de dúvidas e conflitos. Há um reconhecimento voluntário, um momento de explicitação das motivações e convicções.

**6.5.** A conversão de coração, através da interacção da vida e da Palavra de Deus, dando-se o crescimento, a maturação na liberdade e a identidade como realização pessoal. Repõe-se e reformula-se a questão dos valores e da situação existencial.

**6.6.** A expressão da fé numa narrativa: uma primeira da confissão da fé e uma segunda de reflexão sobre a mesma, que se dão no meio de perplexidades, dificuldades de expressão espontânea e de purificação de representações.

**6.7.** A expressão comunitária da fé ou solidariedade na pertença eclesial, onde aparecem imagens da Igreja recebidas anteriormente e uma credibilidade a ser provada na experiência de grupos cristãos. A atitude de quem acompanha é educar no sentido evangélico da Igreja – comunidade.

**6.8.** A expressão religiosa, lírica e afectiva da fé que aparece no culto e na liturgia, onde se dá a aprendizagem, o gosto, a beleza, e a compreensão da linguagem simbólica. É quando se educa para o sentido da oração e dimensão espiritual da vida.

**6.9.** A expressão activa da fé ou o compromisso cristão no mundo, na vida quotidiana, social e política, como fé, moral e religião vividas, integradas e coerentes. Há que ajudar o outro a descobrir a relação entre a fé e o quotidiano, bem como na consciência crítica cultural, social e política.

Ora, pelas nossas catequese, nós próprios sentimos, subimos e ajudamos os catequizandos a sentir estes graus e a subir estes degraus. A ordem pode não ser tão linear na história pessoal de cada um, mas os passos têm de ser dados, antes ou depois. Não podemos chegar ao último degrau sem passar pelos primeiros, independentemente da ordem em que isso aconteça. Efectivamente, só quando os subimos todos é que temos um crente

completo, um cristão adulto feito «à estatura de Jesus Cristo», independentemente da idade. Não nos deve escandalizar que os outros a quem tentamos transmitir a fé, sobretudo se são adolescentes e jovens, não tenham subido ainda todos os degraus. A nossa função de pais, educadores, guias e mestres da paciente iniciação à vida e mistério cristão é termos a capacidade de nos situarmos no degrau de cada um e não supor ou obrigar que os outros já tenham por adquirida a fé que queremos comunicar.

## 7. João responde à pergunta

Curiosamente, para responder à pergunta inicial: «o que é acreditar?», o melhor conselheiro é o evangelho de São João. João não usa, como os sinópticos, o substantivo (a fé), mas usa sempre o verbo *crer*: fá-lo 98 vezes, em 241 de todo o resto do Novo Testamento. Além disso, usa-o em sentido absoluto, isto é, sem complemento: «E acreditou ele e todos os da sua casa» (4, 53) ou «Vós vistes, mas não credes» (6, 36).

Acreditar é uma insistência no evangelho de S. João, desde o princípio, onde se lê: «mas a quantos o receberam, aos que *nele crêem*, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus» (1, 12), até o final: «Estes (sinais), porém, foram escritos *para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, acreditando, terdes a vida nele*» (20, 31). Trata-se de *crer n'Ele* para ter a vida (2, 11). É *crer na pessoa para participar da vida dela*.

Associado a este verbo temos muitos outros, tais como:

**7.1.** «Receber»: «mas a todos aqueles que O receberam, aos que creram n'Ele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (1, 12; cf. 5, 43).

**7.2.** «Ir a Ele»: «O que vem a Mim jamais terá fome e o que acredita em Mim jamais terá sede» (6, 35; 5, 40).

**7.3.** «Escutá-Lo» ou escutar a Sua palavra: «Quem ouve a Minha palavra e acredita n'Aquele que Me enviou tem a vida eterna» (5, 24; cf. 8, 47).

**7.4.** «Segui-Lo»: «Vós não credes porque não sois das Minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a Minha voz... e seguem-Me» (10, 26-27).

**7.5.** «Permanecer n'Ele»: «Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós» (15, 4).

Crer, para S. João, é receber, ir para, escutar, seguir, permanecer, ou seja, é uma caminhada concreta de um de nós em direcção à pessoa de Jesus Cristo. É a atitude do homem que se dá a Jesus. Crer é um acto que revela um dinamismo poderoso em que o homem todo está comprometido. Em João, ver e conhecer tornam-se quase sinónimos de crer. Embora crer seja conhecer e ver, esta contemplação só se faz através de véus: «ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (1, 18). Crer é então receber este testemunho de Jesus, é confiar na Palavra d'Ele. O que no mínimo é razoável, como qualquer moção interior de confiança que fazemos em relação a alguém que está vivo. «Eu creio, Senhor, aumentai a minha fé».

# Porque acredito dou testemunho

ANTÓNIO BAGÃO FÉLIX (\*)

*Tópicos da intervenção  
nas Jornadas Nacionais de Catequistas*

**Vivemos um momento crucial da civilização. Com coisas boas e más.**

No actual mundo e sociedade:

– Todos assistimos a um progresso material e tecnológico assinaláveis, mas, quantas vezes, ao lado desse progresso, vamos deparando com um acréscimo de aridez espiritual, em alguns casos mesmo, a um quase deserto espiritual.

– O mundo de hoje estará desorientado, se não mesmo desordenado. Terão falhado, de uma maneira ou outra, os sistemas em que o nosso tempo colocou a sua confiança. A tecnologia, a política, a economia, a ciência, apesar dos grandes avanços que nos trouxeram, não nos conseguiram garantir a justiça solidária e a paz duradoura. Continuamos a conviver com a miséria, com a exploração, com a relativização absurda da Vida, com a subalternização da família, com a solidão, com a violência.

– Diferentes formas de escravidão acorrentam as pessoas: o dinheiro, o poder, a fama, a moda, o êxito sem regras, o consumo, o prazer sem consciência.

– Constatamos as enormes possibilidades tecnológicas do mal, pela brutalização das almas, pelos novos deuses da globalização.

---

(\*) Economista e professor universitário.

### *Porque acredito dou testemunho*

– A humanidade tem hoje os meios para assegurar a todos um nível de vida muito melhor. Mas a justiça e o desenvolvimento continuam a ser para muitos um sonho longínquo e doloroso.

– Assistimos também, com preocupação, a um mundo de relativismo moral, quase diria de indiferentismo ético. Há pequenas e médias éticas espalhadas por todo o lado, e começa-se, em excesso, a relativizar aquilo que deve ser absoluto, e quantas vezes a absolutizar aquilo que é apenas relativo.

– É o relativismo que quase anestesia os comportamentos letais, porque retira valor absoluto à vida. É o relativismo que faz germinar a indiferença e o comodismo atrofiantes. É o relativismo que alçandrou a estatística à categoria de mãe de todas as análises frias e racionais. É o relativismo que igualiza, moralmente, fins e meios. É o relativismo que nos afasta da transcendência e da procura de nós mesmos.

– A individualização agreste, muitas vezes agressiva, de atitudes, de comportamentos, a subalternização, que destrói a individualidade.

– A “ideologia média” em que se vive seduz para “certezas” que, no fundo, isolam o Homem do essencial.

Com o natural exagero das simplificações, passo a referir o que, em minha opinião, constituem alguns dos paradoxos dos dias por que passamos e que **podem e devem distinguir o ser cristão na sociedade:**

- Fala-se sempre na família, mas desfamiliarizam-se os comportamentos e subalterniza-se esta instituição fundamental;
- Aprofundam-se os direitos, mas menosprezam-se os deveres;
- Enaltecem-se os factos, mas relativizam-se os valores;
- Fala-se até à exaustão do carácter das reformas educativas, mas é menor a preocupação com a educação das educações, a do carácter;
- Destaca-se tudo o que é de novo como a juventude e o tempo presente, mas secundariza-se tudo o que é velho, como a ancianidade, a tradição e a própria história;
- Apela-se constantemente à solidariedade e ao verbo dar, mas crescem os egoísmos e expressa-se o calculismo do trocar;

- Cultiva-se o primado do dinheiro, mas escasseiam os recursos não monetários como o bom senso, a disponibilidade, a solicitude e a persistência;
- É mais débil a coesão geracional como base de harmonia social, mas mais acentuado o dualismo de uma sociedade bipolarizada entre vencedores e perdedores, cidades e aldeias, velhos e novos, ricos e pobres;
- Esfuma-se a respeitabilidade da sabedoria e da experiência, mas acentua-se o culto da esperteza e do arrivismo;
- Desenvolvem-se poderosas tecnologias de comunicação, mas desumanizam-se as relações interpessoais;
- Fala-se da cultura da vida, mas consente-se a cultura da morte, do aborto, da eutanásia, da violência, da droga e da própria pena de morte;
- Faz-se a apologia do urgente que não é importante, mas afasta-se o que é importante por não ser urgente.

**Qual a nossa responsabilidade? Em que medida estamos a contribuir por acção ou omissão para isto?**

O cristianismo precisa de testemunhos e testemunhas, não apenas de depoimentos e de uma intervenção autorizada não impositiva ou autoritária. A fé não se pode privatizar, reduzir a algo de subjectivista e intimista

Numa sociedade de “zapping”, comportamentalmente hedonista, moralmente minimalista e relativista traduzida num *eclipse* de valores, socialmente predadora e subjugada à “*ditadura do eu-em-primeiro-lugar*”, fóbica em relação ao transcendente, ser cristão é, de algum modo, a expressão de um projecto de vida contra a corrente.

**1º Valor do cristão na vida pública:**

**SER PORTADOR E TESTEMUNHO DE ESPERANÇA**

[“*Spe Salvi*” (Salvos pela esperança, uma esperança iluminadora e encorajadora mas a mais misteriosa)]

Esperança que o Senhor expressou no Sermão da Montanha ao terminar as bem-aventuranças: *Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus (Mt 5,12).*

O anúncio é sempre mais importante do que a denúncia (dos males e das injustiças), e esta não pode prescindir daquele, pois é isso que lhe dá a verdadeira solidez e a força da motivação mais alta.

Modernidade da igreja consiste em mostrar que é divina mas profundamente humana.

Para ser portador e construtor da Esperança, o cristão tem que alicerçar a sua ação na Doutrina Social da Igreja (DSI) que é o seu verdadeiro guião.

Revisitar a DSI nunca terá sido tão importante e oportuno.

Importa, contudo, esclarecer que a DSI não é uma ideologia, nem uma terceira via entre liberalismo e socialismo, nem sequer uma doutrina económica. É, diz o Papa, uma parte da ética ou teologia moral tendo a pessoa humana como centro e ser solidário.

*“Não há um programa novo para inventar. Está tudo escrito no Evangelho e na Tradição da Igreja. Mudam apenas os problemas a enfrentar: os desequilíbrios ecológicos, a paz, os direitos humanos, as novas fronteiras da ciência”.* (JoãoPaulo II - *No início de um novo milénio*).

No âmbito da DSI, saliento os seguintes aspectos substantivos ou prioridades para o nosso testemunho:

- **O princípio do bem comum:** O conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição (*Gaudium et Spes*) através de bens materiais, culturais, morais e espirituais.
- O bem comum é uma noção muito intuitiva.
- Em primeiro lugar é bem que só se pode definir em relação à pessoa humana.
- Mas também é comum porque dele todos podem ou devem participar.
- É a dimensão social e comunitária do bem moral historicamente realizável (fazer o bem).
- Não é apenas o bem-estar económico que poderia derivar da curta visão histórica e materialista.
- Não consiste na soma dos bens, interesses ou preferências particulares.

- Nem se identifica necessariamente com o interesse geral ou da maioria.
- É uma categoria ética.
- E tem uma dimensão teológica porque a plenitude humana não é possível sem Deus que é o primeiro Bem comum.
- É de todos e de cada um e permanece comum.
- Implica a promoção integral da pessoa.
- Exige busca permanente.
- Supõe busca prática e não só ideal.
- Do princípio do bem comum emerge o princípio do destino universal dos bens, indissociável do direito universal ao uso dos bens que é o primeiro princípio de toda a ordem ético-social.
- Este princípio é natural e não somente positivo e antecede qualquer intervenção humana.
- Associado a este princípio está o direito à propriedade privada mediante o trabalho.
- Mas que, não sendo absoluto e intocável, está subordinado ao direito ao uso comum, por sua vez subordinado ao destino universal dos bens.
- Logo, a propriedade privada é um meio, não um fim.
- E desempenha uma insubstituível função social.
- Em toda a propriedade privada está subjacente a “**hipoteca social**”.
- Nos tempos de hoje, há que reler o princípio do destino universal dos bens considerando as novas formas de propriedade do conhecimento.
- Intimamente associada a este princípio está a **opção preferencial pelos pobres** (não lhes devolver por caridade o que lhes é devido por justiça).
- *“Pertence aos leigos, pelas suas livres iniciativas e sem esperar passivamente ordens e directrizes, imbuir de espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis e as estruturas da sua comunidade de vida”* (Paulo VI, *Populorum Progressio*).
- *“Não basta recordar os princípios, afirmar as intenções, fazer notar as injustiças gritantes e proferir denúncias proféticas; estas palavras ficarão sem efeito real, se elas não forem acompanhadas, para cada um em particular, de uma tomada de consciência mais viva da sua própria responsabilidade e de uma acção efectiva. (...) Esta humildade fundamental servirá para tirar à acção todo o carácter de intolerância e todo o sectarismo.”* (Paulo VI, Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, 71).

## **2º Valor do cristão na vida pública:**

### **O SER ANTES DO TER**

O nosso viver confronta-se invariavelmente entre a liberdade de se ser, a necessidade de se ter, a responsabilidade de se dar, a capacidade de se fazer, a exigência de se saber, o impulso de se amar.

Num tempo cada vez mais dominado pelas tecnologias poderosas e pela obsessão da circunstância, é entre o ser e o ter que nos vemos constantemente desafiados.

É de tal modo assim, que na linguagem corrente nos deixamos aliciar pela hegemonia do ter mesmo se com isso apenas estamos a ser.

Na vida, começa-se por se ser antes de ter. O Verbo antes da verba. Na morte, deixa de se ser, ainda que se possa ter. Porém, o ter não dá eternidade, mesmo que por via testamentária ou sucessória. Mas o ser pode ser duradouro por via consanguínea ou cromossômica.

Como escrevia Vergílio Ferreira “é-se por dentro; por fora, está-se”. O ser ilumina-se por sinais interiores, enquanto o ter exhibe sinais exteriores. Por isso, a riqueza está no ser, ainda que continuemos a medir pelo ter aquilo que não somos capazes de avaliar pelo ser.

Ao ser está associada a utopia. Ao ter, a ambição.

Ao ser está associado o reconhecimento. Ao ter, o sucesso e o fracasso. Por isso, no ser se vive e no ter se ganha e se perde.

O ser congrega na diferença. O ter desagrega pela soma.

O ser desdobra-se através do livro da vida. O ter pressupõe o livro de cheques.

O ser exige o ser melhor, como princípio. O ter exige o ter mais, como meta.

O ser é um caminho. O ter é uma paragem.

O ser aperfeiçoa-se na partilha, na autenticidade, na doação. O ter consome-se no individualismo, no cinismo, no consumismo.

Ao contrário do ter, o ser não precisa de euros para se mensurar, apesar da desvalorização dos recursos não monetarizáveis, como a sabedoria, a generosidade, a disponibilidade, o bom senso, a persistência, a paciência, a experiência.

O ser e o ter, porém, não são inimigos ou incompatíveis. A convergência do ser e do ter é a base de ligação entre o imperativo de se ser e a liberdade de se ter.

Por isso, o espaço privilegiado de sinfonia entre o ser e o ter é a família. E um espaço decisivo de sintonia entre o ser e o ter pode e deve ser a empresa. Pela ética, pelo respeito, pela responsabilidade social.

E até (ou sobretudo) na religião, ser-se em fé é mais profundo e verdadeiro do que ter-se fé. Por isso, o deserto como símbolo da libertação e o Sermão da Montanha como renúncia à estrutura do ter. E a vida para além da morte, em que o ser se torna eterno e o ter se transforma em poeira.

### **3º valor do cristão na vida pública:**

#### **A PLENITUDE DA CARIDADE E A SOLIDARIEDADE / SUBSIDIARIEDADE**

- A caridade ficou refém da política e do politicamente correcto.
- O que é a caridade? Do latim “caritas”, terceira virtude teológica (que adapta a faculdade do Homem à participação da natureza divina), sem dúvida a mais importante trazida pelo Cristianismo no plano a que hoje chamamos social.  
“Tu amarás o teu próximo como a ti mesmo por amor de Deus”, “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (Jo).  
A Caridade como expressão do serviço aos outros, de gratuidade, de partilha, de generosidade desinteressada. A Caridade que Cristo nos ensinou ao dizer que quando dás esmola, não saiba a tua mão esquerda o que fez a tua direita, para que a tua esmola fique em segredo, e teu Pai, que vê o que fazes em segredo, te pagará (Mt 6,2-4).
- A Caridade é, pois, dar a Deus através do outro.
- A caridade é, no plano da realização humana, o verdadeiro património comportamental do cristianismo. Como se diz no Catecismo Católico, a caridade é “o fruto do Espírito e a plenitude da lei”.

- A Caridade é muito mais do que solidariedade, compaixão, enternecimento, filantropia, benevolato, altruísmo ou mesmo fraternidade. É amor, é respeito pelos outros, é entrega como valor de vida em sociedade. Não é uma técnica social glosada por tantos para quase tudo. Não é um disfarce para a hipocrisia por vezes reinante nos dias de hoje. É uma virtude e um princípio. É uma categoria MORAL.
- A caridade é tanto uma virtude que impulsiona a responsabilidade pessoal como um princípio ordenador da vida social.
- O amor-caridade e o ágape são mais do que bondade e do que ajuda aos que precisam. São mais do que solidariedade ou altruísmo. Exigem, como tão bem disse Jean Guitton, “o esquecimento de nós mesmos”. E, como S. Paulo escreveu, “a medida do amor é a de amar sem medida”.
- A caridade cristã é muito diferente da mera partilha do que se tem a mais. Não é uma técnica para dispensa do supérfluo, nem um acto de estigmatização daquele que não tem.
- A caridade é a confluência do ter e do não ter através do ser. É amar sem contrapartida. É a plenitude do desinteresse pessoal. É um modo coerente, harmonioso e exemplar de nos darmos, para, na nossa diferença, somarmos as nossas capacidades e vontades.
- A Caridade – a que o Novo Catecismo da Igreja Católica proclama expressivamente como o maior mandamento social – é o grande património comunitário do Cristianismo.
- A primazia da Caridade igual a amor social (S. Paulo, Primeira Carta aos Coríntios): “Se não tiver caridade nada sou. A fé, a esperança e a caridade, mas a maior de todas é a caridade”. São elas que nos conduzem às virtudes morais da justiça, temperança, prudência e fortaleza.
- A caridade é ao mesmo tempo a inteligência do coração e o coração da inteligência. É o ponto de encontro das nossas mãos, das nossas mentes e dos nossos corações na busca incessante do amor ao próximo.
- É necessário reforçar, contagiar o verdadeiro sentido da caridade. Que é um valor, não técnica social.
- A caridade, vista à luz do mundo de hoje, tem subjacente a partilha entre recursos monetários e meios não monetários (sabedoria, generosidade, disponibilidade, bom senso, persistência, experiência).

**O princípio da subsidiariedade** é uma das traves mestras da DSI. É um princípio de liberdade, de iniciativa, de responsabilidade e de harmoniosa hierarquia e subordinação de princípios, definido magistralmente na Encíclica de Pio XI *Quadragesimo Anno* (1931): *“assim como não é lícito tirar aos indivíduos o que eles podem fazer com as forças e as indústrias próprias para o confiar à comunidade, também é injusto confiar a uma comunidade maior e mais alta o que pelas menores e inferiores sociedades pode ser feito. Fazê-lo é causar juntamente um grande dano e perturbação na boa ordem da sociedade, porque o objecto natural de qualquer intervenção na própria sociedade é o de ajudar de forma supletiva os membros do corpo social e não já destruí-los ou absorvê-los”*.

- A subsidiariedade social reconhece o papel essencial das pessoas, das famílias e dos diferentes grupos que compõem a sociedade civil.
- O princípio da subsidiariedade é transversal a todo o ensinamento do DSI e deve traduzir-se numa harmoniosa e responsável hierarquia e subordinação de valores: o ser antes do ter; a convivência antes do isolamento; a família antes da cidade; a cidade antes do Estado, a ordem das coisas subordinada à ordem das pessoas.

#### **4º valor do cristão na vida pública:**

#### **A IDEIA DA SANTIDADE AO NOSSO ALCANCE (EXEMPLARIDADE)**

- A santidade não consiste em fazer nada de extraordinário, longe do alcance do homem comum, mas sim fazer sempre e bem as coisas ordinárias, no trabalho, na família, na sociedade, na vocação. E concretizar um projecto de vida, praticar o bem comum na plenitude da Lei, isto é, na caridade.
- A Santidade requer o heroísmo na prática das virtudes e a grandeza da vida comum. Nada fora do comum, do nosso mundo, nada de “exótico”.
- No fundo, somos reconduzidos à mais forte constatação: a de que para se ser santo é necessário praticar e, acima de tudo, concretizar o Evangelho.
- Assim se atinge a perfeição da caridade entendida como a mais elevada medida de amor para com o Criador e para com o próximo. São Paulo haveria de sintetizá-la numa curtíssima expressão: não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim.
- O mundo precisa mais do que nunca de santos e de santidade!

- Precisamos dos santos e das santas como intercessores e como modelos. No meio da aridez, da solidão, da dor e do sofrimento são uma espécie de eficazes antidepressivos que se podem obter sem receita e sem taxa moderadora.
- A teologia do pequeno é uma categoria fundamental do que é cristão. A grandeza espiritual de Deus revela-se sobretudo na ausência de poder.
- Não há religião sem interditos.
- Hoje, a santidade representa a purificação da heroicidade do simples e é a expressão vitoriosa do homem de e para todos os tempos sobre o homem do instante. *“Recomendo aos críticos que tratem os santos cristãos com a mesma imparcialidade com que tratam os sábios pagãos”.* (Chesterton)
- Ser santo sempre representou uma forma de subversão, traduzida em cada época de modo diverso e como regra vivida na ausência de qualquer forma de poder que é onde se revela toda a força da presença de Deus.
- Na sociedade contemporânea os Santos são uma espécie de novos insurrectos sinalizadores e modelos da pureza, da harmonia, da espiritualidade levada à sua mais bela singeleza.
- Se bem percebo a ideia e a prática da santidade, podemos ver nela um tesouro de vida que nos ensina:
  - Que o mais difícil de alcançar é o simples.
  - Que o mais possível de alcançar é o que mais impossível parece.
  - Que o maior alimento do direito é o dever.
  - Que o mais aparentemente insignificante sacrifício pode ser o mais virtuoso.
  - Que o heroísmo é a persistência paciente na luta de cada dia.
  - Que a mais insignificante das perfeições é preferível à mais sonante das imperfeições.
  - Que o optimismo radica na esperança, na virtude, no trabalho e que o pessimismo radica na indiferença.
  - Que o exemplo é o caminho mais curto para o bem e o mais contagiante para os outros.
  - Que a partir do nosso interior se pode transformar o que nos é exterior.

**Em resumo,**

o nosso testemunho como cristãos deve passar por **SER EM FÉ** mais do que TER FÉ, que sintetizo dizendo-vos agora o que há tempos escrevi:

*O que está para além da dúvida abre-nos para a fé.*

*Porque sem a dúvida a fé não existe.*

*Ou fingirá que existe, não subsistindo.*

*É que ter fé não é encontrar, mas buscar.*

*Não é receber, mas dar.*

*E na busca e na doação não desfalecer na escuridão.*

*E na escuridão acreditar que a fé ilumina.*

*E na noite encontrar o espírito na paz do corpo.*

*E na luz ver a sincronia do bem, da verdade e da beleza.*

*Não se tem fé por se pensar possuí-la. É-se em fé se, despojados, nos deixarmos possuir.*

*A fé não é a imposição, mas a aceitação de não compreender.*

*E não compreendendo, sermos senhores de crer ou de não crer.*

*Em liberdade.*

*A mais pura expressão de fé é saber-mo-nos pequenos. Insignificantes. Como a semente.*

*E na pequenez não termos pressa ou angústia de o deixarmos de ser.*

*Porque a fé não tem medida e exige paciência.*

*E na paciência está a maior prova de fé: o sacrifício da purificação.*

*E na purificação encontrar o Absoluto e menosprezar o relativo.*

*Porque a fé só é plena se o abandono for total.*

*Mas como despojarmo-nos de um qualquer nada que se transforma em tudo?*

*Como afastar o tudo relativo e buscar o Todo Absoluto?*

*Como encontrar a riqueza no deserto?*

*Como dizer não ao sim e sim ao não?*

*Como valorizar a morte para a vida?*

*Como alcançar um minuto que seja de quietude sem mácula?*

*Tem-se fé porque se resiste.*

*Resiste-se porque Ele ajuda.*

*Porque acredito dou testemunho*

*Pedimos-Lhe ajuda porque somos fracos.  
Somos fracos porque não renunciemos.*

*Buscamos a fé.*

*Caímos. Renunciemos. Levantamo-nos. Suplicamos. Queremos. Somos.  
Por vezes saciados. Por vezes acorrentados. Por vezes afastados.*

*Na procura do sinal.*

*Onde já não há tempo, nem razão.*

*Mas apenas o que existe na não existência.*

*A essência.*

*A alma.*

*A fé é alegre mas não ri.*

*A fé é exigente mas não suplica.*

*A fé é poderosa mas não se usa.*

*A fé é compassiva mas não passiva.*

*A fé é inquietante mas não alienante.*

*A fé é o fermento mas não o condimento.*

*A fé é o sal mas não o açúcar.*

*A fé é a incerteza da certeza.*

*A fé é o testemunho da Palavra.*

*A fé é a continuação da Esperança.*

*E se a Esperança é a Luz, faça fé na fé.*

*A Fé não facilita. Dificulta.*

*Mas não destrói. Constrói.*

*Na amargura da nossa dor.*

*No temor do nosso sentimento.*

*Na obsessão da nossa procura.*

*E assim o fim se torna o princípio.*

*E no princípio está o silêncio.*

*A expressão sublime da fé.*

# Como alimento o meu acreditar?

ISABEL AZEVEDO DE OLIVEIRA (\*)

## *Um Dom de Deus a acolher e a corresponder*

Foi-me pedida uma reflexão testemunhal, nas Jornadas Nacionais de Catequistas, sobre o tema: “*Como alimento o meu acreditar*”? Tarefa complexa! Fazer uma reflexão testemunhal é mais do que partilhar ideias; implica dizer a vida! E como dizer a vida, expor-se naquilo que sou de barro modelado pelo Pai embora com tantas fragilidades? Peço que ao ouvirem-me não se prendam à minha pessoa, mas se deixem fascinar por Aquele que faz tudo em todos, tenham a oportunidade de ver além do visível o Invisível que me faz ser.

Ao sentar-me frente à folha branca, a primeira palavra que me surgiu foi: *Magnificat*... Como mulher de fé (tentando ser) a forma de me contar só poderá ser um dizer-vos as maravilhas de Deus na minha vida... Não se trata de retórica... mas de uma experiência que trago nas entranhas dos meus dias. Quantas vezes, entre os escombros das fraquezas e pecado, estremeço ao descobrir com que delicadeza e ternura o Pai escreve em mim e comigo a minha história, ao pressentir o Espírito a orientar os meus passos? E quantas vezes me espanto perante a obra e a misericórdia do Pai, na vida dos que me rodeiam. ***Contar-vos onde alimento o meu acreditar é revelar-vos pequenos trechos duma história de amizade, duma relação de amor.***

Ao reler o desfiar dos meus dias, surge o acreditar como resposta a um Dom de Deus que é Pai. Tudo me foi dado gratuitamente... no apelo à vida, na família, no Baptismo/comunidade. Filha de um lar profundamente cristão,

---

(\*) Catequeta. Directora do Secretariado Diocesano da Educação Cristã da Infância e Adolescência, diocese do Porto.

## *Como alimento o meu acreditar?*

recordo, desde os primeiros anos de vida que, todos os dias, nos reuníamos para rezar o terço e, por vezes, na minha infância, meu pai lia a Palavra e comentava-a. A Eucaristia fazia parte do ritmo semanal, assim como, periodicamente, um tempo de oração silenciosa e pessoal diante do sacrário. Para além da participação activa na Eucaristia, recebi uma educação exigente, a nível dos valores, pautada, regularmente, pelo Sacramento da Reconciliação. Com o passar dos anos, progressivamente, fui participando activamente na comunidade. Estes foram os principais espaços, partilhas e gestos onde alimentei, desde a infância, o meu “acreditar”. Aí, Deus se fez Dom, e eu aprendi a responder à sua dádiva. Estas são as raízes onde regularmente vou alimentar a memória. Conhecer/amar foram os dois verbos que me “fontalizaram” ao longo desses anos.

Hoje, continuo a alimentar o meu acreditar na Eucaristia “fonte e cume de toda a vida cristã” (LG 11), lugar de relação. O encontro com Cristo e com os irmãos, continuamente aprofundado na intimidade eucarística, suscita *a urgência de testemunhar e de evangelizar*. Como escreve João Paulo II na Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine*, a Eucaristia dá a força e dá o *projecto*. Participar no memorial é um desafio a assumir o *estilo de vida* de Jesus nos seus valores (Ser), na sua missão (Fazer). Celebrar regularmente a Eucaristia faz-me tocar a grandeza do ser, da missão, da comunhão e, ao mesmo tempo, confronta-me com a minha pobreza, com os passos mal andados, e abre-me a novos desafios para os dias seguintes. Recordo, num trabalho que realizei, ter lido um autor que a cada momento da Eucaristia fazia coincidir uma atitude a meditar e a desenvolver na própria vida: *atitude de êxodo, perdão e confiança, de responsabilidade, comunhão na fé e intercessão, de escuta, preocupação mútua e dádiva, de agradecimento, invocação e releitura dos passos de Deus na história, de Paz, comunhão e partilha, de receber e sentir-se recebido*. O desafio final traduzia-se no apelo a viver uma vida “eucaristizada”.

Ligada profundamente à Eucaristia, experimento regularmente o Sacramento da Reconciliação, fonte onde sinto concretizar-se a misericórdia sem a qual não me sentiria capaz de viver a Paz e fazer o Caminho. Aí, descubro no meu próprio pecado a ternura de Deus que me faz criar e recriar este barro... Descubro o Deus que, em Jesus, um dia se sentou com publicanos e pecadores (Mc 2,13-17) e alimentou multidões famintas (Mc 6,41-44). Como não me abeirar do gesto que diz a proximidade, o perdão, a

misericórdia do Pai? «Em nome de Cristo suplicamos-vos: reconciliai-vos com Deus.» (2 Cor 5,20)

Alimento o meu acreditar na leitura da Palavra, na partilha da oração com os irmãos. Como o dizia nas primeiras linhas deste testemunho, foi nos primeiros anos da minha vida que aprendi a ler a Bíblia. Ainda muito jovem, já meu pai tinha colocado uma Bíblia nas minhas mãos. O ritmo da vida leva-me, por vezes, a caminhar freneticamente, sem abrir o livro... Surge então, passado um tempo, um sabor amargo e uma perda de sentido... Não tenho outra solução, senão voltar à fonte... Ele não me deixa!

Alimento o meu acreditar no estudo das Escrituras e no estudo do Ser Humano. Sempre em busca de quem é ELE, sempre à procura de quem sou eu e sempre a tentar descobrir as nervuras de que são tecidos os irmãos que me rodeiam. É um caminho longo, que levo desde a adolescência e que tem sido para mim uma fonte para o acreditar... Contemplar o humano deixa-me perplexa perante Deus... Perscrutar a obra do Pai leva-me mais adentro do seu Mistério... Como poderia acreditar sem contemplar (a ELE devo este apelo!)?

Alimento o meu acreditar no testemunho espantoso de mulheres e homens que acompanharam e acompanham o meu viver. Neles, diariamente saboreio a acção e o amor de Deus nos seus gestos, jeito de ser, pensar e partilhar... recordo particularmente a minha avó, a minha mãe, a Rosa Costa, o Gabriel, a Rita, o Rui e tantos outros (é bem grande a lista) ... Deixem-me contar-vos apenas um pequeno exemplo, entre muitos testemunhos, que presenciei e me disseram o amor de Deus...

Dia 25 de Dezembro de 2005! Era um fim de tarde frio e sombrio. A família tinha-se dispersado depois da festa de Natal. Lembrei-me da Rita. Idosa de setenta e cinco anos, vivia só, não tinha família. Foi enfermeira e como tal dedicou toda a vida a cuidar dos outros. Nos últimos anos, vi a sua saúde abalar-se rapidamente ao ponto de não ter «nenhum minuto sem dores». Chegava mesmo a não poder mexer-se devido a uma doença que lhe afectava gravemente as articulações. E, como se não bastasse, tinha problemas respiratórios sérios. Embora doente, não podendo deslocar-se à paróquia, continuava a ser, na sua própria casa, a catequistas dos adultos que pediam o baptismo. O Padre Raul bem conhecia a fé e a profunda formação da Rita.

*Como alimento o meu acreditar?*

Era Natal, eu estava longe da Rita. Peguei no telefone e liguei-lhe:

– Olá, Rita! Então, como vai essa saúde?

– Bem Isabel, como sempre peço a Deus que me ajude a aceitar as dores para que nenhum destes sofrimentos se perca e possam favorecer os que precisam.

– Rita, não me diga que estive só hoje (apenas recebia uma vez por semana a visita da empregada)?

– Só, eu? Quando é que estou só? Isabel, então não sabes que a Trindade sempre está comigo?

Um pouco embaraçada, pela força com que ouvia tal afirmação, tentei recompor-me dizendo:

– Sim, Rita, eu sei! Mas, hoje é Natal!

A resposta não se fez esperar. Com a mesma força com que me tinha respondido, exclamou:

– Não acredito no que ouço Isabel. Então, o que é o Natal? Ele não está connosco todos os dias...?

Não podem imaginar como me sentia, quando desliguei o telefone... A resposta da Rita vinha exactamente ao encontro das minhas interrogações e dúvidas... Caíram-me as lágrimas... Ele estava entre a Rita e eu... e, com tanta assertividade! De facto, ao vê-la viver, é impossível não reconhecer que Deus é Amor... Após tais experiências surgiam inevitavelmente dentro de mim as palavras, as perguntas: Como viver lado a lado Contigo? Reconhecer-te no caminho? Acolher minuto a minuto a vida como vinda de Ti? Creio, mas aumenta a minha fé!

Alimento o meu acreditar no quotidiano, na experiência de ver os passos de Deus, na Vida que me envolve e na minha própria vida, olhando para trás, relendo os acontecimentos, gestos, pensamentos, posturas... e procurando que seja o Mestre a conduzir-me nos caminhos do Reino. Sinto e pressinto a mão de Deus nos dias de festa, nos momentos de dor, no próprio pecado. Por vezes, perdida, sem nada compreender, experimento dias a fio de nevoeiro, dúvidas, incertezas, mas, mais tarde ou mais cedo, surge a claridade da ressurreição!

Alimento o meu acreditar na oração, no diálogo com Ele ao longo dos dias. São pequenos relâmpagos, que pontuam as horas para lhe dizer o

meu espanto, para Lhe suplicar que faça, que oriente a minha barca... para O questionar... e tentar escutar... De verdade experimento que é eterno e constante o amor de Deus para comigo!

Se acreditar não é apenas estar convencido de que Deus existe, mas é uma história de amizade, uma relação estreita com Ele, deixem-me ler-vos o texto de um amigo. Tenho ciúmes dele, confesso; gostaria de chegar onde ele já se encontra... Fascina-me a presença do Pai na sua vida, a forma como deixa Deus ser Deus nele. Por isso, partilho o seu testemunho:

*«Houve uma altura na minha vida, já nem me lembro bem quando, em que comprei uma bicicleta de dois lugares. Era linda... À frente um guiador fantástico, os travões, uma campainha, as mudanças... Uns pedais que se ajustavam na perfeição ao pé e uns rolamentos que pareciam manteiga... Atrás, uma outra espécie de guiador, mas que não “guiava”, claro, nem tinha travões, nem mudanças nem campainha. Era apenas um apoio para as mãos de quem fosse atrás. Mas tinha uns pedais e uns rolamentos iguais...*

*Montei-me nela e comecei a pedalar contente com a novidade da minha bicicleta. Passei pelo lugar do costume e encontrei-me com o amigo que me tinha feito comprá-la. Parei, pus o pé no chão e dei um “trim-trim” valente. Logo ele apareceu à janela, desviando a cortina com a mão, e riu-se de alegria e espanto com a minha surpresa. Saiu, abraçámo-nos e disse-lhe: “Senta-te aí atrás! Esse lugar é para ti. A partir de agora pedalamos sempre juntos!” Ele, de mochila às costas, como quem estava disposto a nunca mais me deixar, sentou-se no banco livre da minha bicicleta num pulo. “**A partir de agora tudo será diferente!**”, foi o que eu disse, confiante e triunfante, ao mesmo tempo que dava a primeira pedalada e tirava o pé do chão. Dirigi-me aos caminhos por onde costumava andar antes e mostrei-os todos a Jesus, montado no banco de trás da minha bicicleta. Sentia que ele estava encantado com os caminhos por onde andávamos, “**os meus caminhos**”, assim lhes chamava eu, e sorria a cada novidade. Mas, ao mesmo tempo, parecia que “os meus caminhos” não eram novos para ele, como quem também já os tivesse percorrido... As minhas mãos manejavam o guiador e conduziam-nos por todos os atalhos que eu conhecia bem desde a infância, caminhos que percorrera sozinho na minha bicicleta antiga mais de mil vezes! Pedalávamos contentes, ao mesmo tempo, e sentíamo-nos verdadeiramente felizes!*

Como alimento o meu acreditar?

*De repente, serpenteando pelos “meus caminhos”, Jesus começou a largar uma das mãos do seu suporte atrás de mim para me apontar veredas e ruelas que eu nunca tinha visto que estavam lá... Primeiro uma, depois outra... la-me apontando caminhos novos dentro dos “meus caminhos” que eu nunca reconhecera...*

*Entre a surpresa e a alegria, andámos nisto muito tempo... E houve uma altura na nossa vida, já nem me lembro bem quando, em que ele pediu que parássemos. Perguntei-lhe se estava cansado, e ele disse que não. Enquanto pedalávamos, por uns momentos mais devagar, ele disse-me por cima do ombro que era bom pararmos um bocado para pensarmos juntos onde havíamos de ir a seguir. Sorri-lhe... Seria mesmo preciso?! Olhei para trás de relance e vi no seu rosto que sim. Tínhamos aprendido a conhecer-nos, e percebi que ele tinha coisas escondidas para me dizer... Percebi depois. Queria dizer-me que havia mais caminhos para além dos “meus caminhos”.*

*Parámos à sombra de uma árvore, num planalto já muito sereno e verde, e fechámos ambos um pouco os olhos, como que limitando-nos a respirar fundo. Quando, passado um pouco, lhe disse “Vamos continuar!”, fez-me um pedido inesperado: **“Deixa-me ir à frente!”** Aquele “Deixa-me ir à frente” ecoou dentro de mim durante uma eternidade... Não era aquilo que eu tinha projectado quando comprei a bicicleta de dois lugares... Era suposto ser eu a ter nas mãos o guiador... “Porquê?!” perguntei-lhe eu... E ele sorriu e ficou só a olhar-me. Nos seus olhos vi reflectida num instante a História de Amizade que já tínhamos construído. Nunca me dera motivos para não confiar nele... Meio a medo, mas com um entusiasmo diferente do primeiro, lá me sentei no banco de trás da minha bicicleta... Ele sentou-se à frente, pôs o pé no pedal e, antes de arrancar, olhou para trás, piscou o olho e repetiu o que eu tinha dito na nossa primeira partida: **“A partir de agora tudo será diferente!”** Fui a lugares que nem imaginava que pudessem existir, conduziu-me de bicicleta a topos de montanhas que eu achava impossível alcançar e de lá nos fez descer serenos sem nos perdermos nem magoarmos... Fez-me sentir cheiros que nenhuma palavra pode descrever e abriu-me os olhos para um mundo novo ao qual “os meus caminhos” ainda não davam acesso... O medo e a desconfiança do princípio, debaixo da árvore, desapareceram com a experiência de liberdade e verdade profundas que ele me fazia saborear. Uma vez, enquanto atravessávamos uma enorme planície, perguntei-lhe por cima do ombro por onde andávamos.*

Fez um silêncio matreiro de suspense e respondeu-me: “**Estes são os meus caminhos**”! Ri-me à gargalhada e, a meio do meu riso, disse: “Mas agora podes chamá-los também de teus”...

*Aconteceram já tantas coisas desde que eu comprei a bicicleta nova e depois ele me pediu que o deixasse guiar... Nem com uma noite inteira de palavras contaria o que vivemos juntos. Além disso, as palavras ficam sempre tão pobres quando chega a altura de contar histórias destas... Já lá vão uns anos, e continuo no banco de trás da minha bicicleta de dois lugares. Demorou mas percebi que era este o meu lugar! Nunca me senti tão feliz... Quando, pelos dedos apontados de Jesus por cima do meu ombro, os “meus caminhos” foram dar “aos caminhos dele”, tudo começou a fazer sentido de uma maneira nova e profundamente plenificante. De vez em quando eu ponho-me a olhar para trás ou para os lados com olhar vazio... Então, ele olha de relance para mim e, ao ver-me assim, dá um “trim-trim” valente para eu perceber para onde vamos. E o “vazio” desaparece... E o “lá atrás” torna-se longe e pequeno demais para que valha a pena lá voltar... Um dia contei-lhe estas coisas todas e ele disse-me que se chamavam “**Confiança**”. E eu acreditei... Porque ele nunca me deu motivos para eu não acreditar...»*

Gostaria de viver diariamente no assento de trás da bicicleta do Mestre... Não duvido de que no assento de trás, com Ele é possível deixar-se levar ao silêncio do encontro com o Pai, à Partilha do pão na Ceia, à Betânia da Paz, à mesa de Zaquêu convertido, às colinas do povo sedento, aos pés d’Ele agradecida...

Não tenho dúvidas de que pedalar atrás de Jesus... acaba sempre por tornar-se um **Caminho** cheio de júbilo e gozo apaixonados pelo Mistério da Vida em que nos sentimos mergulhados...

Pedalar atrás de Jesus... acaba sempre por tornar-se uma **História de Amizade** em que nos sentimos mimados e confirmados na nossa entrega...

Pedalar atrás de Jesus... acaba sempre por tornar-se um **Renascimento** profundo ao nível da Mente e do Coração que dá à luz e robustece permanentemente o Homem Novo...

Pedalar atrás de Jesus... acaba sempre por tornar-se uma **Experiência irrenunciável** de Gratidão pela Verdade de Deus que nunca defrauda aqueles que se deixam encantar pelas Suas obras...

*Como alimento o meu acreditar?*

Se «a finalidade última da catequese é pôr as pessoas não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade, com Jesus Cristo» (DGC 80), se acreditar é uma relação, uma história de vida a dois, e se o anúncio se faz pela comunicação profunda do que se é, mais do que palavras proferidas, como catequista interrogo-me:

- Qual será a responsabilidade do “meu acreditar” no “acompanhar a educação para a vida na fé” de adultos, jovens e crianças (arrepia-me esta pergunta)?

Peço ao Pai que me permita um dia (todos os dias) dizer como S. João: «O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. (1 Jo 1,1;3).

***Queridos manos catequistas, olhai para as aldeias e cidades e vede milhares de catequistas a pedalar no assento de trás da bicicleta do Mestre.... Contemplai evangelizadores sorrindo e revelando o rosto Paterno e Materno de Deus a todos os que cruzam no caminho ...***

***Acreditem... muitas bicicletas percorreram as sendas dos dias... Porque o Reino acontece no meio de nós!***

Agradeço o terem-me pedido esta partilha... é mais um incentivo do Mestre para que possa dizer e viver, ou melhor, para que O deixe ser e dizer-se em mim: “Creio” (mas aumenta em mim a fé)!

# **Como alimento a minha fé / o meu acreditar? Como concilio a evangelização, com a vida familiar e profissional?**

DUARTE VIDAL VIEIRA (\*)

Um painel. Para quê!

Para vos contaminar, com um ‘vírus’ muito agressivo, mas que salva!

Para vos deixar uns rebuçados e bolos, que engordam, mas não fazem aumentar de peso e podem ser utilizados, sem limite, pelos diabéticos e obesos.

Algumas das minhas fontes:

- Recordo e recebo a transmissão oral daqueles que me ensinaram e ensinam;
- A Palavra que leio e escuto, com assiduidade;
- Encontros, retiros, cursos, formação regular;
- A vida dos Santos venerados e dos “ocultos” (despidos de “Palhaço”) do nosso tempo e que reconheço (saudosos, santos sacerdotes - Leonardo, D Manuel, D, Francisco, Sebastião, Gualdino, Domingos, Arménio, Valdemar, Teixeira, Miguel, M. Fonte, Filipe) e outros irmãos.
- Pessoas (não indivíduos); meus irmãos, que Deus coloca no meu caminho.
- **“Deus coloca no nosso caminho aqueles que precisam de nós”.**  
**D. António Marcelino**
- Os Sacramentos.

---

(\*) Médico. Dirigente no Corpo Nacional de Escutas.

*Como alimento a minha fé / o meu acreditar?*

- A invocação frequente do Espírito Santo, as visitas ao Santíssimo Sacramento.
- Os seios mirrados e quase secos, pelos 90 anos, da minha santa mãe.
  
- ACEITO
  - **Aceito a vocação**, chamamento de Deus nosso Pai, e, por isso, partilho estes momentos convosco.
  - **Aceito a sua recomendação:**

“Toma cuidado contigo. Cuida para tua salvação, de nunca esqueceres os factos que viste com os teus olhos; que jamais saiam do teu pensamento em todos os dias da tua vida; ensina-os aos teus filhos e aos filhos dos teus filhos.” (Dt 4, 9)
- Dizia a verdade, Sócrates, ao afirmar:

“Homem algum pode ter propósito mais nobre do que aquele que se preocupa com a educação correcta não só dos seus, mas também dos filhos dos outros homens”.
- **Aceito e acredito, a Fé em que estou e professo, como um dom / / virtude de Deus; tal como a Esperança e a Caridade.**
  - Numa atitude de:
    - Simplicidade (não de simplismo)
    - Humildade
  
- ACREDITO
  - Como Baden-Powell, acredito, “que o homem de pouco vale se não acreditar em Deus...” (cf. Rasto do Fundador, p. 152).
  - Que a fé é o orgulho do Cristão e orienta toda a sua vida. (I Princípio do Escutismo)
  - Como Baden-Powell, acredito,
    - que a fé, “é uma questão de convicção íntima, (educação), que se vive no dia a dia, e não de instrução (‘um verniz’, ir

apenas à Igreja ou saber a história bíblica', sem convicção"); por isso, **"a fé/religião 'pega-se', 'não se ensina'!** (cf. Rasto do Fundador, p. 154).

- O **catequista** tem de mostrar, com autenticidade e sem ostentação, que assim procede.
- O **catequizando** tem que "ler" isso na vida do catequista e querer ser assim, como ele.
- Testemunho (de Profeta) de vida com alegria e entusiasmo.
- **Acredito que, pelo Baptismo, me tornei Filho de Deus e vosso irmão, membro da Igreja de Jesus Cristo.**
- **E, por Ele, também, Profeta e participante nos Seus Sacerdócio e Realeza.**
- **Enquanto Profeta, que, por acção do E. Santo:**
  - **Evangeliza:**
    - **Anuncia**
    - **Denuncia**
    - **Testemunha e é consequente.**
- **Aceito e acredito, como Paulo, que tenho que responder "à chamada"; "ai de mim se não evangelizar!" (1 Cor 9, 16).**
- Acredito que Deus me ama, "antes ainda de estar no ventre materno, tatuando o meu nome na palma da Sua mão" (Is 49, 1-2).
- Acredito que Deus, "ainda no ventre materno, pronunciou o meu nome e disse-me: 'É pouco que sejas meu servo; vou fazer de ti luz das nações (...)' (Is 49 - 1,6).
- Acredito e sinto que "Deus me seduz, e eu me deixo seduzir" (Jer 20, 7).
- **Aceito e acredito que Deus quer precisar de mim, apesar das minhas limitações e fraquezas, e me aceita assim.**
- **"... Irás aonde Eu te enviar, e dirás o que Eu te mandar."**  
**"Não os temas" (Jer 1, 7-8)**

*Como alimento a minha fé / o meu acreditar?*

- **Sinto, que os joelhos são alavancas que diminuem muito o meu esforço e aumentam imensamente a força que eu não tenho.**
- Acredito que Deus se torna presente através dos Seus “sinais”, por isso, pratico os Sacramentos que estão ao meu alcance.  
**(Eucaristia; Reconciliação; Matrimónio; Unção)**
  - Acredito que Deus me deixa entrar na Sua intimidade, quando rezo, e
  - acredito que Deus retribui e me fala no Silêncio da Oração. Enquanto oro não rezo. (testemunho Ouca)
  - Presto atenção e leio todos os acontecimentos, os mais simples; oriento-me pelo lema: “nada acontece por acaso!”. **Para quê?**
  - **Compreendo os sinais das “3 palavras mágicas”** (jogo gato/ /rato!)
  - **Acredito e fascina-me os inúmeros momentos “próximos de Deus”, que saboreio como rebuçados, um pastel ou um banquete!**
  - Acredito e sinto que Deus, Espírito Santo, me assiste, me esclarece e actua em mim, sendo isso perceptível pelos outros.
  - Acredito e sinto que “Deus não fala, mas tudo, na Natureza, me fala de Deus, e Ele está nas pequenas coisas”! (lições e cepa torta)
  - “Pela obra da criação, se conhece o Criador” (S. Tomás de Aquino).

**LIÇÕES DA NATUREZA. EXEMPLOS DE CATEQUESES:**

- Podar uma videira
- Uma raiz que parte rochas
- Uma árvore que tomba ou cai sobre outras
- O mimetismo das plantas ou animais
- O mar ou um monte

- Uma folha seca que foi verde
- A fotossíntese
- A acção do vento

Acredito e aceito (porque fui avisado) que, muitas vezes, não é fácil: “envio-vos como cordeiros para o meio de lobos” (Mt 10, 16).

**Acredito e aceito, que este Cristo Glorioso, ...**

**abandonou a Cruz, para que eu possa experimentá-La nas adversidades da vida, ainda que desanimado, sem desespero, confiando-me ao Pai.**

Acredito que Ele acende em mim um “Fogo” mais intenso no reencontro após os “momentos de deserto” / “noite escura” ou, ainda pior, nos momentos desesperantes, em que queremos Deus fora das nossa vidas (não só das escolas), porque estorva, humilha!

“Então recorrerás ao Senhor, teu Deus, e voltarás a encontrá-Lo, se O procurares com todo o teu coração e com toda a tua alma. No meio da tua angústia ... E do infortúnio ... Voltarás ao Senhor, teu Deus, e escutarás a Sua voz. ... É um Deus clemente e não te abandonará, nem permitirá que te percas” (Dt 4, 29-31).

Acredito e aceito, humildemente, que, se Ele, como os Profetas, passaram por tantas provações e ofensas, injustamente, quem sou eu, para as não experimentar? “Quero, por acaso, ser superior ao Mestre”? (Jo 15, 20).

### Na fé

Acredito e oriento-me pelas (pelo menos) 13 “Bem-Aventuranças”: do cap. V de S. Mateus. E por estas outras:

- “Felizes os que acreditam, sem terem visto” (Jo 20, 29)
- “Felizes os olhos que vêem o que estais a ver” (Lc 10, 23)
- “Felizes os que estiverem vigilantes, quando o Senhor vier” (Lc 12, 37)
- “Felizes os que ouvem estas coisas e as põem em prática” (Lc 11, 28 e Jo 13, 17).

*Como alimento a minha fé / o meu acreditar?*

### Na Esperança

- Oriente-me pelas virtudes Cardeais
- **Prudência**
- **Justiça**
- **Temperança**
- **Fortaleza**
- Abro-me à acção do Espírito Santo, (7 dons e 12 frutos, entre estes a fé).

### Na Caridade

- Pelas prática das Obras de misericórdia ( Mt 25, 31-40).

### **CONCLUINDO:**

- Acredito que: «Tudo é possível a quem crê!»
- Com a simplicidade de Maria, guardo silenciosamente todas estas coisas, (e algumas, ainda não as entendi), dando Graças e Glória a Deus.
- “Tu és Meu servo, em ti serei glorificado” (Is 49, 3).
- Sinto alegria e assombro, não tanto “pela grandeza dos acontecimentos”, mas na enorme Esperança da misericordiosa recompensa de Deus, já nesta vida, a quem, por Sua causa, “deixar pais, filhos, esposas” (...) (Mc 10, 28).
- Sinto alegria e assombro, não tanto “pela grandeza dos acontecimentos”, mas pela enorme Esperança de que o meu nome “esteja escrito no Céu” (Lc 10, 20).
- Porque, disse Jesus:
  - «Se acreditardes, podereis fazer as coisa que Eu faço e até maiores!» (Jo 14, 12).

## Educar para a oração

IR. ALDA REGO, MR (\*)

**A oração é um encontro de pessoa a pessoa. Ensinar a rezar não é ensinar orações.** A oração não é um encontro de fórmulas bonitas e tampouco é um encontro com uma ideologia apaixonante .

A oração é “uma forma de respiração necessária para viver” (K. Barth); é a respiração da alma. Ninguém duvida da necessidade de respirar. Quem não ora, é como quem não respira.

A oração é fruto espontâneo do amor. Quem reza é porque ama. E “aquele que não ama está morto” (1 Jo 3, 15).

A oração deve ser para nós um encontro pessoal e comunitário nas Mãos do Pai, que sendo o Oleiro, constantemente nos modela no Seu amor. Não é um monólogo, mas um diálogo de amor. É um encontro entre duas “pessoas” que se amam e que desejam estar juntas. Elas querem permanecer unidas e esse amor é como que uma canção silenciosa, de melodia suave e agradável, para aquele que se deixa amar. Ouvir essa música é deixar que a oração entre na vida para que a vida se torne oração.

Na oração não existe uma fórmula específica para que possamos iniciar uma conversa com Deus. É claro que existem meios que facilitam o encontro. Podemos, por exemplo, experimentar mais rapidamente a oração em profundidade, quando encontramos um ambiente favorável e preparamos esse momento de coração aberto. A oração é o encontro dialogante e íntimo entre a pessoa e Deus. Para isto não importa o local e a hora, mas a atitude de abertura e de escuta, a circunstância em que acontece o encontro e o sentido que se dá ao mesmo. A verdadeira oração brota do interior da pessoa, a partir da sua realidade, da necessidade do encontro e diálogo com Deus.

---

(\*) Co-Directora do Secretariado Diocesano da Catequese da diocese do Algarve. Religiosa das Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus.

## A CRIANÇA É CAPAZ DE DEUS

Nascemos com a grandeza do Amor no coração. Quando a Fé desperta na criança, já o coração conheceu o que é o Amor.

Desde muito cedo a criança vai sentindo, apreendendo, intuindo o que é o Amor; vai provando desde muito cedo este “gosto” e a alegria de se saber amada.

É com este “selo de Deus” no coração, amando-as de verdade, que somos a fonte onde as nossas crianças vão “beber” o amor de Deus.

As nossas crianças já têm um lugar no coração de Deus; um Deus cheio de amor que vela por elas e lhes quer propor que participem na Sua Vida e na sua Alegria. É bom que todos nos ajudemos a proporcionar às nossas crianças a escuta de Deus no seu coração.

A oração nada tem a ver com infantilizar a criança.

O que temos é de lhe proporcionar desde muito cedo uma formação de qualidade numa linguagem adequada.

***O Papa Paulo VI falava dos quatro tempos da educação para a Oração, na Infância:***

**Tempo de narrar / tempo de compreender/ tempo de deixar-se atrair/ tempo de comunicar...**

Desde muito pequenas, as crianças podem conhecer e amar a Deus; esta é a experiência básica que orientará e iluminará toda a sua vida.

Quando temos em conta as exigências mais profundas da criança: ***necessidade de amar e ser amada, necessidade de criar e sentir-se útil, necessidade de se encontrar consigo mesma e de marcar o seu próprio rumo, necessidade de se expressar através de distintas linguagens que lhe permitam dizer a sua palavra interior - sentimentos, desejos, temores, admiração...*** Só então começamos a comunicar-lhes, a falar-lhes de Deus como Pai...

***Aqui, a presença da comunidade cristã é essencial para acompanhar as crianças no caminho da oração.***

Às vezes, nós, os adultos, vivemos muito distantes do seu mundo e não sabemos caminhar com as crianças; outras vezes, queremos que caminhem

ao mesmo passo que nós tínhamos quando éramos pequenos; ou, ainda, despreocupamo-nos do seu ritmo e deixamo-las caminhar sozinhas.

Com as suas perguntas, são capazes de desconcertar a nossa segurança, de ver o nosso verdadeiro rosto por debaixo das nossas máscaras.

O optar por uma vivência comunitária da fé, o tomar consciência de que a comunidade é o âmbito específico donde contagiar a fé, é fundamental para transmitir e ensinar a rezar, para levar à oração.

**Os catequistas (e os Pais) são testemunhos privilegiados da vida nova que brota na criança.** Esta vida divina é um presente, um dom de Deus, que há que agradecer, uma pequena semente que há que cuidar. Quer nos custe ou não reconhecê-lo, a nossa geração tem muito pouco a dizer às nossas crianças ... numa família e numa sociedade de armamentos, de consumo, de violência, de competência, de não saber para onde caminhamos ...etc,etc.

**A oração vai muito para além das formulações vazias** ... uma criança capta e intui de uma maneira misteriosa o que há de mais autêntico nas nossas atitudes e fá-lo com uma certa facilidade.

A oração só pode surgir, só pode dar-se, num clima de verdade. Um educador cristão aborrecido nunca poderá transmitir nada. Quando vê em nós um brilho no olhar ao falar de Jesus, a criança está a intuir algo importante. A Boa Nova, o Evangelho tem que trazer um ar fresco, uma novidade, uma boa notícia, um encanto.

A incoerência e a falta de compromisso com o que dizemos acreditar, afectam a criança.

**Podemos ainda dizer que a oração é um ensino e uma aprendizagem.** Quantas vezes nós aprendemos da oração que brota da criança; ela é uma força que nos ajuda a vivermos a autenticidade, a utilizarmos uma linguagem de verdade e de simplicidade. *“Da boca das crianças de peito tiramos o louvor”* (Sal 8,3). Ensinamos dando-lhes o melhor que temos e sabemos... Mas, quem não tem, não pode dar!

O melhor modo de ensinar uma criança a descobrir que estamos talhados para comunicar com alguém que nos ama, nos protege e é maior que nós, é ensiná-las a orar, através do nosso testemunho e da nossa palavra. Depois de serem bem iniciadas na oração, as crianças começam a ser capazes de orar sozinhas.

Não consigo deixar de partilhar convosco a “Carta do Abbé Pièrre a Roger Garaudy:”

Querido Roger, tu e eu, por caminhos diferentes, mas que conduzem à mesma meta, continuaremos a dizer tudo o que sabemos, ao menos enquanto a idade não nos prive da palavra e não nos confine no silêncio da oferenda e da adoração. Tu e eu continuaremos a falar, porque, apesar das nossas debilidades, teremos algo que dizer e uma resposta interior que oferecer. **Temos necessidade de Deus?** As respostas que temos que alterar a voz em grito são: «**Sim! Sim!**». E o teu livro lança este grito com inteligência, erudição e apaixonada ternura: **Sim!** a humanidade necessita de Deus! Donde vivo, há muitos velhos como eu, **e também há crianças. Por aqui passam crianças de todas as idades e sempre me surpreendem com os seus porquês, a sua palavra preferida. Eles fazem-me sentir a gravidade da inconsciência com que sabemos mentir. Porque eles sempre perguntam o porquê. E esta pergunta, que quase podíamos clarificar de sagrada e que encerra a busca de finalidades e de motivos, esta pergunta, mediante a qual descobrimos a alegria ... esta pergunta é sempre embaraçosa.** Por isso, por vezes saímos pela tangente e respondemos aos porquês com um desses inumeráveis «truques» descobertos e postos em marcha pelas nossas sociedades. ... **Gracias, Roger, pela criança que sempre tenho sido. Claro que sim! Necessitamos de Deus!** Ele tem-me ajudado a adorá-lo dentro de mim. Oxalá lhes passe o mesmo a outras muitas pessoas! Abraço-te e tenho-te sempre ao meu lado, a ti e aos teus, no silêncio da oração.

(Abbé Pièrre).

**Ainda uma outra passagem:** “Comove-me ainda hoje o pensar na atitude de meu pai. Ele, que chegava sempre esgotado das fainas do campo, depois da ceia, ajoelhava-se com os cotovelos apoiados sobre o assento de qualquer cadeira, as mãos na frente, sem um olhar para quantos estávamos ao seu redor, sem um movimento. Eu pensava: meu pai que é tão forte, que manda em todos cá em casa, que até se mostra tão valente quando as coisas correm mal, tão pouco tímido diante dos grandes e dos ricos do povo... e aqui faz-se tão pequeno diante de Deus. Como fica tão mudado! Deus para meu pai tem que ser alguém de muitíssima importância, pois ajoelha-se diante dele, e de muita confiança, para que lhe fale em traje de festa” (Duval).

Hoje, faltam testemunhos destes...

## A ORAÇÃO NA CATEQUESE

- **A oração é parte essencial da Caminhada de Fé, da Catequese, não é um “rito,” para começar ou terminar a Catequese...**
- **A oração na Catequese é “sempre nova” porque nasce do conjunto da Vida com a novidade da Palavra de Deus!**

**A Oração não é algo aborrecido**, não é um jugo, mas sim uma formosa aventura.

- \* Todo o processo catequético é (ou deve ser) uma **ESCOLA DE ORAÇÃO**, que inicia os catequizandos a entrarem em relação com o seu Senhor.
  - \* É sempre Deus quem toma a iniciativa de vir ao encontro do homem... Por meio da Oração decidimos “aceitar” a Sua proposta e responder ao Seu Amor.
- **A oração na Catequese é a “Resposta que eu dou a Deus, depois de O ter escutado”** Ninguém dá uma resposta a alguém, sem que esse Alguém o tenha interpelado...
  - **A primeira resposta de fé à Palavra de Deus é a oração.**
  - **A Expressão de Fé e o tempo de oração vão-se alternando com o interrogar da vida, o escutar da palavra e a resposta a dar ao Senhor.** (cf. E. Alberich)

**É fundamental *portanto*** ir despertando no catequizando, em cada encontro catequético, o gosto de conversar com Deus; o abrir-se para O escutar; o senti-IO e o expôr-lhe as suas pequenas alegrias e vitórias...

“ Há pois que exercitar o catequizando” na percepção do “rosto de Deus na sua vida.”

**No entanto é necessário educar para determinadas atitudes que preparam e facilitam a oração.**

- \* **A primeira atitude é a do silêncio interior e a de reflectir – A escuta...**
- \* **A segunda atitude é o responder – o falar a Deus sobre as suas pequenas experiências, deixando a criança livre para que possa**

*expressar a Deus o que sente ... e o que lhe quer dizer: louvar/  
/agradecer, suplicar , pedir perdão...*

**Mas, antes de mais, há que despertar para o desejo de rezar – desenvolver a Motivação. Depois, como nosso testemunho:**

- *Pormo-nos na presença de Quem nos ama;*
- *Numa atitude de pobreza e simplicidade;*
- *Criar abertura à Acção do Espírito Santo;*
- *Dando muita atenção aos gestos e atitudes;*
- *Usando os Símbolos que possam ajudar...*

Não será certamente a mesma oração com crianças ou com adolescentes. Algumas formas de Oração são comuns, outras específicas.

**Todo o Acto Catequético (*Itinerário*) deve estar impregnado de um “clima de oração”, isto é, deve favorecer e realizar, no seu desenvolvimento, o diálogo com Deus.**

***No entanto, vamos situar-nos nos momentos próprios do Itinerário catequético que todos nós conhecemos:***

## **EXPERIÊNCIA HUMANA/ PALAVRA/ EXPRESSÃO DE FÉ**

### **a) A EXPERIÊNCIA HUMANA**

***Experiência Humana é sinónimo de Vida Humana!***

Como tantas vezes repito: ***“Antes de aprofundar a Fé há que aprofundar a vida...”***

**Quem não for capaz de aprofundar a vida tão pouco será capaz de aprofundar a Fé...**

A Vida é lugar teológico, logo, é lugar onde Deus se revela, onde Deus fala...

Deus fala na Sagrada Escritura, na Liturgia, nos Documentos e vida da Igreja, mas fala, também, nas pessoas e nos acontecimentos...

***Daqui a necessidade de aprofundar a vida.***

***“A Experiência Humana favorece a inteligibilidade da Mensagem cristã. Corresponde ao modo de agir de Jesus.”***

Como todos sabemos, o primeiro passo de todo o encontro de catequese é o da experiência da vida, próxima de cada um dos destinatários da catequese.

*O olhar atento à experiência da vida vai já suscitando nos catequizandos a oração de petição, de intercessão e de súplica...*

As experiências de bondade e de beleza das coisas criadas podem gerar a acção de graças, a bênção, a adoração e o louvor.

Para todo o que crê, tudo lhe fala de Deus e o conduz a Deus. Para quem ama a Deus, tudo, na sua vida, é motivo para bendizer e adorar, para pedir, para interceder, para a acção de graças e o louvor, etc.

## **b) A PALAVRA DE DEUS**

**A oração é diálogo e encontro entre Deus e o homem.** Por isso, quando, na catequese, proclamamos a Palavra de Deus inicia-se logo aí um momento de especial intimidade. Deus fala ao coração de cada um e comunica-se, ofertando não só a mensagem salvadora, mas a Sua própria vida

A Palavra de Deus tem de soar no momento presente como um autêntico programa de vida e tornar contemporâneo o Senhor Ressuscitado.

A Palavra vem dar sentido pleno à Experiência humana e traz uma Mensagem que esclarece, clarifica e diz as intenções de Deus a nosso respeito, provocando o Encontro pessoal com o Senhor. Encontro que exige interiorização.

***Quando proclamamos, escutamos, interiorizamos e nos convertemos à Palavra, estamos já a fazer oração.*** Esta é, aliás, a oração por excelência, dado que esta Palavra é o Verbo Encarnado, em quem tudo nos foi revelado e por quem temos o único acesso ao mistério de Deus.

**O coração da catequese é o encontro com a Palavra de Deus.** Como diz alguém:

“Iniciado o diálogo por parte de Deus, a porta está aberta para que lhe respondamos cheios de confiança e para que entremos em comunhão com Ele. Há que favorecer este momento de intimidade e saber aproveitá-lo.”

Uma Palavra bem proclamada, acolhida e meditada, é fonte inesgotável de uma oração viva. No entanto há que criar as **condições necessárias** à hora de entrar em comunicação com o Senhor:

- *Fazer um momento de silêncio para proporcionar a escuta atenta e serena da Palavra;*
- *Tomar consciência de que é Deus que nos fala na Palavra que é proclamada;*
- *Destacar a presença da Sagrada Escritura, colocando-a em lugar visível e adequado;*
- *Acender uma vela ou círio antes de proclamar a Palavra, cantando por exemplo: “A vossa Palavra, Senhor, é luz para os meus caminhos”;*
- *Ler devagar a passagem indicada;*
- *Terminada a proclamação, beijar com respeito e veneração a Bíblia.*

### **c) A EXPRESSÃO DE FÉ**

Como é já do nosso conhecimento, a Expressão de Fé é uma proposta de vida que se exprime em três momentos:

- 1. Celebrando a Fé – “Em expressão festiva”;**
- 2. Assumindo uma atitude de compromisso;**
- 3. Fazendo um esforço para reter o essencial.**

Tudo no encontro de catequese é importante, mas podemos dizer que o momento **“mais importante”** é aquele **em que o Senhor me fala e em que eu lhe dou a minha resposta**”. Tudo o que vem antes, “prepara”, e o que vem depois, “completa”.

O momento da expressão de fé inclui e implica a oração, como resposta vital à Palavra proclamada. É um momento absolutamente crucial, no sentido de que deve despertar e gerar o desejo duma resposta de comunhão e intimidade com o Senhor que falou e se comunicou na Sua Palavra.

A oração é, de verdade, a Expressão de Fé na Palavra escutada e acolhida. É neste momento que acontece o **GRANDE ENCONTRO**. Por isso dizemos que a Celebração da Fé, a Oração, é parte essencial da caminhada de Fé. Daqui se conclui que a Oração não pode aparecer em qualquer momento... nem ser ponto de partida. Ela é o momento mais alto, a resposta que dou a Deus depois de O ter escutado.

A chave do sucesso na oração é aprender a pôr, confiadamente, a vida nas mãos de Deus. Na oração com as crianças, o ideal é ensiná-las a comunicar como comunicam com as pessoas que mais amam. É fundamental que, na oração, a criança utilize as palavras que usa com os pais e as pessoas amigas. Não é bom tornar as orações repetitivas, pois leva ao desinteresse. E temos de evitar que os tempos de oração sejam demasiado longos, a fim de não provocar a saturação.

*No momento da Expressão de fé, é o expressar de uma atitude de: Louvor/ Acção graças/ Súplica, etc.etc.*

\* O Canto, por exemplo, pode ser uma bela forma de oração. *Um suave fundo musical pode ajudar a criar um clima de silêncio que favoreça o desenvolvimento da oração e inclusive a sua expressão.*

Mas, há várias formas de Oração:

- *Oração Litânica*
- *Oração de fórmulas...*
- *Oração cantada*
- *Versículo de um Salmo*
- *Oração espontânea*

*Por exemplo:*

*Se for uma oração espontânea, à medida que o catequizando se for expressando pode-se ir intercalando um refrão apropriado, cantado.*

- O compromisso, incluído na ‘expressão de fé’, pode e deve ser também um passo oportuno para trabalhar a oração. De facto não se pode deixar que a oração seja apenas uma conclusão da catequese (até porque não pode ser). O Encontro na Catequese é para continuar, para levar para a vida.
- É bom ensinar e orientar as crianças para falarem muitas vezes com Jesus durante os dias da semana.
- **É fundamental** criar no catequizando a convicção de que em qualquer situação e lugar pode fazer a experiência de Deus, sendo portanto possível, rezar.

***Toda a catequese é, pois, um diálogo ininterrupto com Deus, que se inicia orando a partir da vida (Experiência Humana), se alimenta e desenvolve na Palavra e se expressa com todas as suas formas e riqueza na oração, celebração da Fé – síntese e compromisso (Ver CT nº 55).***

O testemunho do Catequista é de suma importância. Primeiro, procurando despertar o desejo de rezar e, de seguida, colocando-se na presença do Senhor com um coração de criança.

Em Catequese, celebrar assim a Fé é responder a um convite de Deus que nos chama e nos desafia a entrar no seu amor, a uma adesão a uma Comunidade – Igreja – possibilitando assim a integração da fé na vida.

# O sacramento da Reconciliação na infância

P. JOSÉ HENRIQUE DOMINGOS PEDROSA (\*)

Integrado nas Jornadas Nacionais de Catequistas de 2010, com o tema, «A espiritualidade do Catequista – Vivência e transmissão da Fé», foi-me pedido a orientação de um *atelier* sobre o sacramento da Reconciliação com a infância. Nesse sentido, elaborei uma síntese de alguns textos e materiais de apoio ao trabalho a apresentar e desenvolver durante o tempo do *atelier*, sem a preocupação de escrever uma conferência de aprofundamento sobre o sacramento em si ou artigo de carácter científico. Para além das propostas, este tempo de *atelier* será sobretudo para, no diálogo e partilha de experiências, abrir horizontes e procurar ajudar a construir soluções, sendo o texto apenas para a motivação inicial.

## 1. Objectivos gerais do *atelier*

1. Conhecer a abordagem global dos catecismos da infância, do actual itinerário catequético, ao sacramento da Reconciliação;
2. Aprofundar o sentido teológico e pastoral do sacramento da Reconciliação;
3. Estudar formas de envolvimento dos pais na preparação e celebração do sacramento da Reconciliação dos seus filhos;
4. Preparar a celebração da «Festa do Perdão» do 3º ano da catequese;
5. Preparar celebrações do sacramento da Reconciliação com grupos do 4º, 5º e 6º anos da catequese;
6. Possibilitar o conhecimento de experiências e iniciativas diversas na celebração do sacramento da Reconciliação com a infância.

---

(\*) Catequeta. Padre Diocesano. Director do Departamento de Educação Cristã da diocese de Leiria-Fátima.

## 2. Ficha sequencial do atelier

| Objectivo  | Conteúdos   | Dinâmicas   |
|--|---|---|
|  | Apresentação inicial  | Diálogo com projecção PPT   |
|  | Apresentação dos objectivos gerais e do itinerário proposto para o atelier                    |   |
| 1  | Panorâmica geral do percurso proposto pelos catecismos do 1º e 2º ano                         | Diálogo com projecção PPT e apresentação dos catecismos e outros materiais didácticos |
|  | O catecismo do 3º ano   |   |
|  | Os catecismos do 4º ao 6º ano   |   |
| 2, 3 e 6   | A atitude de Jesus perante o pecado e perante o pecador                                       | Apresentação do texto de Zaqueu em PPT  |
|  |   | Trabalho de grupos  |
|  |   | Plenário  |
|  | O sentido teológico e pastoral do sacramento da Reconciliação                                 | Diálogo com apresentação PPT  |
| Os pais na preparação do sacramento da Reconciliação | Diálogo com convite à partilha de experiências  |   |
| 4 e 6  | A «Festa da Reconciliação» do 3º ano  | Apresentação PPT e catecismo do 3º ano  |
|  | - A proposta do catecismo   | Diálogo e partilha  |
|  | - Uma experiência concreta  |   |
|  | - Outras vivências e experiências   |   |
| 5 e 6  | O Ritual do sacramento da Reconciliação: os elementos essenciais numa celebração com crianças | Diálogo com apresentação PPT e Ritual   |
|  | Preparação de uma celebração com as crianças do 4º, 5º e 6º anos                              | Trabalho de grupos a partir dos catecismos do 4º, 5º e 6º anos                        |
|  |   | Plenário  |
|  |   | Diálogo e partilha de experiências  |
|  | Conclusões  | Zum-zum e recolha das principais conclusões   |

### **3. O sacramento da Reconciliação no itinerário catequético do 1º ao 6º anos**

Durante a primeira etapa do itinerário catequético actualmente em vigor, do 1º ao 3º ano, um dos objectivos gerais apresentados é o de inserir a criança gradualmente na vida litúrgica da Igreja: «oração, descoberta do significado do Baptismo, preparação para a celebração da Eucaristia e da Reconciliação». Vou centrar-me sobretudo na análise do 3º ano, que inclui um ciclo de quatro catequeses que prepararam para a celebração deste sacramento, sendo a última destas catequeses a própria celebração da Reconciliação.

Para os restantes anos da catequese da infância, do 4º ao 6º ano, os catecismos ainda em vigor não abordam directamente este sacramento.

Apresento apenas um breve levantamento das catequeses mais directamente relacionadas com a compreensão e vivência do sacramento da Reconciliação.

#### ***Jesus Gosta de Mim – 1º Ano***

O primeiro ano da catequese não se refere directamente ao sacramento da Reconciliação, mas alguns dos conteúdos aprofundados são essenciais para a compreensão e vivência deste sacramento. Podemos considerá-los como uma «preparação remota» para a Reconciliação na medida em que começam a criar o espaço interior necessário para a vontade de estar próximo de Jesus, o grande Amigo que nos ama, até dar a vida por nós. Começa também a educar para atitudes e comportamentos próprios do grupo dos amigos de Jesus, assim como para uma integração na comunidade cristã, lugar onde se celebra o Amor com que Deus nos acolhe.

#### ***Ensina-nos a rezar – 2º Ano***

O caminho feito durante o primeiro ano é aprofundado no segundo ano, e a oração do Pai Nosso vai dar a possibilidade de continuar uma preparação progressiva para o sentido do pecado e do perdão de Deus, bem como da consciência de se entrar na Igreja pelo Baptismo e de se ser convidado a viver a Lei do Amor.

Salientam-se algumas catequese neste percurso do 2º ano que podem constituir um passo na «preparação remota» para o Sacramento da Reconciliação:

**Catequese 19:** “Perdoai-nos as nossas ofensas”, que apresenta como objectivos:

- Tomar consciência dos próprios pecados para deles pedir perdão a Deus;
- Acolher e compreender a prece “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”;
- Dispor-se a viver o perdão de Deus no perdão ao próximo.

De referir também o facto desta catequese propor duas alternativas para um exame de consciência com as crianças.

**Catequese 20:** “Não nos deixeis cair em tentação”, que inclui entre os objectivos «Rezar a Deus para que ajude a não cair nas tentações», e propõe o encontro com o texto das tentações de Jesus (Mt 4, 1-11).

### ***Queremos seguir Jesus – 3º Ano***

#### *a) O desenvolvimento moral nas crianças do 3º ano*

No itinerário catequético actual faz-se uma opção pela integração da preparação e celebração do sacramento da Reconciliação no 3º ano da catequese precisamente porque, como afirma a introdução do Guia do Catequista, nesta idade, a criança, no seu desenvolvimento moral, «desperta para o sentido da responsabilidade e da justiça, começa a distinguir o bem do mal e a consciencializar a opção das suas acções – inicia o desenvolvimento da sua consciência moral através da percepção que vai tendo das emoções morais – empatia, culpa, vergonha – que determinados actos seus geram, e de um modo bastante físico, como a ansiedade provocada pela culpa e o mal-estar que esta provoca. Por outro lado, se as crianças experimentam muitos dos sentimentos morais dos adultos, também são capazes de ter vontade própria, usando-a para fazer escolhas morais: partilhar, ser generoso, ter cuidado com alguém, ser honesto perante as pressões dos outros, ser leal e muitas outras, percebendo, cada vez melhor, o valor moral das acções e fortalecendo um crescente sentido de responsabilidade e justiça na relação com os outros».

Com estas características, pode então fazer o caminho para a celebração deste Sacramento com todas os elementos que o integram: a contrição, a confissão, a satisfação e a absolvição (introdução ao Ritual da Celebração da Penitência).

*b) Preparação próxima*

O 3º ano dedica um conjunto de quatro catequese ao sacramento da Reconciliação. As três primeiras são de preparação, a última a própria celebração.

**Catequese 18:** «Confesso que pequei», é a primeira catequese deste ciclo e vai aprofundar a questão do pecado. Tem como objectivos:

- Reconhecer que o pecado nos separa de Deus e de Jesus e nos faz infelizes;
- Descobrir as diferentes formas de pecar;
- Aprender a reconhecer e a confessar os próprios pecados.

Fazem-se algumas referências a catequese anteriores, entre as quais é de destacar o retomar do lenço branco do Baptismo, mas desta vez a ser usado com algumas nódoas negras.

Na experiência humana é proposto um exame de consciência, a partir do qual se explica o sentido do pecado. Na Palavra, fazendo um percurso por outras catequese anteriores, propõe-se o exemplo de Pedro, e o texto da negação (Mt 26, 69-75). A expressão de fé centra-se na oração da Confissão («Confesso a Deus todo-poderoso...»), sendo explicado o que é o pecado por «pensamentos, palavras, actos e omissões»; este momento termina com a entrega de uma pagela que são convidados a preencher num momento de oração. Essa pagela será usada na celebração do sacramento da Reconciliação.

**Catequese 19:** «Meu Deus, porque sois tão bom...», continua a preparação do sacramento da Reconciliação iniciada na catequese anterior, tendo como objectivos:

- Compreender o significado das orações expressivas do arrependimento e do pedido de perdão;
- Aperceber-se da importância da morte de Jesus para o perdão dos pecados;

- Dispor-se a acolher o perdão que Deus oferece, nomeadamente pelo sacramento da Reconciliação.

Vão ser novamente usados os lenços, assim como a pagela preenchida na catequese anterior onde as crianças escreveram os seus pecados. Vai ter um lugar de destaque o crucifixo.

Na experiência humana é retomada a pagela onde as crianças escreveram os pecados e onde está também a oração «Confesso a Deus todo-poderoso...», que é rezada no final de um momento de silêncio para recordar os pecados. No momento da Palavra é introduzida a dimensão do perdão que, depois de afixado o crucifixo, se liga à morte de Jesus: «foi ao morrer por nós que Jesus mais perdoou»; e, retomando o exemplo de Pedro, proposto na catequese anterior, lê-se o texto de Jo 21, 15-17 com a tríplice pergunta de Jesus a Pedro. A expressão de fé centra-se na oração do Acto de Contrição, terminando com o compromisso de convidar os pais para o próximo encontro de catequese e para a Festa da Reconciliação.

**Catequese 20:** «Tenho muita pena de vos ter ofendido», é a última antes da celebração do sacramento da Reconciliação e, por isso, tem como objectivos:

- Preparar a celebração do sacramento da penitência, compreendendo os seus principais ritos e o respectivo significado;
- Incentivar a acolher o perdão de Deus oferecido neste sacramento;
- Envolver os familiares das crianças na preparação e na celebração.

Retomam-se muitos dos elementos e materiais das duas catequese anteriores. Propõe-se a utilização de imagens relativas à parábola do pai Misericordioso e à celebração do sacramento da Reconciliação. A proposta para esta catequese tem a particularidade de se realizar com a presença dos familiares das crianças e do padre que irá presidir à celebração da Festa da Reconciliação.

Na experiência humana, após a saudação aos presentes, recorda-se o caminho feito nas últimas catequese: o reconhecer dos próprios pecados, as orações já aprendidas (da Confissão e do Acto de Contrição), o significado do crucifixo e a história de Pedro. No momento da Palavra, explicam-se os

momentos iniciais da celebração da Festa da Reconciliação e apresenta-se a parábola do Pai Misericordioso (Lc 15, 20-24), centrado-se na festa do regresso do filho à casa do pai. O momento da expressão de fé irá continuar a apresentar os momentos da Festa da Reconciliação, com uma atenção especial ao momento da celebração individual do sacramento da Reconciliação.

*c) Celebração do Sacramento da Reconciliação*

A **Catequese 21**: «Ajudai-me a não tornar a pecar», é a celebração do Sacramento da Reconciliação e tem como objectivos:

- A partir da Palavra de Deus, reconhecer e confessar os pecados cometidos;
- Acolher o perdão oferecido por Deus por meio do sacerdote;
- Festejar a alegria do perdão recebido e partilhado.

O Guia do Catequista apresenta um esquema completo da celebração:

**RITOS INICIAIS**

1. Cortejo de entrada (cruz)
2. Cântico de entrada: «Cristo Jesus, tu me chamaste»
3. Saudação e acolhimento (referência à cruz)
4. Oração

**CELEBRAÇÃO DA PALAVRA**

1. Introdução (recordar da história do Pai Misericordioso)
2. Leitura do Evangelho (Lc 15, 11-32, dialogado)
3. Homilia (referência ao filho mais velho, ao filho mais novo e às pagelas com os pecados)
4. Exame de consciência

**RITO DA RECONCILIAÇÃO**

1. Confissão geral dos pecados («Confesso a Deus todo-poderoso...» e Pai Nosso)
2. Confissão e absolvição individual
3. Proclamação do louvor pela misericórdia de Deus (cântico «Cantai, o Senhor é bom», queimar da pagela, gesto da paz aos colegas e familiares, cântico «Sou de Cristo, sou feliz»)

## RITOS CONCLUSIVOS

1. Bênção final
2. Cântico «Sou de Cristo, sou feliz»

### ***Ficamos contigo – 4º Ano***

O catecismo do 4º ano ainda em vigor, «Ficamos contigo», apresenta uma catequese que retoma o tema do pecado e do perdão de Deus e que, dada a sua estrutura, «poderá ser vivida no interior de uma celebração penitencial». É a **catequese 7**: «Reconhecemos o nosso pecado». Partindo da história de Abraão, as crianças são convidadas a reconhecer as maravilhas que Deus realiza, o que se contrapõe à crueldade do pecado do povo que se revolta contra Deus e do pecado que hoje também nós cometemos. As crianças são convidadas a rezar o Acto de Contrição, reconhecendo o próprio pecado, e faz-se então a referência directa ao sacramento da Penitência ou Reconciliação, lugar onde podemos receber o perdão: «é mesmo aí que o Senhor nos dá o Seu perdão».

### ***Eu sou o vosso Deus – 5º ano***

No 5º ano, com o catecismo «Eu sou o vosso Deus», o tema da Reconciliação é abordado indirectamente na catequese 5: «Livrai-nos do mal». Partindo da própria experiência pessoal de fazer «coisas más», a catequese propõe a leitura do pecado de Adão e Eva (Gen 3, 2-6 e 8) e de Caim e Abel (Gen 4, 8-10). Termina com um apelo ao exame de consciência, ao pedido do Perdão de Deus e à sua ajuda, e com o louvor por se saber perdoado por Deus.

Apresenta depois, na **catequese 17**: «O nosso coração está em Deus», uma proposta para uma celebração penitencial, se possível com o sacramento da Reconciliação. Esta catequese realiza-se no tempo da Quaresma, e parte da experiência do exílio do Povo de Deus para ajudar a descobrir as ocasiões em que as crianças se afastaram de Deus. Após o exame de consciência, o grupo é convidado a reconhecer que o Senhor vem ao nosso encontro, e que podemos voltar para Ele o nosso coração. É com essa confiança que cada criança se pode aproximar de Deus para receber o seu perdão. A celebração termina com um momento de agradecimento pelo perdão recebido e a oração do Pai Nosso.

## **Jesus Cristo é o Senhor – 6º ano**

O catecismo do 6º ano «Jesus Cristo é o Senhor» apresenta a **catequese 4**: «Preparai o caminho do Senhor», a ser vivida no tempo do Advento, e que «pode perfeitamente servir de preparação mais ou menos directa para o sacramento da Reconciliação», como se apresenta nas observações pedagógicas da catequese, acrescentando que pode terminar com a recepção do Sacramento, uma vez que ela tem um conteúdo penitencial. A expressão de Fé, momento em que se pode integrar a celebração da Reconciliação, centra-se na pergunta que faziam a João Baptista: «Que havemos de fazer?».

No segundo encontro de preparação para Profissão de Fé, sugere-se que esta preparação prática da celebração se possa associar a uma celebração comunitária do sacramento da penitência, mas que essa celebração pode também ser feita noutra ocasião. Não se dão indicações para a celebração da Reconciliação.

**Concluindo**, no conjunto dos catecismos actualmente em vigor encontramos o grande momento para a preparação e celebração do sacramento da Reconciliação no 3º ano. Todos os catecismos dos anos seguintes (4º, 5º e 6º anos) oferecem algumas possibilidades para aprofundar e celebrar este sacramento. Este levantamento, que não é exaustivo, faz-nos compreender que se teve em linha de conta não apenas o primeiro momento da celebração deste sacramento, mas que é pensada, pelo menos, uma celebração para os restantes anos, para que, integradas nas dinâmicas próprias de cada ano, se continue a celebrar a Reconciliação com as crianças da catequese.

### **4. O Sacramento da Reconciliação**

Seguem-se algumas breves notas para a compreensão teológica e pastoral do sacramento da Reconciliação (a partir de um desdobrável publicado pela vigararia de Leiria). Estes elementos podem servir de apoio às reuniões com os pais, no contexto da preparação próxima da Festa da Reconciliação.

### **O Sacramento do perdão**

A expressão habitual do «confessar-se» não diz tudo... Outros termos que podem ajudar a compreender:

- Confissão = declarar as faltas/rupturas, bem como os acertos...
- Re-conciliação = re-ligar, re-estabelecer, re-começar, re-encontrar Deus e os irmãos.
- Penitência = arrependimento que leva à busca do perdão.
- Perdão = (*per-dom*) dom de Deus, para além do nosso mérito. Não se compra!

O Sacramento é, então, sinal desta graça, perdão, ajuda. Celebração, individual ou comunitária, que confere o perdão ou confirma (*dá firmeza*) a mudança de vida (*conversão*), pela absolvição.

### ***O essencial não é «despejar o saco», é «encher»!***

Trata-se de ir buscar a graça que se perdeu e que ninguém confere a si mesmo.

O pecado esvazia, é corte de relação, ausência, distância, menos amor... Importa alimentar-se, revitalizar, para superar aquilo que leva à ruptura. Trata-se de restabelecer o «nível» de relação e vida perdida. É Deus quem se reconcilia connosco, oferecendo de novo o Seu Amor.

### ***Por onde começar?***

Da parte do penitente, o que ocupa o primeiro lugar é a contrição, isto é, a conversão interior da pessoa que leva a pensar a sua vida e a conduz ao propósito/desejo de não pecar mais no futuro. É da contrição que depende a verdade da penitência, pois a pessoa, de sua livre vontade, confronta a sua vida com a Palavra de Deus e descobre o caminho a percorrer.

Sem o exame de consciência não há progresso na vida cristã. Como posso ser melhor se não atendo ao que fiz de mal no dia a dia? Não é só ver os pecados que fiz. Deve ser antes uma oração: rezar a minha vida, o meu dia a dia, diante de Deus. É ver-me à luz de Deus com o meu lado bom: dons, trabalhos, esforço, o bem que fiz e as graças que recebi de Deus; e o

meu lado negativo: gestos maus, quedas, faltas de amor, omissões, isto é, o que não fiz e devia ter feito.

### ***É preciso um padre? Ou basta este exame diante de Deus?***

O cristianismo não é individualismo, mas caminho comunitário. Todo o pecado é contra os irmãos, contra a Igreja. E o processo de re-aproximação, a Graça, também me vem através da Igreja. Indirectamente, nem sequer saberia se sou perdoado!

Então, reconciliar-me passa pela comunidade, por alguém em concreto que me recebe, depois do meu afastamento ou ruptura.

- Teologicamente, é um dom a receber: não o dou a mim próprio.
- Eclesiologicamente, integra-me na comunidade da qual o pecado me marginaliza.
- Psicologicamente, ajuda a ser objectivo e a assumir a verdade da realidade pessoal.

Se fosse só confessar, podia ser «telefone directo».

Mas é receber um perdão! E aproximo-me do padre que, em nome de Deus e da comunidade, me concede esse perdão e me ajuda a reorientar a vida.

### ***E a “penitência” a cumprir?***

É um “exercício” de arrependimento e superação relacionado com o pecado confessado em ordem a mudar de atitude ou reparar o mal feito, e não uma acção/oração vaga e pontual. Aceitar os desafios que o perdão me traz para a vida concreta... esquecendo o que fica para trás, insiro-me de novo no mistério da salvação e projecto-me para o futuro.

### ***Absolvição***

É o essencial do perdão. É Deus que me quer dar a salvação e renovar a aliança comigo. Não sou eu que me absolvo a mim mesmo, mas Deus que me enche de Si mesmo, é Deus que me espera ansiosamente e, ao ver-me ao longe, corre para me abraçar e fazer festa comigo...

## **5. «Deus procura-nos»: Modelo de Celebração Penitencial para as Crianças**

O Ritual Romano da Celebração da Penitência apresenta, no apêndice dos modelos de celebrações penitenciais, uma Celebração Penitencial para as crianças. É importante conhecê-lo enquanto modelo, bem como às indicações práticas que o Ritual refere, para servir de base à elaboração de outras celebrações. Tem uma indicação inicial que é importante sublinhar: «Este esquema de celebração penitencial está adaptado às crianças de pouca idade, mesmo àquelas que ainda não se aproximaram da confissão sacramental» (nº 43). Ou seja, mesmo as crianças que ainda não celebram o sacramento da Reconciliação podem (e devem) participar em celebrações penitenciais, para irem descobrindo o amor misericordioso de Deus Pai. O mesmo se pode dizer em relação às crianças em idade de catequese que não são batizadas e que fazem o seu percurso catecumenal inseridas na catequese habitual.

A indicação seguinte fala da preparação da celebração com as crianças: «A celebração penitencial deve ser preparada com as próprias crianças, de modo que elas fiquem inteiradas do sentido e do fim da celebração, saibam bem os cânticos, tenham algum conhecimento, pelo menos inicial, da passagem da Sagrada Escritura que se vai ler, e saibam as fórmulas que deverão pronunciar e as acções em que hão-de tomar parte, assim como a sua ordem» (nº 44).

O tema escolhido para a celebração é: «Deus procura-nos». Segue-se o esquema da celebração:

1. Acolhimento com indicação do sentido da celebração (referência à parábola do bom pastor que vai à procura da ovelha perdida)
2. Antífona e salmo inicial: «O Senhor é meu pastor...»
3. Saudação inicial
4. Admonição (referência ao Baptismo e ao pecado)
5. Leitura do Evangelho (Lc 15, 1-7: ovelha perdida)
6. Homilia («seja breve, exalte sobretudo o amor de Deus para conosco e prepare para o exame de consciência»)
7. Exame de consciência (adaptado e com tempo de silêncio conveniente)

8. Acto penitencial (forma de preces, terminando com o Pai Nosso)
9. Acto de contrição e propósito de emenda («Se parecer oportuno, as crianças podem manifestar, por algum sinal, que estão arrependidas. Por exemplo, cada uma se aproxima do altar com uma vela na mão, acende-a no Círio pascal e diz: “Pai, tenho muita pena de ter feito mal. Vou procurar emendar-me.” Em vez da vela, ou juntamente com ela, as crianças podem colocar sobre o altar, ou sobre uma mesa previamente preparada, um papel em que tenham escrito o texto da oração e algum propósito que fizeram», nº 51 e 51a)
10. Oração do celebrante
11. (Confissão e absolvição individual – conf. Preliminares, nº 22-30)
12. Cântico de acção de graças
13. Ritos de conclusão

Resumidamente, e seguindo os Preliminares do Ritual, a celebração da Reconciliação de vários penitentes, como um grupo de crianças, com confissão e absolvição individual, tem quatro tempos essenciais: Ritos iniciais; Celebração da Palavra de Deus; Rito da Reconciliação; Despedida. É esse o esquema seguido na celebração da Festa da Reconciliação do 3º ano da catequese.

## 6. Apêndices

### A) ESQUEMAS DOS TRABALHOS DE GRUPO DURANTE O ATELIER

#### **Trabalho de grupos 1:** *Jesus perante o pecado e o pecador*

1. Texto bíblico: Lc 19, 1-10 (Zaqueu)
2. Depois de ler o texto bíblico, responder às questões:
  - a. Qual a atitude de Jesus diante do pecador?
  - b. Qual a atitude de Jesus diante do pecado?
  - c. Como podemos compreender o sacramento da Reconciliação a partir deste texto bíblico?

**Trabalho de grupos 2:** *Preparação de celebrações penitenciais para crianças*

**1. PREPARAÇÃO DE UMA CELEBRAÇÃO PENITENCIAL COM O 4º ANO**

Material de apoio: Guia do Catequista do 4º ano

A Festa da Palavra foi agendada, na Paróquia, para o início do tempo do Advento. Os catequistas do 4º ano, em diálogo com o Pároco, chegaram à conclusão que esta seria a melhor altura para a celebração porque, por um lado, seria uma forma das crianças terem logo de início a Bíblia que poderiam começar a levar para os encontros de catequese; por outro lado, este tempo do Advento é marcado pela preparação para o acolhimento de Jesus, Ele que é o Verbo de Deus.

O Pároco, que não conhece bem o catecismo do 4º ano, pediu aos catequistas que preparassem uma Celebração Penitencial, enquadrada no percurso catequético para se realizar na semana anterior à Festa da Palavra...

É essa a vossa tarefa: tendo em conta o percurso do 4º ano de catequese, preparar uma Celebração Penitencial, referindo também a preparação que deve ser feita com o grupo na catequese, e procurando envolver os pais.

**2. PREPARAÇÃO DE UMA CELEBRAÇÃO PENITENCIAL COM O 5º ANO**

Material de apoio: Guia do Catequista do 5º ano

Na distribuição das festas da catequese durante o ano, decidiu-se que a Festa da Entrega do Credo ao 5º ano seria feita logo no início do ano, uma vez que esta festa tem como sentido o receber do Símbolo da Fé para o ir aprendendo e compreendendo, para ser «entregue» depois, pelas crianças, no 6º ano, quando professam solenemente a sua Fé.

O Pároco, que conhece vagamente o catecismo do 5º ano, pediu aos catequistas que preparassem uma Celebração Penitencial, enquadrada no percurso catequético, tendo em conta a catequese 5. Esta celebração seria enquadrada dentro da temática do ano e da Festa da Entrega do Credo, e realizar-se-ia na semana anterior à Festa.

É essa a vossa tarefa: tendo em conta o percurso do 5º ano de catequese, preparar uma Celebração Penitencial, referindo também a preparação que deve ser feita com o grupo na catequese, e procurando envolver os pais.

### 3. PREPARAÇÃO DE UMA CELEBRAÇÃO PENITENCIAL COM O 6º ANO

Material de apoio: Guia do Catequista do 6º ano

A Festa da Profissão Solene da Fé é sempre um momento importante lá na Paróquia, que se realiza por alturas do final do tempo pascal... Claro que os catequistas, com o Pároco, procuram sempre que, para além da festa exterior, haja sobretudo uma vivência interior. Por isso se marcaram alguns encontros para a preparação próxima desta Festa. Um destes encontros é a Celebração Penitencial.

O Pároco, que por essas alturas anda atarefado com a preparação da Festa do Espírito Santo, pediu aos catequistas que tratassem de todos os preparativos, incluindo a preparação da Celebração Penitencial.

É essa a vossa tarefa: tendo em conta o percurso do 6º ano de catequese, preparar uma Celebração Penitencial, referindo também a preparação que deve ser feita com o grupo na catequese, e procurando envolver os pais.

#### B) ESQUEMA PARA A REUNIÃO COM OS PAIS DO 3º ANO NA PREPARAÇÃO DA CELEBRAÇÃO DA FESTA DA RECONCILIAÇÃO

1. Acolhimento e apresentações (3')
2. Introdução ao tema do encontro e lançamento do trabalho em grupos (5')
3. Trabalho em grupo (15')
  - a. Texto bíblico: Lc 15, 11-32
  - b. Questões: O que leva o filho mais novo a reconhecer o seu pecado? O que é o pecado? Qual a atitude do pai perante o filho que regressa a casa? O que celebramos no sacramento da Reconciliação?
4. Plenário (15')
5. Desenvolvimento do tema (ver acima o ponto 4. *O sacramento da Reconciliação*) (15')
6. Questões práticas para a celebração e o envolvimento dos pais (5')
7. Oração final (2')

C) EXPERIÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DA RECONCILIAÇÃO COM CRIANÇAS DO 3º ANO INTEGRADO NUM TEMPO DE ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

1. Acolhimento (ao fundo da igreja)
  - a. Ensaio de cânticos
  - b. Acolhimento: Porque estamos aqui (Pároco)
  - c. Cântico: «Cristo Jesus, Tu me chamaste»
  
2. Visualização da parábola do Pai Misericordioso e reviver das últimas catequeses
  - a. Visualização (*filme em DVD*)
  - b. Recordar das catequeses anteriores (*Catequista*)
  - c. Envio para a Pia Baptismal (*Pároco*)
  
3. Pia Baptismal

*Ter preparadas túnicas nas cadeiras junto da Pia. Círio aceso.*

  - a. Cântico: «És para mim Jesus» (*com a estrofe 6*)
  - b. Do espaço e dos símbolos ao sentido do Baptismo (*Pároco*)
  - c. Referência ao lenço branco e ao lenço manchado (*Pároco*)
  - d. Vestem a veste branca (*cada criança terá uma túnica*)
  
4. Início da Celebração

*Junto da Pia Baptismal, quando todos tiverem vestidas as túnicas brancas*

  - a. Cântico: «Sou de Cristo sou feliz»
  - b. Saudação inicial (*Pároco*)
  - c. Acender das velas no círio pascal (*Catequistas*)
  - d. Cântico: «Senhor Jesus, Tu és a luz»
  - e. Envio para junto da capela do Santíssimo (*Catequista*)
  - f. Procissão com o cântico: «Sou de Cristo sou feliz»
  
5. Adoração Eucarística
  - a. Introdução (*Catequista*)
  - b. Exposição do Santíssimo (*Pároco*)
  - c. Invocações e gesto de adoração (*Catequista*)
  - d. Cântico: «Tão perto de mim»
  - e. Palavra de Deus: Lc 15, 21 «Pai, pequei...»
  - f. Reflexão (*Catequista*)

- g. Breve momento de silêncio e interiorização (*referências aos papéis para exame de consciência*) (*Catequista*)
  - h. Cântico: «Quantas vezes»
  - i. Recebem os papéis dos pecados
  - j. Rezar em conjunto a oração da Confissão
  - k. Momento de silêncio e interiorização
  - l. Gesto de reconciliação com os pais e com os amigos
  - m. Pai Nosso
6. Celebração Individual do Perdão
- Música de fundo. Ter preparado um recipiente para queimar os papéis. Ter preparada a folha para fazer um pequeno trabalho individual (desenho)*
- a. Cada criança se aproxima individualmente de um dos sacerdotes presentes.
  - b. Depois da confissão e absolvição individual cada criança passa junto da pia baptismal e queima o papel dos pecados, acendendo-o no círio pascal. (*Catequistas*)
  - c. Depois volta para junto do sacrário onde continua em oração em silêncio. É entregue a cada um o pequeno trabalho individual (*desenho*) para fazer.
7. Momento de louvor
- a. Introdução (*Pároco*)
  - b. Palavra de Deus: Lc 15, 22-24: «O pai disse aos servos... e a festa começou.»
  - c. Breve reflexão para introduzir o cântico (*Catequista*)
  - d. Cântico: «Cantai, o Senhor é bom»
8. Bênção com o Santíssimo
9. Conclusão
- a. Entrega dos diplomas
  - b. Cântico: «Cantai o Senhor é bom» (*apenas o refrão*)



# **Seminário das Escolas católicas**

**Setembro de 2010**



# **A Bondade é o palco onde se cruzam as competências dos Educadores da Escola Católica**

D. TOMAZ PEDRO BARBOSA DA SILVA NUNES (\*)

*Homilia da Missa na abertura do Seminário  
«Competências pedagógicas e Pastorais  
dos Educadores da Escola Católica»  
Lisboa, Colégio de São João de Brito.  
1 de Setembro de 2010 (\*\*)*

1. As curas de doenças e muitas outras acções que Jesus realizou, libertadoras de opressões que afectavam as pessoas do seu tempo, são manifestações da sua bondade e do poder que lhe vem do Espírito, que recebera no baptismo. Ele próprio o atesta na sinagoga de Nazaré ao aplicar a si próprio a passagem do livro do profeta Isaías: “o Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor” (Lc 4, 18-19).

A descrição da cura da sogra de Simão, de acordo com o Evangelho que ouvimos (cf. Lc 4, 38-44), põe em destaque algumas atitudes de Jesus, que importa sublinhar: gestos (inclinação, imposição das mãos), palavras (ordenou, repreendeu), universalidade (curou muitos outros doentes e expulsou

---

(\*) Bispo Auxiliar de Lisboa, Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã.

(\*\*) O texto corresponde à Homilia que D. Tomaz da Silva Nunes havia preparado para a Celebração Eucarística na abertura do Seminário da Escola Católica, que teve lugar em Lisboa, entre os dias 1 e 3 de Setembro de 2010. Homilia que não chegou a proferir porque durante a noite, imediatamente anterior, Deus o chamou à Sua presença. São as últimas palavras que nos deixou. Com a publicação desta Homilia, queremos, para além de colher os valiosos ensinamentos do Bispo D. Tomaz da Silva Nunes, prestar homenagem àquele que tão dedicadamente cumpriu a missão de Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã.

demónios), recolhimento (retirou-se para um lugar solitário) e desprendimento (é preciso prosseguir a missão).

A sogra de Simão ficou curada, e “erguendo-se, começou imediatamente a servi-los” (Lc 4, 39). A experiência de encontro com Cristo lança esta mulher numa vida nova. É-lhe comunicada uma espécie de energia que a torna capaz de se erguer, de acolher os outros e de trabalhar para eles servindo-os.

A bondade de Jesus assim manifestada em Cafarnaúm, logo no início da sua vida pública, é uma nota que constará do discurso querigmático da Igreja primitiva, como refere São Lucas ao registar no livro dos Actos dos Apóstolos as seguintes palavras de Pedro: “Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, o qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com Ele. E nós somos testemunhas do que Ele fez no país dos judeus e em Jerusalém” (Ac 10, 38-39)

**2.** Seguidores de Cristo, devemos autenticar a nossa condição de discípulos com o testemunho de uma bondade como a sua, fruto do nosso esforço pessoal e da acção do Espírito Santo em nós, particularmente através da Palavra de Deus e da sua vida sacramental.

Não se trata de simples bem-fazer, fruto de altruísmo, de sentimento de comiserção ou de imperativo cívico. Não! A bondade do cristão parte do coração, mas de um coração convertido ao coração de Cristo. Então, derrubam-se os muros que tantas vezes limitam as relações humanas a um círculo restrito de pertença social, ideológica ou religiosa, para garantir tranquilidade, ausência de conflitos e protecção do esquema de vida privada.

Cristo mostrou aos discípulos que a bondade para com os outros, incluindo os pertencentes às multidões, continua a ser uma exigência mesmo se as capacidades físicas parecem esgotadas. Quando, no final do dia de intensa actividade, os discípulos quiseram que Jesus despedisse a multidão para que adquirisse alimento, o Senhor contrariou-os: “Não é preciso que eles vão; dai-lhes vós mesmos de comer” (Jo 14, 16).

**3.** Universalidade e gratuidade são, pois, dimensões integrantes do testemunho de um coração bondoso à maneira de Cristo, testemunho esse que interpela os que presenciam a abrirem-se a Deus e atrai-os para a oferta de comunhão que Deus lhes propõe. Viver com esta abertura e disponibilidade para com os outros faz parte da identidade cristã e é uma

exigência acrescida para os educadores da Escola Católica, responsáveis pela concretização de um projecto educativo cristão. É uma missão que exige a transmissão rigorosa de conhecimentos e de princípios caldeados pela experiência de relação pessoal com Cristo vivida em Igreja, de que resulta a elaboração de uma síntese entre a fé e a cultura, verdadeira sabedoria que se transmite.

Só assim, entendendo a educação como tarefa que inclui o testemunho da sabedoria cristã do educador, os jovens podem crescer harmoniosamente, porque encontram satisfação para os seus anseios de respostas para as questões existenciais, de significado para a existência e de relações humanas autênticas.

Como recentemente afirmava o Santo Padre Bento XVI, “para a pessoa humana é essencial o facto de que só se torna ela mesma a partir do outro, o *eu* só se torna ele próprio a partir do *tu* e do *vós*, é criado para o diálogo, para a comunhão sincrónica e diacrónica. E só o encontro com o *tu* e com o *nós* abre o *eu* a si mesmo. Por isso, a chamada educação anti-autoritária não é educação, mas sim renúncia à educação (...)” (*Discurso por ocasião da Assembleia da Conferência Episcopal Italiana, 27 de Maio de 2010*).

**4.** Estamos a iniciar o Seminário sobre “Competências Pedagógicas e Pastorais dos Educadores da Escola Católica”. O tema tem toda a actualidade. Educadores competentes são imprescindíveis para uma escola transformadora.

Desenvolver competências dos educadores, do ponto de vista científico, pedagógico, tecnológico, relacional, metodológico (para a nova evangelização) e organizacional é, à luz de São Paulo, como ouvimos na primeira leitura (cf. *1Cor 3, 1-9*), uma aposta na formação de “servos” bem preparados para, na diversidade de dons, uns “plantar”, outros “regar” a seara – a Escola Católica –, que Deus “faz crescer”.

**5.** As competências são como os ramos que desabrocham de um tronco alicerçado em raízes profundas e bem irrigadas.

*A bondade é o palco onde se cruzam as competências dos Educadores da Escola Católica.* Sem esta atitude de coração, que resulta de uma constante vivência espiritual, a educação ficaria reduzida a um processo técnico, frio e despersonalizado. Como apelava o Papa no discurso já aludido, “despertemos nas nossas comunidades aquela paixão educativa, que é uma paixão do *eu* pelo *tu*, pelo *nós*, por Deus, e que não se resolve numa didáctica, num conjunto de técnicas e nem sequer na transmissão de princípios áridos.

*A Bondade é o palco onde se cruzam as competências...*

Educar é formar as novas gerações para que saibam entrar em relacionamento com o mundo, fortalecidos por uma memória significativa, que não é apenas ocasional, mas corroborada pela linguagem de Deus, que encontramos na natureza e na Revelação, por um património interior compartilhado, pela verdadeira sabedoria que, enquanto reconhece o fim transcendente da vida, orienta o pensamento, os afectos e o juízo” (*Ibid.*).

6. Depois da cura da sogra de Simão, Jesus afastou-se das multidões e isolou-se. Era frequente fazê-lo antes e depois de muitas actividades e tomadas de decisão, para se recolher em oração junto do Pai, de quem tudo recebia.

Seja este Seminário, para todos os participantes, não só um espaço de informação, de partilha de aprendizagem, mas também um tempo de interioridade, para descobrirmos a luz de Deus que nos aponta novos caminhos a percorrer.

Como Santo Agostinho, entre cada um de nós na intimidade do seu coração, e possa, como ele, concluir no final deste Seminário: «Entrei e vi, com o olhar da minha alma, uma luz imutável que brilhava acima do meu olhar interior e acima da minha inteligência. Não era como a luz terrena e visível a todo o ser humano (...) era uma luz absolutamente superior, porque foi ela que me criou; e eu sou inferior porque fui criado por ela. Quem conhece a verdade, conhece a luz” (*Das Confissões*, in *Ofício de Leitura de 28 de Agosto, Memória de Santo Agostinho*). Santa Beatriz da Silva, cuja memória estamos a celebrar, viveu em especial união a Nossa Senhora da Conceição e deixou que o seu coração se abrasasse de caridade, esquecendo-se de si própria. Que o seu exemplo estimule os nossos desejos de fidelidade. Confiemos na sua intercessão por cada um de nós, para que sejamos, na Escola Católica, testemunhas da verdadeira sabedoria.

# As quatro perguntas chave para construir as escolas inovadoras do século XXI

ALFREDO HERNANDO CALVO (\*)

## 1. Em que consiste a inovação educativa?

Na confusão do dia a dia que nos envolve como educadores, as pressas, os recados, os atrasos nos prazos, as urgências e a terrível turma do 4º A deste ano, podem fazer com que nos esqueçamos da essência íntima do nosso trabalho docente, do motivo pelo qual, um dia, nos fizemos educadores. Entre quadros digitais, TIC's e giz, papéis, planos e conflitos com alunos, pais e outros colegas, temos permitido que o *urgente* não nos deixe tempo para trabalhar no *importante*. Aproveitemos a leitura destas linhas com um objectivo claro: melhorar o nosso aperfeiçoamento profissional, quer dizer, ser cada dia educadores um pouco melhores ou, o que é o mesmo, manter o que nos oferece bons resultados, deixar aquilo que nos paralisa e inovar. Mas... em que consiste exactamente a inovação das escolas? Somos magos, sem magia, da educação: onde guardamos os nossos truques?

Descubro o primeiro na manga, com uma pergunta simples, nada de conselhos nem chapéus: para que vêm os nossos alunos à escola? Se recorrermos aos principais autores das universidades espanholas e de estudiosos e pedagogos internacionais, podemos resumir a quatro a diversidade de funções que a educação realiza através das nossas escolas.

### **A educação é:**

1. Um permanente processo de aperfeiçoamento que implica melhoria no desenvolvimento das nossas competências através da aprendizagem: aprendemos conteúdos e destrezas, sabemos de historia e matemática,

---

(\*) Psicólogo. DEA em Filologia Espanhola. Membro da Equipa de Formadores da FEREC-CECA, Espanha.

podemos escrever e manejar computadores... Dotamos de ferramentas e conhecimentos os nossos alunos para viverem no mundo actual e continuarem a aprender ao longo de toda a sua vida.

2. Um meio para a inserção activa e a integração do ser humano na sociedade como sujeito pleno e autónomo nas suas decisões. A educação socializa, não só contribui com conteúdos, mas é a primeira instituição em que nós seres humanos participamos com outros contemporâneos da mesma idade e aprendemos a viver em sociedade, respeitar e dialogar com o outro, expor o meu ponto de vista e opiniões em grupo, defender as minhas ideias e avaliar as de outros, respeitar o mobiliário da escola, votar... acções básicas para viver em sociedade.

3. Um meio para a inserção laboral, a procura de emprego e a obtenção de títulos académicos, que disponham de um valor propedêutico e nos permitam seguir acedendo a ciclos e cursos educativos superiores. Não devemos esquecer que toda a acção educativa deve conduzir a um título válido e tem o objectivo de profissionalizar as pessoas, para poderem trabalhar e gerar rendimento, não só estritamente económico, mas também nas dimensões sociais, artísticas ou culturais do mundo em que vivemos. Necessitamos de advogados, bailarinas, maestros, banqueiros, professores, bombeiros, empregados de mesa, jornalistas, pedreiros, actores, electricistas...

4. Uma procura constante de equilíbrio e plenitude vitais. Quando educamos queremos conseguir pessoas felizes, plenas, íntegras e dotadas de ferramentas pessoais, não só cognitivas mas também emocionais, comunicativas, éticas e sociais, para que vivam em harmonia consigo mesmas na autenticidade da sua singularidade.

A educação balança e inova-se na procura de um equilíbrio constante entre forças harmónicas e socializadoras para integrar os alunos na sociedade do futuro e as forças transformadoras que pedem a mudança, a evolução e a melhoria da nossa sociedade. Os sistemas educativos dos nossos estados modernos primam pela acção educativa da instituição «escola», estruturando o conhecimento através do desenvolvimento do currículo. O currículo é a ferramenta que explicita as intenções do sistema educativo e orienta a prática docente nas escolas. Stenhouse dir-nos-ia que «o currículo é o saber que se reflecte sobre toda a prática». O currículo capacita-nos para aplicar as nossas

ideias à prática, é a tela na arte do professor. Os investigadores educativos fixam o seu olhar nas competências de que o ser humano necessita para integrar-se como cidadão na sociedade e formar parte do mundo laboral como sujeito activo. Estas competências formam-se no currículo, traduzidas em objectivos, conteúdos a ensinar, métodos para comunicar e avaliações para comprovar que se cumpre todo o processo. Como escreve Zabalza «*o currículo não é só o conjunto de experiências programadas pela escola, mas também o processo seguido para as programar e as experiências vividas pelos alunos no contexto escolar*». Neste sentido, o currículo materializa-se em três níveis de concretização, chaves na própria estrutura e vida diária da escola: 1. O Projecto Educativo de Escola (PEC), 2. As programações curriculares de nível de ensino ou o trabalho dos Departamentos e ciclos e, finalmente, 3. As unidades didácticas e a programação da aula.

A escola não é uma entidade impermeável que não sente as mudanças do tempo, nem das ciências, nem da nossa sociedade. Se queremos que os nossos alunos saibam, se integrem na sociedade, encontrem um trabalho e sejam felizes, devemos conseguir os nossos objectivos a partir da organização da nossa escola, o trabalho entre os diferentes departamentos ou ciclos e a acção docente que ocorre na aula. O currículo é o esqueleto vivo incarnando, que modifica o trabalho na escola, o inova, e, esta, adapta-se aos novos tempos através das mudanças no currículo. São quatro as grandes fontes que permitem estabelecer as relações de transformação entre escola e sociedade através do currículo dos centros educativos: *a fonte psicológica, a sociológica, a pedagógica e a epistemológica*. A configuração do currículo produz-se graças à participação destas quatro fontes que actuam de maneira inter-relacionada. Viver mudanças na sociedade implica renovar os princípios da nossa educação. Diante do evidente avanço das ciências, por exemplo a descoberta de um planeta ou a criação de linguagens informáticas avançadas, as fontes epistemológicas do currículo introduzem o novo conhecimento nos planos de estudo ou reformulam os princípios para ensinar e aprender graças a novos meios e ferramentas. A atenção ao comportamento humano e aos processos de aprendizagem ocorre a cargo da fonte psicológica. Por outro lado, a fonte pedagógica encarrega-se da inovação nos métodos e a prática educativa dos processos de ensino. Quando a força de mudança surge da própria sociedade, a inovação é mais urgente.

Cada uma destas fontes (sociológica, pedagógica, psicológica e epistemológica) influencia os diferentes níveis de concretização curricular

(PEC, Departamentos e ciclos, aula). Para fazermos uma ideia clara desta influência e da relação entre as fontes descritas e as mudanças curriculares que se produzem na vida das nossas escolas, convido-vos a viajar com estas linhas através do tempo, outro novo truque de magia. Imaginemos, por um momento, como eram as escolas há uns cinquenta anos, em Portugal; quando a sociedade, a pedagogia, as ciências e o que sabemos hoje das pessoas, era tão diferente. Por exemplo, há cinquenta anos, não sabíamos muito acerca da clonagem de células vivas, a ovelha Dolly só vivia na imaginação de uns quantos cientistas e, portanto, não aparecia nos livros de texto; do mesmo modo não se falava nada de “quarks” ou da tripla cadeia em hélice do ADN humano (fonte epistemológica). Tudo o que os alunos necessitavam de saber podia agrupar-se nas páginas de uma grande enciclopédia. Por outro lado, os computadores e a tecnologia da informação e da comunicação não estavam tão desenvolvidas e não era imprescindível a sua abordagem nas escolas, não existiam os computadores portáteis e os alunos das escolas mais avançadas tinham que entender mais de máquinas de escrever do que de chips. Além disso, naquele tempo, não sabíamos muito sobre a versatilidade e flexibilidade do cérebro humano (fundamentação psicológica) e pensava-se que só existia um tipo de inteligência, que o cérebro na idade adulta não podia aprender mais, ou que aprender um língua estrangeira, como o inglês, não era necessário, já que, devido ao desenvolvimento dos meios de transporte (fundamentação sociológica) com sorte, poderíamos ir a Espanha ou a França uma vez na nossa vida. Com esta viagem no tempo torna-se patente que as escolas do passado eram diferentes nos seus projectos educativos e na sua forma de ensinar e interagir na aula devido às diferentes fontes curriculares que se relacionavam com as escolas, demonstrando que o que os alunos necessitavam de saber para conviver, aprender, encontrar um trabalho, integrar-se em sociedade ou ser felizes, era muito diferente do que os alunos necessitam de saber hoje.

Em 1985, o inovador e revolucionário pedagogo Andy Hargreaves escrevia:

*«Será necessário assumir grandes riscos para criar o saber que dará nascimento a uma inovação radical da escola, se se quer que seja capaz de responder ao desafio actual. A experiência pode ser dolorosa mas também apaixonante. Requer-se um saber criado numa dinâmica «de ida e volta» entre a prática e a reflexão e vice-versa, na qual se terá de correr o risco de pensar e fazer as coisas de outro modo, de ir em contracorrente face ao imobilismo e ao desânimo do “tudo é um desastre” e do “sempre se fez assim”.»*

Cada vez se sabe mais sobre o funcionamento do cérebro, ou sobre as emoções e a concentração; estamos ligados ao mundo inteiro, a um só “click” de distância, e temos acesso a uma quantidade de informação em rede. Estas mudanças, para citar as fundamentais, estão presentes no dia-a-dia, modificando as nossas relações e a forma como pensamos ou o modo como aprendemos; mas não é só isso, também nos avisam, ao mesmo tempo, de que o futuro do modelo económico e social do desenvolvimento em Espanha (e em Portugal) passa por transformar a informação em conhecimento. Na inovação educativa estamos a jogar a inovação laboral e o futuro desenvolvimento da nossa sociedade. Tudo o que ocorrerá no futuro está a acontecer hoje, nas nossas aulas. É urgente, portanto, educar com todos os nossos sentidos atentos à inovação psicológica, pedagógica, sociológica e epistemológica: não podemos ensinar com uma venda nos olhos, há que educar abertos ao que ocorre no nosso mundo através da evolução das fontes que inspiram o desenvolvimento do currículo.

## **2. Como abrir as nossas escolas à inovação e ao desenvolvimento?**

O século XV foi um tempo de efervescência criativa na história da nossa civilização. Em plena época renascentista, inventaram-se os primeiros projectos dos futuros helicópteros e aparelhos voadores, concebeu-se o desenho em perspectiva com a introdução de um novo eixo na estrutura plana, juntando profundidade aos esboços e esquemas arquitectónicos, popularizou-se a construção do primeiro modelo da imprensa de Gutenberg, e com ela, a impressão – quase me atrevo a dizer edição – com mais de um livro produzido por mês: rapidez e modernidade renascentistas! Com estas e outras maravilhas da invenção humana o conhecimento deu os seus primeiros passos tornando-se mais popular, mais acessível, mais próximo das pessoas. No entanto, nesse mesmo século e na mesma imprensa criada na oficina de Gutenberg, Maquiavel publicou «O Príncipe» onde declarava que “não há nada más difícil de levar a cabo, nada cujo êxito seja mais doloroso, nada más difícil de manejar, que o facto de se iniciar uma nova ordem das coisas. O reformador tem inimigos entre todos aqueles que são beneficiados pela velha ordem, e só tímidos defensores entre aqueles que obteriam benefícios pela nova ordem”. Nós, seres humanos, somos paradoxais por natureza.

Para muitos historiadores, na actualidade, encontramos-nos diante de um novo florescer, inovador e de estilo renascentista. Contudo, hoje, igualmente como no passado, existem “Maquiaveis” que, aproveitando-se dos meios

que criticam, difundem mensagens contraditórias. Em maior ou menor medida, todos somos conscientes de que vivemos num mundo governado pela sensação de mudança, com origem na velocidade das invenções que nos submergem. Esta sensação de incerteza, como as tonturas que produzem as vertigens quando estamos no alto de um arranha-céus, está produzindo um claro desencanto pelo progresso; um desencanto face à inovação que se reproduz em muitas instituições, entre elas, a escola. Os “Maquiáveis” do presente, aturdidos pela vertigem do progresso, relacionam a rapidez das mudanças que os envolvem com o medo da mudança em si mesmos e nas instituições. A adaptação e a versatilidade, isto é, a resposta perante a mudança, são, provavelmente, os elementos mais importantes que os líderes devem promover nas suas organizações. O desafio de saber adaptar as instituições a estes ritmos é crucial, sobretudo quando se trata da escola, onde se educa o futuro que nos espera a todos.

Numa entrevista recente, Amin Maalof declarou que “as perturbações que sofremos agora são efeito de um esgotamento cultural e civilizacional que vivíamos”. Ao mesmo tempo, Edgar Morin introduziu dois factores de análise cruciais nesta linha. Um primeiro factor denomina-se “revelador” e o outro “realizador”. Através do primeiro, assistimos a uma realidade que não conhecíamos previamente; pelo segundo se desencadeia “um movimento de forças e não unicamente de decomposição, desorganização e destruição, mas forças de transformação que propiciam o momento decisivo para a inovação, a construção e as invenções”. Quando tudo muda é preciso aprender a desaprender. A escola é a primeira instituição e organização social que recebe o ser humano. As escolas são as principais instituições criadoras de humanidade. Somos os criadores do futuro. Tudo o que passe no futuro está a passar-se hoje, nas nossas aulas. Pensemos no futuro, na sociedade em que vão crescer os nossos alunos. Precisamos de preparar os alunos para o mundo em que vão viver e esse mundo inicia-se na organização das nossas instituições. O como organizamos e planificamos a estrutura das nossas escolas é a essência da nossa instituição, que emana do nosso projecto educativo como escola. Como nos organizamos é um reflexo de como somos. Que forças da inovação, do progresso e da mudança estão afectando o modo como organizamos as nossas escolas? Uma delas, irremediavelmente rápida, é a revolução da informação. Quase todo o mundo está certo de que se está levando a cabo com uma rapidez sem precedentes e que os seus efeitos serão mais radicais do que tudo o que já aconteceu antes. Tanto na sua velocidade como nos seus efeitos, a revolução da

informação, misteriosamente, parece-se com os seus dois predecessores... Passeemo-nos pelo alvor de um par de séculos depois do Renascimento. Na primeira revolução industrial, James Watt melhorou a máquina a vapor, em meados dos anos 1770, mas este progresso não produziu muitas mudanças sociais e económicos até à invenção da linha férrea, em 1829. De igual modo, a invenção dos computadores, em meados dos anos de 1940: viu-se 40 anos mais tarde, com a expansão da Internet, na década de 1990, que iniciou a revolução da informação, para vir a conseguir grandes mudanças económicas e sociais. Estamos chamados à comunicação. As novas tecnologias são tecnologias da informação e comunicação. Mediante as relações interpessoais e institucionais, as escolas socializam-se, trocam informação, experiências e vivências, juntam forças e fluem, transformando-se numa grande plataforma de conhecimento formalizado, que melhora o conjunto da instituição. E é assim que se produz a inovação, quando o conhecimento circula, se troca e se combina. A inovação não se nutre do acumular do conhecimento, mas sim da sua circulação permanente. Estamos chamados a criar redes de escolas. A evolução das nossas instituições passa por partilhar e comunicar-se. Necessitamos de comunidades educativas.

No mundo, toda a economia está ligada com o resto, todos estamos vinculados em redes, de muitas formas, também financeiramente, a outras pessoas e lugares, que pode acontecer nunca visitarmos. O futuro está na Rede e em partilhar em rede. Não há conhecimento complexo sem a rede de redes, não há superação do estádio em que se encontra o mundo global sem a globalização das ligações, não há avanço no conhecimento sem relação entre ciências. Hoje, não se entende o trabalho de modo individual: o mundo global em que vivemos chama-nos a colaborar, por um lado, com outras instituições, a criar pontes que reforcem a tarefa que realizamos. A gestão da inovação educativa, hoje, é um processo, em primeiro lugar, organizativo, e esta organização materializa-se na experiência e relações entre escolas. Os ladrilhos destas relações entre escolas são, ao mesmo tempo, as relações entre as equipas directivas, as equipas de docentes e os educadores. Nenhuma instituição é melhor que a soma dos professores ou das equipas directivas que a compõem, e de facto, em muitas ocasiões, o colectivo é mais inteligente e garante com maior probabilidade o êxito do que o trabalho ou as ideias da pessoa mais inteligente do grupo. O desenho da organização e a forma de funcionamento de uma instituição educativa afectam de forma directa a sua capacidade de inovação e, por isso, a coluna central da melhoria nas escolas são os processos organizativos traçados num projecto educativo que configure

*As quatro perguntas chave para construir as escolas inovadoras...*

umas linhas chave e crie a cultura organizativa própria de cada instituição; porque o que conta é o caminho e a participação directa das equipas directivas e dos professores, e não tanto o ponto de chegada; neste sentido, a cultura organizativa tem uma importância extraordinária.

Finalmente, as instituições educativas inovam ampliando a sua base de conhecimento e distribuindo-a em novas direcções. Isto supõe experimentar e atrever-se a criar internamente as condições que favoreçam a aprendizagem dos indivíduos. As escolas só podem melhorar na medida em que o façam os seus professores e isto só acontece se criarmos as condições institucionais idóneas para favorecer laços e dar sentido à carreira docente e à pertença às nossas escolas. Estou convencido de que nas nossas escolas temos professores que querem falar e expor as suas descobertas e experiências; em definitivo, crescer e partilhar as suas vivências. A formação dos professores deve centrar-se em habilidades práticas; emigrando do ensino teórico ao desenvolvimento de competências, com o apoio das equipas directivas, que podem realizar, inclusivamente, as funções de “treinadores” em jornadas de formação e nas aulas. A criação de uma rede de escolas permite-nos criar um modelo de apoio e assessoria profissional aos professores se a rede e as equipas directivas dotam de sentido a finalidade da carreira docente e favorecem a criação de modelos de supervisão, apoio e *coaching* entre os professores e os formadores dos formadores.

### **3. Como formar professores inovadores?**

A União Europeia declarou 2009 o ano para a inovação e a criatividade. Em finais de Dezembro e em plena Porta do Sol (Madrid), a velha Europa ver-se-ia obrigada a fazer repassar, passas na mão e um a um, os projectos inovadores e criativos que tinham sido concebidos graças ao talento dos seus compatriotas europeus. Ao menos um por cada Estado! Se não... ao menos um por cada uva! A nossa mãe Europa, em plena crise de uma adultez tardia e monótona, no panorama internacional, entrega-se à moda da cirurgia e do bisturi com o Tratado de Lisboa. Mamã Europa espera rejuvenescer e voltar a ser escutada de novo pelo mundo, essa grande comunidade internacional de vizinhos... É que as quotas não se pagam e a crise não aperta por igual em todos os andares. No quintal inglês salpicam as gotas do Atlântico e nos Balcãs ainda há muitos que queriam mudar de bloco; do Este há sempre quem telefone para alugar um espaço a qualquer preço, há quem deixe o lixo à porta, a porteira varre a calçada de um lado para o outro,

as meninas chegam sempre tarde às escolas e os vizinhos não se entendem com os corredores. Diz-se cirurgia e bisturi...? Quis dizer inovação e criatividade. Faz falta mais do que uma bela dama para fazer frente ao presente, faz falta uma mulher criativa e inovadora. O presente educa-se inovador e criativo, ou não será futuro.

O nosso continente reflecte em voz alta, aos quatro ventos, e a sua consciência resguardada no Conselho Europeu toma nota ao pé da letra. A inovação e a criatividade são as duas caras de uma moeda fundamental para a capacidade dos nossos Estados responderem, efectivamente, aos desafios e possibilidades da globalização. Em virtude das mudanças que estão tendo lugar no presente e futuro laboral dos europeus, deu-se uma volta de 360º nos últimos decénios. Da manufactura e conversão de matérias-primas agrícolas e industriais em elementos de primeira necessidade, o presente da Europa passa por transformar a informação em conhecimento. O substrato base da nossa fabricação futura é a optimização, síntese, reformulação e recriação de informação em conhecimento e sabedoria. Vemos nos números oferecidas pelo próprio Conselho Europeu que caminhamos para um modelo produtivo no qual o emprego qualificado na União Europeia crescerá de 73 a 82% e o emprego pouco qualificado diminuirá de 27 para 18%, o que exigirá um esforço contínuo de adaptação para garantir a competência profissional e a coesão social. Quando tudo muda é preciso aprender a desaprender.

A Europa necessita de um novo plano estratégico para criar um ambiente favorável à inovação, onde o conhecimento seja transformado em produtos e serviços inovadores. A economia que bate às nossas portas, ao colocar ênfase no juntar valor por meio de um melhor uso do conhecimento e pela inovação, requer que se potencializem as aptidões criativas básicas de toda a população. Em particular, são necessários educadores inovadores que saibam desenvolver estas competências nos alunos europeus do presente, trabalhadores e cidadãos do futuro, porque, aconteça o que acontecer na Europa de amanhã, isso se gera hoje nas nossas escolas. Os professores estão chamados a perceber a mudança como uma oportunidade e a estar abertos a novas ideias que promovam a inovação e a participação activa numa sociedade fundamentalmente baseada na transformação da informação.

Qual é, pois, o objectivo base de toda a pedagogia? Leio uma nova edição da Pedagogía de Fritz März, que cita Romano Guardini «*O homem incompleto e o poder*», do ano 1960: “o saber, a posse e o domínio intelectuais aumentam

numa medida tão incomensurável que oprime literalmente o homem...; mas, se debilita essa profundidade que brota da penetração interior, em olhar e em experiência, a compreensão do essencial, a percepção do conjunto... cresce o saber: a verdade mingua”. Hoje, a percepção do conjunto, a síntese do essencial, a reflexão, a análise, o discernimento, a transformação da informação... são a base da nossa economia futura; quiçá a década de sessenta foi ensombrada, mas o presente é uma onda de informação que, se não se aprender a manejar, pode converter-se em lapidária e “infixante”. O futuro passa por ensinar-se hoje, nas escolas; mas, quem ensina os «ensinantes»?

Em Março de 2007, o Conselho Europeu acentuou o papel da formação permanente do professorado como factor determinante para aumentar a criatividade, o rendimento da inovação e a competitividade, ao apresentar o «triângulo do conhecimento», que inclui a educação, a investigação e a inovação. A declaração do ano europeu 2009 é uma forma eficaz de fazer frente aos desafios, por meio da sensibilização da opinião pública, a difusão de informação sobre boas práticas, o estímulo da investigação, a criatividade e a inovação e o fomento do debate político e a mudança. O objectivo da nossa inquieta Europa para 2009 consiste em promover a criatividade e a capacidade de inovação como competências chave. Se queremos alunos criativos e inovadores, há que investir na formação de educadores criativos e inovadores. Para mudar o modelo produtivo, inovar, diversificar e desenvolver novas formas de produção para a transformação qualificada da informação, fazem falta novas competências profissionais e aprendizagens permanentes... mas também criativos e atrevidos! A criatividade, sustento da inovação, é principalmente vivencial. A criatividade é uma característica humana viva que se manifesta em todos os âmbitos da vida, desde as obras de arte, desenho e artesanato, até às descobertas científicas e à tarefa do educador. A inovação consiste na construção e desconstrução de novas ideias; a criatividade é uma característica *sine qua non* da inovação. Os novos produtos, serviços e processos, ou as novas organizações, entre elas a escola, requerem que as pessoas inventem novas ideias e associações entre elas. Por isso, competências como o pensamento criativo ou a resolução avançada de problemas são essenciais tanto no âmbito educativo como no social ou económico. O salto para a inovação, que passa pelo necessário domínio teórico, precisa da experiência criadora. Por isso, para formar educadores inovadores, só uma formação permanente, criativa, pode enfrentar o desafio da mudança. Convertamo-nos em educadores que desaprendem para voltar

a aprender porque, como escrevia o sábio Benedetti, quando conhecíamos todas as respostas, mudaram-nos as perguntas. Aprendamos a desaprender.

### **Como se pode inovar na formação permanente dos professores?**

1. Fomentar a formação permanente é um processo mais amplo do que uma intervenção ou do que programas de actividades específicas. Exige combinar processos formais e informais ao longo de todas as etapas e contextos educativos que atravessam cada trabalhador.
2. Para levar a cabo um verdadeiro processo permanente de formação é necessário construir o nosso próprio portfolio profissional e vivencial de aprendizagem, em que voltemos ao princípio do caminho e do desenvolvimento da nossa carreira vocacional como educadores. Os nossos interesses e motivações, assim como os nossos vínculos pessoais são chave nas metas formativas que podemos planificar e cumprir.
3. A criação de um portfolio e o seguimento de um processo de formação contínuo e planificado no tempo permite-nos avaliar e fomentar a qualidade docente da nossa própria formação, adaptando o programa de ensino às necessidades da nossa escola e avaliando a própria acção dos formadores para continuar com aqueles que o merecem e evitar perder tempo em aspectos que dominamos ou que estão bem compreendidos na formação inicial ou passada.
4. Ao mesmo tempo, a formação deve promover o trabalho de equipa entre os docentes, impulsionando a coesão emocional do grupo e participando numa supervisão e avaliação conjunta do desenvolvimento profissional docente.
5. É conveniente que esta supervisão chegue mesmo à aula e os educadores e seus formadores disponham de oportunidades para reflectir sobre o trabalho de campo proveniente da acção formativa, com entrevistas e processos de “coaching” inseridos na realidade do dia a dia da tarefa educativa.
6. A formação permanente, não sendo então anedótica mas constante, pode ocupar um espaço na jornada laboral dos educadores, dedicando um tempo do seu trabalho à própria reflexão e actualização do portfolio e no contacto e entrevistas com os formadores.
7. Do mesmo modo, a formação permanente não é um processo esporádico e caprichoso senão algo que se relaciona com a realidade

- e necessidades da escola e do grupo de professores e se atribui sob a forma de itinerário com sentido;
8. E que, além disso, permite obter um certificado válido e reconhecido, não só pelos Ministérios da Educação, mas também por outras instituições educativas, como Universidades e Centros de Formação.
  9. Este modelo de formação permanente, pessoal e definido em diálogo com o grupo e a escola, permite fixar metas, avaliar e prestar contas. Os responsáveis da formulação de políticas devem garantir que os líderes escolares tenham critério para estabelecer uma direcção estratégica e aperfeiçoar a sua capacidade para desenhar planos escolares. A formação permanente de qualidade permite a distribuição da liderança educativa na escola.
  10. Trata-se de abordar sinergias, pelo que os planos de formação devem desenvolver estruturas que permitam aos educadores partilhar os esforços e o investimento para maximizar o rendimento que supera os limites de cada escola, criando redes que partilham recursos, também humanos.
  11. Um extenso conjunto de conhecimentos apoiados pela prática permitiu à OCDE identificar o conteúdo, o desenho e os métodos dos programas de formação eficazes. Assinala os seguintes factores chave: coerência do plano de estudos, experiência em contextos reais, tutoria, instrução, aprendizagem mútua e estruturas para actividades de colaboração entre o programa e as escolas.
  12. Finalmente, relacionar o salário com a formação e o portfolio docente permite estabelecer distintas escalas de compensação económica e, deste modo, atrair mais candidatos para a direcção e a criação de grupos de trabalho inovadores no âmbito da educação.

# Escolas com inteligência espiritual

JOSÉ MARIA BAUTISTA (\*)

A pastoral educativa vive o seu momento de maior esplendor da história. Nunca se tinham utilizado tantos recursos, pessoas, orçamento, planos e projectos. Se juntarmos as aulas de religião, de orientação pedagógica, entrevistas, campanhas, horas interdisciplinares onde se faz pastoral nas disciplinas, convívios, orações, celebrações, festas, catequese... São muitíssimas horas dedicadas à pastoral!

No entanto, nunca como agora foi tão grande a necessidade de mudança, a sensação de que não conseguimos os nossos objectivos, de que não é para isto que isto se fundou.

Sabemos o quão pouco atractiva é a nossa oferta na geração Y. Quando termina a comunhão um furacão arrasa tudo o que foi construído e é preciso recomeçar. É quando passam ao ensino secundário que se desligam “disto”. Quando saem da escola, sabemos qual é o seu nível de matemática e de língua, demos-lhes valores, sabem tomar decisões, chegarão à Universidade... mas não temos a mínima ideia do que conseguimos com a pastoral. Em apenas 15 anos as igrejas ficaram vazias. Só 10% vai à missa. Estão noutra mundo... Ou somos nós que estamos noutra mundo?

## 1. OS NEUTRALIZADORES DA MUDANÇA

Nós, os educadores, fizemos este silogismo: se vivemos num mundo novo, então precisamos de uma pastoral nova, que, se possível, não se chame “pastoral”.

---

(\*) Doutor em Semiótica. Licenciado em Filologia Espanhola. Diplomado em Pedagogia e em Filosofia. Membro da Direcção e da Equipa de Formadores da FERE-CECA, Espanha.

Parece simples, não é? Se estamos na hora de mudar, então mudemos!

Mas não. As mudanças não chegam. As pessoas vêem a necessidade de mudar na sua cabeça, mas não a sentem nas suas entranhas.

É então que se activam “os neutralizadores da mudança”, pequenos mecanismos subtis que tornam possível que a linguagem continue a falar freneticamente de mudanças, entretendo e despistando as pessoas para que os factos não mudem.

### **Os animadores**

O primeiro grupo de neutralizadores é formado pelos “animadores”. Costumam ser pessoas com responsabilidade que, em vez de exercerem uma liderança de mudança, se dedicam a dar ânimo. O mais importante é que as pessoas fiquem contentes, o pessimismo é proibido, as coisas não estão assim tão mal, não critiquem nada porque as pessoas estão muito sensíveis. Os encontros, cursos e jornadas convocam-se com esta finalidade: para que oiçam uma mensagem positiva... Mas não estão a ver?

### **Os corta-e-cola-na-minha-pen**

O segundo grupo é uma espécie de caça-talentos que estão à caça de Power Points, contos, canções, vídeos, orações, etc. Pensam que o problema está em estabelecer uma ligação com os alunos, que isto se soluciona simplesmente mudando a forma e a linguagem, que de certeza que com este vídeo tão porreiro, que me impressionou tanto, certamente vou chegar a eles. Toda a equipa de pastoral que se preze tem de ter alguém assim, alocado, criativo, roqueiro, alternativo...

### **Os funcionários da pastoral**

Este terceiro grupo julga que uma tabela Excel é capaz de solucionar qualquer problema. Costumam subir muito alto na escala de nomeações e responsabilidades. O cargo pastoral é uma simples carga temporal, a caminho do cargo de director da escola. É uma espécie em crescimento, porque agora se valoriza muito a gestão, as pessoas que sabem tomar decisões com rapidez e força, sem duvidar, que sabem fazer organigramas, orçamentos, cronogramas, mapas mentais, redução de gastos e maximização de lucros.

Os três neutralizadores estão programados para nos tornar a mudança indesejável. O motor de todos os neutralizadores da mudança é o medo. O medo paralisa-nos porque não acreditamos em nós próprios, nem acreditamos na força da educação espiritual como necessidade urgente das pessoas e da sociedade.

Não descobrimos que a mudança entra neste campo semântico: encarnarmos o mundo, chegar ao coração, ser visionários, lutar por um mundo melhor, criar estruturas que humanizem...

## **2. A MORTE DO PARADIGMA “TRANSMISSÃO DA FÉ”, O NASCIMENTO DA “PEDAGOGIA ESPIRITUAL”**

A pastoral não precisa de retoques, formação, programas ou materiais. Precisa de uma mudança de paradigma, e esta questão é extremamente importante. Primeiro, devemos situar-nos no mundo actual, dos Social Media e da geração Y. Depois aprender com as investigações e como actuam os mecanismos de aprendizagem e como se repercutem na nossa prática educativa.

A mudança pastoral consiste na morte do paradigma “transmissão da fé”, e em como conceber uma espécie de “pedagogia espiritual”. Em abandonar um modelo baseado em “ensinar” a fé e passar a construir processos onde todos e todas, alunos e educadores, experimentemos processos de aprendizagem para a fé.

Vou enumerar 10 argumentos, simbolizados em 10 especialistas e investigadores que avalizam a necessidade de abandonar o modelo “transmissão”.

### **1) Sarah J. Blakemore**

O primeiro argumento vem da Neurobiologia. Nos últimos dez anos, as modernas ferramentas de ressonâncias magnéticas cerebrais permitiram alcançar descobertas com grande repercussão para a educação. A mais conhecida é a realizada com os taxistas de Londres pelo Institut of Cognitive Neuroconscience, outras sobre as mudanças na adolescência, como funciona o cérebro nos músicos, ou em pessoas com deficiência. Estas investigações demonstram que o cérebro não é um recipiente de conhecimento, mas sim um órgão com grande plasticidade, que varia de tamanho quando se estimula. Nos taxistas de Londres, o seu hipocampo duplica o tamanho habitual porque

é a zona que se ocupa da orientação do espaço. A chave da aprendizagem e da pedagogia espiritual não é introduzir à força conteúdos na mente da criança, mas sim exercitar os órgãos cerebrais onde residem as suas capacidades para desenvolver conhecimento de forma autónoma.

## **2) Howard Gardner**

O seu modelo de Inteligências Múltiplas mostra que não existe uma única inteligência que se possa converter em padrão de aprendizagem como pensamento único, porque as inteligências variam de uma pessoa para outra. Mais interessante ainda, cada pessoa tem no seu interior múltiplas inteligências.

## **3) Vigotsky**

A aprendizagem dá-se:

- Quando se actua sobre os limiares de desenvolvimento para que o sujeito salte para a zona de desenvolvimento próxima.
- Quando se avança da externalidade até à internalização.
- Quando há metaconsciência de que se avança nos degraus de um processo, das competências básicas até às competências mais complexas

De acordo com estas chaves, a aprendizagem espiritual não surge mediante a escuta de homilias, nem pode começar pelas competências religiosas complexas, nem mediante a introspecção, que são as três estratégias da “transmissão da fé”. Mas surge sim a partir da autonomia do sujeito, analisando das competências mais simples às mais complexas, a partir da aprendizagem social, cultural, simbólica, existencial e encarnada para a espiritual e religiosa.

## **4) Czikszentmihalhy**

A inteligência emocional contém ferramentas excelentes para me descobrir por dentro, descobrir as minhas qualidades, identificar as minhas zonas obscuras, valorizar-me, gostar de mim... Mas isto não é suficiente. A sociedade emocional sumida na depressão, como a maior praga dos nossos tempos, deu o salto para investigar as chaves da felicidade. Czikszentmihalhy

intitula o seu “Flow” desta forma, “Uma psicologia da felicidade”. O primeiro livro de Seligman é *Felicidade autêntica: os princípios da psicologia positiva*.

### **5) Matthiew Ricard**

Matthiew é monge budista e colabora com a Universidade de Wisconsin em investigações neurobiológicas. Descobriu algo, que, de tão evidente, tínhamos ignorado. A questão é que Rafael Nadal dedica duas horas diárias exclusivamente para treinar o serviço. Que um violinista precisa de 10.000 horas para modificar o seu cérebro. É precisamente um monge budista quem diz que é possível modificar o nosso cérebro para melhorar a nossa qualidade de vida, a nossa felicidade. Isto é o que consegue precisamente a meditação. É preciso dedicar muitas horas, fala de 20.000 horas, não é exagerado se compararmos o desafio de ser feliz com o de dominar um violino. A experiência religiosa não consiste na aprendizagem memorística de uns conteúdos, mas sim em criar hábitos interiores para nos familiarizarmos com o nosso ser.

### **6) Anselm Grün**

Ser místico, segundo Anselm Grün, monge beneditino, é ser capaz de reinterpretar a nossa vida do ponto de vista de Deus. A fé é a capacidade de ver a presença activa de Deus em todas as coisas, a marca de Deus em cada pessoa, em cada acontecimento. Não chegamos à fé mediante a introspecção de princípios doutrinários, chegamos à fé quando a descobrimos no interior; portanto, a melhor pedagogia espiritual é a do autoconhecimento. A segunda via para chegar à fé é a perspectiva, aprender a reinterpretar a vida com outros olhos. A pedagogia espiritual é um acto de compreensão e de escuta com um novo olhar, muito mais do que um acto de transmissão da fé.

### **7) Albert Nolan**

Nolan, teólogo sul-africano dominicano, dá um passo mais: para descobrir a marca de Deus nos sinais dos tempos precisamos das ferramentas contrastadas pelos especialistas do mundo da Psicologia e da Pedagogia, para aprender os mecanismos do autoconhecimento, por exemplo, da Sociologia e da Hermenêutica, para saber interpretar o que se passa nos relatos, nos ensaios, na Internet e no mundo globalizado, para aprender como fazer a encarnação no novo paradigma da Internet...

### **8) J. A. Pagola**

Outro passo é que a alfabetização bíblica, espiritual, teológica e religiosa não consiste só em dominar determinados códigos do passado, que também é necessário, mas sim em descobrir, por exemplo, o valor subversivo das parábolas. Para isso, precisamos das ferramentas da Narratologia, por exemplo, para saber distinguir a diferença entre o mito, que retroalimenta e contribui para a sustentabilidade do sistema ideológico e axiológico, face à parábola, que mina o *statu quo* do sistema social e as injustiças. Este é o escândalo que subjaz à simplicidade do Evangelho.

### **9) Bispos do Quebec**

Um dos documentos fundadores, que provocaram um grande avanço no pensamento pastoral, foi “Propor a fé aos jovens” elaborado pelos bispos do Quebec. Contém a crítica mais demolidora contra o modelo “transmissão da fé”. No passado, os planos pastorais consistiam em criar gigantescos planos hidrológicos para levar a água às pessoas; nisto consistia a evangelização tradicional, em encher a cabeça das pessoas de conteúdo. Propõem passar a pegar numa varinha de condão e descobrir a fonte da fé de cada pessoa. Os seus mananciais estão na vivência existencial quotidiana, fracassos, êxitos, amores, desafios, depressão, festas...

### **10) André Fossion**

André Fossion, jesuíta belga, contrapõe a pastoral de *encadrement*, uma pastoral de quadros de empresa, onde o mais importante é a planificação para recuperar a fé e o peso social da religião na sociedade, mediante grandes investimentos. Neste modelo de transmissão, o mais importante é falar, actuar, convencer. Pelo contrário, propõe uma pastoral de *engendrement*, uma pastoral de escutar e de prestar atenção aos impulsos vitais das pessoas, porque a única forma para que surja a fé é através de uma experiência que parta da sua própria autonomia.

## **3. SOLUÇÕES**

Continuamos a procurar a solução para os problemas novos com soluções velhas. Isto provoca duas reacções: a dissolução ou a involução.

Chegam à dissolução os que, convencidos da necessidade espiritual, não têm forças e renunciam a mudar as coisas.

Chegam à involução os que querem instrumentalizar a religião para restaurar momentos do passado que estão representados na sua cabeça como melhores.

As soluções habituais em pastoral não dão frutos porque não estão dirigidas para acções num modelo ou paradigma pastoral.

Por exemplo, a oração da manhã, o oratório, as campanhas, o acompanhamento, as eucaristias... pode ser que sejam boas acções, que não vou avaliar; o que é evidente é que são soluções pontuais e as acções pontuais manterão sempre a ordem existente enquanto não se fizerem a partir de um modelo diferente. A chave não é o que fazemos mas sim a partir de que paradigma o fazemos.

**1ª solução: *Pedagogia espiritual sistémica: a competência espiritual a partir da orientação pedagógica***

Parece-me oportuno importar o conceito “sistémico”, de Peter Senge. Gosto de combinar o termo “pastoral sistémica” com o termo “pedagogia espiritual”, chegando a algo, ainda por modelar, a que podemos chamar “pedagogia espiritual sistémica”. Estes são os seus ingredientes:

- Que seja sistémico, que afecte a totalidade da escola (ou em caso de uma paróquia, família ou grupo, que afecte toda a organização).
- Que tenha uma liderança hierárquica pela equipa directiva, não só pelo pequeno grupo activo de pastoral.
- Que se consiga o compromisso pelo menos de todo o corpo docente, com responsabilidades práticas concretas.
- Que se dê prioridade à formação dos educadores acima da formação dos educandos.
- Que se elabore uma sistemática do processo pedagógico, um mapa de competências necessárias para alcançar a competência espiritual, dos degraus a subir para avançar, a partir das competências mais simples até às mais complexas.
- Que se decida institucionalmente sobre os estilos didácticos e metodologias pelos quais optamos em pastoral.

- Que a unidade educativa emissora não seja o indivíduo mas sim a equipa, o corpo docente como concreção realista, ou a comunidade educativa como ideal a atingir.
- Que a unidade educativa receptora não seja o indivíduo, mas sim o grupo e a turma, ou a comunidade educativa como horizonte.
- Que a mudança venha da experimentação, da espontaneidade, da criatividade e da divergência.
- Que haja uma pedagogia explícita das competências emocionais, simbólicas, existenciais, espirituais e religiosas, que consideramos necessárias para tornar o processo paulatino de pedagogia espiritual. Longe da pastoral implícita, que se conforma com didácticas verbais, informativas, centrada numa retórica intencional sobre a doutrina e sobre o mundo dos valores abstractos meramente gnósticos. Sei que a maioria chama explícito ao que eu chamo implícito, e vice-versa. Sei-o.

Isto consegue-se dando cinco passos simples e viáveis.

- 1) Formação, à volta de dez horas, para todos os educadores da escola, pastoralistas, directores, crentes, não crentes, orientadores, não orientadores... sobre a escada das competências que levam à competência espiritual e à metodologia mais adequada.
- 2) Um projecto orientador que sirva como emblema, que englobe todas as idades e turmas, que seja preciso e simples, à volta de dez horas por ano, que envolva todos os orientadores nas competências espirituais. Que seja emblema ou metáfora do que se pode fazer em todas as disciplinas, mas que seja princípio ou porta de entrada de um novo modo de fazer.
- 3) Que se gere um número pequeno de projectos interdisciplinares, por níveis ou departamentos ou disciplinas afins, que reflectam de forma física o compromisso de todo o corpo docente pela competência espiritual como fim último do projecto educativo da escola.
- 4) Que se reveja de que forma todas as actividades de pastoral contribuem para atingir cada uma das competências. Que isto tenha consequências efectivas, que se elimine o que angustia e não serve.

- 5) A concepção sistémica implica a adopção de um modelo de indicadores de pedagogia espiritual sistémica, não para avaliar no final do processo se serviu ou não, mas sim para educar desde o primeiro dia focalizando as finalidades.

2ª solução: **Escolas com inteligência espiritual**

Julgo que este é o aspecto essencial, não tanto no que se refere à competência espiritual dos nossos alunos, mas sim à inteligência espiritual das nossas escolas, para que sejam espaços de atracção, de vivência, de bem-estar espiritual das pessoas.

O modelo “actividades de pastoral” saturou muitas vezes de obrigações e papelada os educadores, dando um ar mais empresarial à pastoral. Os modelos de qualidade elaboraram infinitas possibilidades de indicadores, em alguns colégios mais de 200 indicadores, que convertiam a pastoral mais numa carga moralista do que numa libertação vital. Com isto era impossível centrar-se no essencial.

A minha proposta parte de dois princípios que contrabalançam os dois modelos anteriores:

- Ir ao essencial, e o essencial é a oração, como espaço de encontro íntimo connosco próprios e com Deus, como tempo de parar e centrar-se no essencial, como processo de crescimento e de avanço para a felicidade ou plenitude.
- Chegar a todos, ter a comunidade educativa como horizonte, tanto aos crentes, aos não crentes, aos educadores, às famílias, a partir de uma proposta flexível, onde confluem diferentes necessidades e motivações.

Por isso, aqui, só proponho uma iniciativa: que o centro educativo conceba um tipo de oração mais próxima à meditação colectiva do que à celebração formalista, que nem sequer é preciso chamar “oração”.

Se queremos que seja um espaço de formação e de melhoria pessoal de todos os educadores e, portanto, de assistência obrigatória para todos eles, como qualquer outro curso de formação, então chamá-lo-ia “espaço interior”, “oficina de crescimento pessoal” ou, utilizando alguns recursos mais

publicitários, poder-se-ia pensar em loucuras associadas ao *chill out*, *spa* da alma...

Se queremos que tanto os crentes como os indiferentes se impliquem, este “espaço interior” tem de se construir em torno de um formato simbólico, onde cada um descodifique, segundo o seu momento, e encontre segundo as suas necessidades. Em torno de um formato existencial, que forneça uma experiência vital, que ligue emocionalmente, que quebre esquemas, que provoque, sem protocolos falsos nem formalismos artificiais. Em torno de um formato místico, que permita que cada um construa uma via de acesso ao encontro com Deus. Em torno de um formato emocional, se queremos que este “espaço interior” sirva para algo, tenha a sua aplicação concreta no “espaço exterior”.

Julgo que esta proposta deve ter três ingredientes formais ou mediáticos, porque não tenho dúvidas de que o meio e os meios, a forma, a estética, o modelo ideológico e cultural... são a mensagem:

- Um ingrediente mediático, que mediante a combinação de música, vídeo, cor, imagem, narrações... consiga uma virtualidade que faça com que o destinatário entre num mundo distinto, viva um filme, que lhe toque o coração, que trate da cultura do seu tempo, que esteja encarnado nas carnes e códigos que as pessoas comuns manejam. Esta é a única coisa difícil de conseguir, porque nós, os educadores, estamos muito afastados da alfabetização média, mediática, técnica e cultural da sociedade.
- O ingrediente do silêncio. Não há mística sem silêncio. Mas chega-se ao silêncio através da sedução semântica, do conteúdo que há no silêncio, do encontro que nos espera no combinado com esse momento místico e transcendente, que combina sempre o emocional com uma nova forma de conhecimento.
- O ingrediente comunitário da ligação e interligação através da expressividade exterior do que cada um viveu no seu interior. Sim, a via segura que será o gesto, mas não o gesto litúrgico gasto.

Este artigo tentou ser um radar face aos perigos de neutralização ou de regressão que a pastoral de algumas escolas vivem perante a falta de resultados. Tentei mostrar alguns princípios científicos que avalizam a morte

do paradigma “transmissão da fé” e o nascimento de um paradigma que chamámos “pedagogia espiritual”.

Concluí com duas propostas viáveis, que já estão em funcionamento em alguns centros educativos, encaminhadas para a formação na competência espiritual das pessoas, especialmente dos alunos, e para conseguir um fim:

Escolas com inteligência espiritual.

Só precisamos de fé.

• • •

### **LIVROS PARA A MUDANÇA**

ASAMBLEA DE LOS OBISPOS DE QUÉBEC (2005): *Proponer hoy la fe a los jóvenes: una fuerza para vivir.*

BAUTISTA, J.M. (2010): *Todo ha cambiado con la Generación Y. Los paradigmas que mueven nuestra cultura*, Monográfico de la Revista Frontera-Hegian (Brevemente).

BUCAY, J. (2010): *El camino de la espiritualidad*, Barcelona, Grijalbo.

SENGE, P. (1992): *La quinta disciplina*, Barcelona, Granica.

PALUCH, A. (2010): *El combustible espiritual*, Barcelona, Planeta.

TORRALBA, F. (2010): *Inteligencia espiritual*, Barcelona, La Isla Libros.

VERHACK, É. (2007): “Las escuelas católicas europeas: una misión en una diversidad de culturas y de realidades”, em AA.VV., *¿Líderes o gestores? Liderazgo espiritual en los centros educativos*, Madrid, Santillana.



# **Alcancemos uma cultura organizativa de qualidade nas nossas escolas católicas**

IRENE ARRIMADAS GÓMEZ (\*)

## **1. Planeamentos da organização: cultura e política**

A “cultura organizativa” é o conjunto de crenças, valores, rituais, mitos, sentimentos, estilos de trabalho e relações que distinguem uma organização das outras e que influenciam de maneira determinante o comportamento dos indivíduos e grupos vinculados a ela, já que estes encontram nesse conjunto de elementos as chaves a partir das quais interpretam a sua actividade e a sua posição na organização.

Para definir a cultura organizativa deve-se responder a três questões, que explicam a razão de ser da organização: quem somos, o que queremos fazer e para onde vamos. Essa cultura impregnará a organização de tal forma que todas as pessoas que trabalhem nela possam amadurecer e desenvolver o seu perfil profissional através do próprio desempenho das suas tarefas, fazendo com que a própria organização seja portadora dessa identidade.

Para além disso, a instituição deve explicar quais são os valores que moldam a sua cultura organizativa. A partir daí, a preocupação deve ser como fazer para que as nossas organizações vivam nesses valores. Para isso, há quatro linhas de actuação:

- A gestão do conhecimento: o conhecimento que brota, para além disso, da interacção dos diferentes membros. A organização deve aproveitar todo o conhecimento do seu pessoal. Como se solu-

---

(\*) Doutor em Semiótica. Licenciado em Filologia Espanhola. Diplomado em Pedagogia e em Filosofia. Membro da Direcção e da Equipa de Formadores da FERE-CECA, Espanha.

cionaram problemas anteriores. Essas soluções podem-se exportar a outras escolas e instituições.

- Iniciativa: a direcção deve fornecer e trasladar para a organização as inquietações e projectos. A gestão do quotidiano não pode paralisar a iniciativa.
- Personalização: uma nova cultura deve investir muito tempo na dedicação às pessoas. A direcção deve conhecer as potencialidades e o caudal de conhecimento de cada um e, para além disso, estabelecer planos de formação na medida das necessidades do pessoal.
- Riqueza colectiva: o valor da organização reside na complexidade e riqueza das relações e sinergias que se vão suscitando. Para isso, é importante gerar espaços para o diálogo e o trabalho em equipa, eixo dos projectos colaborativos que se ponham em prática na organização.

## **2. Aspectos a ter em conta para o diagnóstico da cultura organizativa**

A cultura da organização pode-se entender de duas maneiras:

- Implícita: não expressa verbalmente; gerada pelos costumes, hábitos, ideologias, etc.
- Explícita: expressa por escrito.

Para desenvolver uma adequada gestão da organização é necessário partir do diagnóstico do tipo de instituição na qual se está a trabalhar, e, para isso, podem-se diagnosticar os dez aspectos comuns que configuram toda a cultura organizativa:

- *MISSÃO, VISÃO E VALORES*
- *ESTRUTURA ORGANIZATIVA*: Número de membros da direcção ou responsáveis, bem como a maneira como se organiza o trabalho de todo o pessoal da organização.
- *TIPO DE LIDERANÇA UTILIZADA*: Que impressão têm os empregados dos seus membros da direcção.
- *MOTIVAÇÕES UTILIZADAS*: O que é que a organização utiliza para melhorar o rendimento dos trabalhadores (tipo de motivações e sanções).

- *NÍVEL DE COMUNICAÇÃO*: Que grau de comunicação se dá na organização (ascendente, descendente, horizontal, vertical, etc.).
- *IMPLICAÇÃO DOS TRABALHADORES*: Se se tem em conta ou não as opiniões dos trabalhadores no momento de tomar decisões.
- *FORMA DE ESTABELECEER OS OBJECTIVOS DA ORGANIZAÇÃO*: Quem estabelece os objectivos, se são aceites ou não pelo resto dos trabalhadores, e como é valorizada a consecução desses objectivos.
- *FORMAÇÃO*: Se a organização se preocupa ou não em formar os seus trabalhadores.
- *ESTRUTURA SALARIAL*: Se os empregados estão satisfeitos ou não com o seu salário, bem como com os critérios que se seguiram para estabelecer tais salários.
- *APROVEITAMENTO DOS RECURSOS HUMANOS*: Se há possibilidades de promoção interna na própria empresa.

### **3. Chaves da cultura organizativa das escolas católicas: viver um projecto educativo de qualidade a partir da identidade**

A qualidade de qualquer tipo de organização passa pela definição da sua missão, visão e valores. A missão é a concreção da razão de ser, o projecto, a tarefa e os objectivos que tem tal organização e que fundamenta a sua razão de existir.

A visão é a forma como cada organização deseja ser no futuro, realizar a sua missão, renovar-se e introduzir mudanças para se adaptar às novas necessidades e desafios da sociedade.

Os valores são os referentes, princípios, expectativas e atitudes, implícitas ou explícitas, que formam a cultura organizativa da organização, o clima de relações e o comportamento das pessoas que pertencem à mesma. A configuração e aplicação do projecto educativo é o instrumento principal para conseguir uma escola de qualidade. Sem projecto educativo não há educação, não se chega mais além da instrução. Esta é uma premissa aplicável tanto às escolas privadas, incluindo as católicas, como às públicas.

O carácter próprio da escola católica é o eixo de referência para definir a missão, a visão e os valores que os seus projectos educativos encarnam, já que o ideário cristão é imprescindível para educar a partir de uma determinada cosmovisão e modelo antropológico, axiológico, ideológico, ético e religioso da pessoa e da sociedade. Neste carácter específico do seu ideário radica não só a qualidade educativa de uma escola católica, mas também a sua própria razão de ser e a sua identidade como instituição educativa na sociedade. Sem estes traços distintivos a sua existência não seria necessária dentro do sistema educativo.

A missão da escola católica é educar a partir de uma visão humanista-cristã, radicada nos valores do Evangelho, no diálogo fé-cultura-vida, aberta a todos, com relações cordiais e fraternas, com pluralidade, e como serviço de interesse geral da Igreja à sociedade.

A sua visão, os seus referentes e expectativas, é a de converter-se em escola de todas as inteligências, com itinerários pessoais de crescimento, escola sem muros e escola encruzilhada, escola para aprender ao longo da vida, escola sinal de vida aberta à transcendência, escola que aposta na pessoa, escola de valores, escola da cultura, escola em rede e solidária, escola de missão partilhada, escola proactiva perante os desafios e problemas, escola humanizadora, escola comunidade educativo-pastoral, escola de Igreja, etc.<sup>1</sup>

Os seus valores são competência perante a competitividade, inclusão e acolhimento, construção da pessoa como globalidade, qualidade educativa centrada na pessoa, sentido de função social, de todos e para todos, crítica, personalismo, compreensão, interculturalidade, valores cristãos explícitos, interioridade, carisma.<sup>2</sup>

Segundo as propostas do documento CEL<sup>3</sup>, entende-se que a cultura organizativa das escolas católicas se sustenta, entre outros, sobre estes factores:

---

<sup>1</sup> Cfr. FERE-CECA, *Escola católica: signo y propuesta de futura*, SM/FERE-CECA, Madrid, 2005.

<sup>2</sup> Cfr. FERE-CECA, *Escola católica: signo y propuesta de futura*, SM/FERE-CECA, Madrid, 2005.

<sup>3</sup> FERE-CECA e EyG (2005): *Calidad, Equidad y Libertad en la educación. Nuestra visión del sistema educativo*. Madrid, FERE-CECA e EyG.

- Levar à prática os fins próprios do ideário da escola católica (ou seja, a sua missão).
- A liderança da equipa directiva em todos os aspectos que implica a direcção e organização de um centro educativo. Liderança como capacidade de guiar e arrastar outros numa direcção: conseguir os objectivos da entidade. Em todo o grupo as funções da liderança devem estar abertas a todos os membros (liderança distribuída).
- A existência de um projecto educativo comum, que materializa a identidade e os objectivos da organização, e que tem como centro a educação nos valores do Evangelho.
- A implicação e formação de todos os integrantes da comunidade educativa. É muito importante o grau de vinculação e compromisso da comunidade educativa no projecto. O projecto precisa de uma Comunidade para a sua realização. Por exemplo, um centro educativo será católico se tiver uma Comunidade Cristã que o dinamize nos aspectos fundamentais relativos à missão.
- A planificação, selecção e formação do professorado segundo o perfil do formador cristão.
- Os níveis de participação e cooperação internos e externos no projecto partilhado, e a qualidade das relações: professor-aluno, professor-família, professor-professor.
- A formação dos alunos nas novas competências segundo o estilo pedagógico humanizador.
- As crenças, atribuições e expectativas do corpo docente sobre a aprendizagem. Os centros educativos de qualidade centram o seu trabalho na consecução de um projecto de escola e sociedade com referência a determinados valores morais, éticos e religiosos, que têm como eixo a educação integral do aluno.
- A inovação, criatividade e a capacidade de adaptação às mudanças do cenário educativo, sobretudo através da auto-avaliação como uma ferramenta de trabalho habitual. Assim se gera uma cultura organizativa de auto-avaliação e melhoria contínua, que nos faz reflectir sobre como estamos a responder ao ideário e projecto educativo.

Algumas das chaves para desenvolver estes factores nas escolas católicas podem ser:

### MISSÃO, VISÃO E VALORES

Os centros educativos de qualidade centram o seu trabalho na consecução de um projecto de escola e sociedade com referência a determinados valores morais, éticos e religiosos e materializam-no num projecto educativo inspirado no humanismo cristão, com uma visão transcendente da pessoa, aberto e flexível ao universo cultural de cada momento. Este projecto educativo tem de ser assumido por toda a comunidade educativa, e tem como eixo a educação integral do aluno comprometida com a experiência religiosa.

### EDUCAÇÃO RELIGIOSA PARA ALÉM DO CURRÍCULO

Esta dimensão imprescindível para a formação integral, que não pode ser reduzida ao âmbito do privado, precisa de ir mais além das competências sobre cultura religiosa, e estabelecer um verdadeiro diálogo entre fé e cultura para superar a dialéctica entre religiosidade e espiritualidade. Para além disso, como a escola não é católica só porque tem aulas de religião, é preciso ter especialmente em conta o clima, o estilo de relações, as celebrações e festas, o ambiente da escola, a atenção aos tempos litúrgicos, a proposta de modelos de vida crentes, a existência de grupos de aprofundamento da fé e da catequese, as actividades do voluntariado e acção social, os projectos com ONG, etc.

### INCLUSÃO E ACOLHIMENTO

O sistema de valores da escola católica transmite-se através do conjunto de estruturas, normas, crenças, relações e emoções, rituais, estilos de trabalho, etc., que a distinguem de outros tipos de organizações educativas. Neste sentido, a escola católica de qualidade valoriza, tem em atenção e torna participantes do seu desenvolvimento toda a comunidade educativa, através da criação de um clima acolhedor e de um alto grau de comunicação, participação e compromisso entre o aluno, a escola e as suas famílias. Para além disso, fomenta-se a estabilidade das equipas educativas, juntamente com uma grande autonomia pedagógica, organizativa e de gestão das escolas, onde a tomada de decisões se faz a partir de critérios evangélicos. Essa autonomia da escola gera atitudes proactivas nas equipas

directivas e no professorado porque potencia a tomada de decisões criativas, a procura de novas soluções e a consecução de uma melhor adaptação às novas realidades e problemas. Para além disso, põe-se em prática um estilo pedagógico participativo através da metodologia didáctica e da organização de espaços e de tempos.

#### PROJECTO EDUCATIVO ASSUMIDO PELA COMUNIDADE EDUCATIVA

O projecto educativo da escola é o eixo estruturante de toda a acção educativa, e, por isso, deve ser assumido e renovado pela comunidade educativa para que não se converta num “currículo de armário fechado”, para o dotar de coerência e funcionalidade. A autonomia da escola é condição indispensável para elaborar e implicar de forma proactiva as famílias, os alunos e os educadores nos projectos educativos e para os adequar ao contexto social e cultural da escola.

Tanto a concepção, como o desenvolvimento e a revisão do projecto educativo devem considerar-se como processos progressivos e dinâmicos, nos quais é fundamental implicar e integrar as equipas educativas. É imprescindível realizar este processo com vista à “funcionalidade” do projecto, ou seja, que as suas propostas possam ser materializadas nas turmas. Os centros educativos de qualidade são capazes de repensar os seus projectos educativos de modo a verificar que podem fazer um caminho de ida e volta desde o abstracto ao concreto da turma e do quotidiano aos grandes princípios estabelecidos no Carácter Próprio.

#### LIDERANÇA DA EQUIPA DIRECTIVA

A liderança das equipas directivas de qualidade está baseada no seu compromisso com o ideário, na sua estabilidade e nas funções de comunicação, coordenação, motivação e avaliação, a partir de uma orientação formativa e pedagógica, e não só de controlo, para que nasça o talento de cada pessoa que integra a sua equipa de trabalho. Para além disso, estes membros da direcção têm em conta as relações pessoais para conseguir o trinómio “felicidade-implicação-qualidade”; estabelecem um diálogo reflexivo entre professores, alunos, famílias, etc.; promovem e utilizam canais eficazes de comunicação e avaliação; estão atentos às iniciativas e ao trabalho em equipa; criam um ambiente positivo; dirigem de maneira imaginativa os seus recursos humanos; e melhoram e potenciam a inovação educativa porque valorizam o corpo docente.

## IMPLICAÇÃO DO PROFESSORADO

Nas escolas de qualidade é necessário ter em conta especialmente as necessidades formativas do pessoal docente, e, para isso, elabora-se um plano de selecção e formação a curto, médio e longo prazo, que contempla três âmbitos: académico (formação em novas metodologias, aprendizagem das novas competências, etc.); ético e social (formação em novas competências para a transmissão de valores e competências sociais); e directivo (configuração da cultura organizativa da escola e coesão do corpo docente como equipa de trabalho, capacidades directivas, etc.). Esta formação capacita o professorado para desempenhar um triplo papel na educação dos alunos: personalizante, socializador e competencial (de formação nas competências que a sociedade pede).

Nos centros educativos de qualidade, a planificação, selecção e formação do professorado realiza-se com o seguinte perfil:

1. Comprometido com o projecto educativo.
2. Com esperança na vida e em tudo o que é humano.
3. Com pensamento autocrítico.
4. Que seja professor mediador (não instrutor) das aprendizagens dos seus alunos.
5. Criativo, com capacidade de conceber os seus próprios recursos didácticos.
6. Que relacione conhecimentos e vida.
7. Com um novo sentido da “autoridade” (não autoritarismo).
8. Com capacidade para trabalhar em equipa. O agente educativo é o corpo docente como comunidade que assume um projecto educativo e o concretiza no seu labor docente na turma.
9. Com capacidade de aprendizagem (emocional, intelectual, ética).

## COMPROMISSO FAMÍLIA-ESCOLA

Nas escolas com qualidade educativa facilita-se a cooperação com as famílias entre outras razões, pelos múltiplos efeitos positivos que implica tanto para os alunos como para os pais, professores, o centro escolar e, evidentemente, a comunidade na qual se inserem. Neste sentido, os pais têm um papel relevante na mudança e transformação dos centros educativos, e os efeitos da sua colaboração repercutem especialmente nos próprios docentes, já que os pais consideram que os mais competentes são aqueles que trabalham com a família. Mas essa colaboração implica necessariamente discernir entre as funções educativas que se atribuem aos professores e as que se atribuem aos pais, bem como quais se consideram que são partilhadas. Mais concretamente, os pais, sendo os primeiros encarregados da educação dos seus filhos e filhas, inclinam-se maioritariamente para as que fazem alusão ao ensino de valores, habilidades sociais e convivência no seio familiar; e os professores reservam-se maioritariamente àquelas que fazem referência ao ensino de conhecimentos, estratégias educativas e valores. Mas ambos confluem num objectivo comum: a educação integral da criança. Ainda que estas funções, num primeiro momento, pareçam não confluir, é fundamental oferecer à criança modelos educativos coordenados entre escola-família que fiquem reflectidos num Plano de Acção Familiar incluído no Projecto Educativo da Escola.

## ORIENTAÇÃO COMO BASE DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Um dos eixos fundamentais para conseguir a educação integral dos alunos baseia-se no cuidado das orientações pedagógicas, onde se harmoniza o papel da educação da inteligência e da vontade, com a necessária formação da consciência moral. A orientação pedagógica é o emblema do projecto educativo católico, onde se harmoniza o académico e a formação integral em valores. Outro dos eixos é a função orientadora, como motor da renovação pedagógica, a atenção à diversidade, a prevenção de problemas de aprendizagem e a coordenação da função de orientação pedagógica.

## ATENÇÃO PREFERENCIAL AOS MAIS DESFAVORECIDOS

As escolas de qualidade defendem o princípio de equidade para dar a cada aluno a atenção educativa de que necessite, sem renunciar à qualidade,

*Alcancemos uma cultura organizativa de qualidade...*

e põem em funcionamento um modelo de atenção à *individualidade* baseado em 10 critérios:

- Inclusividade e opção preferencial pelos marginais.
- Interdependência dos diferentes tipos de medidas de atenção à diversidade.
- Grande autonomia pedagógica para a sua aplicação.
- Contextualização de cada medida a partir da realidade de cada escola.
- Recursos organizativos e curriculares: agrupamentos flexíveis, reforços e apoios, divisões, planos de convivência, políticas de acolhimento, etc.
- Potenciação da função de orientação pedagógica e orientação escolar.
- Coexistência de medidas paliativas, ou de intervenção, bem como de medidas preventivas, mas dando prioridade às preventivas.
- Verticalidade na sua aplicação e desenvolvimento: desde o Pré-escolar ao Ensino Secundário.
- Informação e formação do professorado, alunos e famílias, antes de aplicar as medidas.
- Abertura à investigação em acção, criação de comunidades de aprendizagem e facilitação de intercâmbio de experiências com sucesso no que diz respeito ao apoio das Administrações educativas.

#### FORMAÇÃO NAS DENOMINADAS NOVAS COMPETÊNCIAS

Para encarar as graves carências que o sistema educativo tem, tais como, entre outras:

- a primazia dos conhecimentos e esquecimento do desenvolvimento das capacidades intelectuais, sociais e emocionais;
- o desenvolvimento da motivação extrínseca (resultados académicos) perante a intrínseca (desejo e gosto por aprender);

- critérios de avaliação centrados na reprodução de conteúdos, esquecendo os processos cognitivos e metacognitivos;
- metodologias didácticas directivas e expositivas, quase sem participação dos alunos;
- etc.;

As escolas de qualidade, partindo do início do currículo oficial, insistem na formação dos alunos nas “novas” competências, como por exemplo:

- “aprender a aprender”, para gerar conhecimento permanente de maneira autónoma;
- com uma nova visão das “matérias instrumentais” baseada em projectos de leitura compreensiva, em metodologias inovadoras para o ensino da matemática, no uso das TIC para adaptar o ensino ao ritmo de cada aluno; etc.;
- no ensino de idiomas estrangeiros e na criação de escolas plurilingues (com apoio legislativo, formativo e financeiro);
- na promoção da “dimensão europeia” para fortalecer nos alunos o sentido da identidade europeia e fazer compreender o seu valor;
- na “educação para a cidadania e os direitos humanos” baseada no desenvolvimento de valores éticos, democráticos, de participação, de abertura à transcendência, e assumindo responsabilidades sociais, sempre de acordo com o projecto educativo da escola;
- etc.

### **AVALIAÇÃO PARA A MELHORIA CONTÍNUA**

As escolas de qualidade fomentam a cultura de avaliação interna e externa da própria escola, dos alunos e da prática docente, para a melhoria contínua. Esta avaliação centra-se no projecto educativo, nas ideias e valores que transmite e na cultura organizativa. Esta avaliação permite-lhes dar uma resposta adequada às necessidades da sociedade actual, e para que, a partir daí, se articule toda a gestão e organização da escola, dando lugar a um clima emocional adequado.

*Alcanceemos uma cultura organizativa de qualidade...*

Estes processos de avaliação insistem especialmente na preparação profissional dos docentes e da equipa directiva, e na revisão da sua tarefa. Para isso, é importante tanto a auto-avaliação como a avaliação externa, através de entrevistas, observação de aulas, revisão por outros docentes, etc.

Por último, não se pode esquecer a importância da avaliação contínua do aluno nos aspectos académicos e competenciais (habilidades, atitudes, autoconceito, etc.), sendo fundamental explicitar os critérios de habilitação e promoção dos alunos como factores de motivação e esforço.

Todas estas características que se acabam de propor devem ser desenvolvidas a partir da diversidade de contextos, ritmos, criatividade e visão que tem cada escola e as suas equipas educativas, e assumindo que estes standards não são facilmente avaliáveis, mas respondem ao nosso compromisso para conseguir uma cultura organizativa de qualidade.

#### **4. Importância da gestão de pessoas e do trabalho em equipa**

##### **4.1. Mudança no paradigma docente**

Esta cultura organizativa para escolas católicas está a pedir novas formas de organização do trabalho educativo. Não podemos continuar a funcionar com os mesmos padrões de antes. Devemos inovar para mudar. Sobretudo, esta mudança pedagógica requer o desenvolvimento de novas formas de interacção professor-alunos no processo de ensino-aprendizagem, que se complica perante a enorme diversidade nas turmas, os problemas de aprendizagem e de conduta, a deficiente implicação dos pais, a instabilidade do sistema educativo, entre muitos outros. Portanto, nestes momentos, o professorado, mais do que nunca, deve exercer a sua liderança do processo de ensinar a aprender e a reflexão sobre a sua própria prática, não podendo assumir sozinho estas renovadas funções, caso não queira acabar em fracasso. Esta mudança de paradigma pode-se resumir no seguinte quadro:

| <b>Evolução do Paradigma Docente</b>       |   |
|--|---|
| <b>Do Modelo Tradicional</b>               | <b>Para o Modelo Renovado</b>             |
| Professor como instrutor                   | Professor como mediador da aprendizagem   |
| Ênfase no ensino                           | Ênfase na aprendizagem                    |
| Aplica recursos didácticos feitos          | Concebe os seus recursos didácticos       |
| Didáctica unidireccional (exposição)       | Didáctica bidireccional (investigação)    |
| Verdade e acerto como base da aprendizagem | Utiliza o erro como fonte de aprendizagem |
| Pouca autonomia do aluno                   | Fomenta a autonomia do aluno              |
| Uso das TIC à margem da programação        | Uso das TIC integrado no currículo        |
| <b>Professor isolado</b>                   | <b>Trabalho em equipa</b>                 |

#### **4.2. Precisamos de trabalhar em equipa?**

O trabalho em equipa converteu-se numa necessidade cada vez mais importante dentro das organizações. A exigência de responder com celeridade às mudanças do ambiente obrigou as escolas a procurarem novas formas de se organizarem. Hoje em dia, é praticamente impossível que um professor isolado consiga alcançar os objectivos educativos estabelecidos. A consecução de objectivos desafiadores exige trabalhar em equipas com diferentes colegas, departamentos ou áreas. Por tudo isso, o trabalho em equipa apresenta diferentes vantagens:

- Permite alcançar níveis de produtividade mais elevados.
- Reforça o compromisso dos professores numa meta comum.
- Ajuda a melhorar as habilidades pessoais.

*Alcancemos uma cultura organizativa de qualidade...*

- Favorece a aprendizagem dos membros da equipa, que aprendem uns com os outros.
- Contribui para reforçar a motivação das pessoas quando o funcionamento da equipa é adequado.
- Fornece flexibilidade organizativa.

Como é óbvio, o trabalho em equipa não está isento de certos requisitos e de dificuldades em alguns casos que iremos analisando ao longo desta apresentação para perceber a forma de as superar.

#### **4.3. Para cada missão, um tipo de equipa**

Uma equipa directiva, um colégio, uma equipa de departamento, etc., cada um é diferente e requer níveis de coordenação distintos com cada uma das áreas da organização. As necessidades organizativas e a missão da equipa determinam as tipologias. Segundo a sua estrutura, podemos identificar quatro grandes grupos:

- *Equipas de trabalho*, aquelas em que os seus membros participam a tempo inteiro. São estáveis e bem definidas.
- *Equipas paralelas*, formadas por pessoas de diferentes departamentos, cuja finalidade é trabalhar aspectos pontuais da organização. Estão em “paralelo” à estrutura formal. Como exemplo disso temos os Círculos de Qualidade ou de Melhoria Contínua.
- *Equipas de projecto*, cuja principal característica é estarem limitadas no tempo e serem formadas em torno a um objectivo concreto em duração e conteúdo. Um dos casos mais evidentes é os dos projectos de consultoria.
- *Equipas de direcção*, cujo traço mais importante é o facto de coordenarem equipas e apontarem caminhos à organização.

As equipas de trabalho são organizações integradas por um grupo de pessoas que tem um objectivo comum e que trabalha coordenadamente para o alcançar. As equipas caracterizam-se normalmente pelo seu objectivo. Por serem organizações sociais, nas equipas desenvolvem-se normas e regras de comportamento que podem ajudar a equipa a atingir o seu objectivo.

Toda a equipa requer a realização de um trabalho colectivo por cuja consecução todos são responsáveis: tal trabalho é o resultado da união das contribuições de todos os seus membros. Não se deve confundir uma equipa com um grupo de pessoas, nem sequer com um grupo de pessoas que se reúne com regularidade para trabalhar: todas as equipas são grupos, mas nem todos os grupos são equipas.

As principais diferenças apresentam-se no seguinte quadro:

| <b>GRUPO</b>   | <b>EQUIPA</b>  |
|--|--|
| Existe um único interesse comum.   | Tem uma meta definida.   |
| O trabalho distribui-se em partes iguais.  | O trabalho distribui-se com base nas habilidades e capacidades pessoais.   |
| Quando alguém termina a sua parte, pode sair.  | Cada membro da equipa está em comunicação com os restantes para garantir resultados.                                       |
| Pode existir ou não um responsável ou coordenador.   | Existe um coordenador que liga os avanços, comunica as dificuldades, mostra avanços parciais a toda a equipa.              |
| Os êxitos julgam-se independentemente para cada membro.  | Os êxitos são méritos de toda a equipa.  |
| Não existe necessariamente um nível de compromisso.  | Existe um alto nível de compromisso, pois cada membro da equipa dá o melhor do seu esforço para os resultados.             |
| Quando termina o trabalho, entrega-se para o incluir no relatório, mas não existe a obrigação de ajudar os outros. | Se alguém termina uma parte procura ajudar os outros ou realizar novas tarefas, enquanto o trabalho não estiver terminado. |
| As conclusões são pessoais, podem existir várias.  | As conclusões são colectivas.  |
| Os integrantes tornam-se especialistas no tema que investigam, mas ignorantes no contexto.                         | Todos os membros desenvolvem novas experiências de aprendizagem.   |
| Não existe a prática de valores de integração.   | Existe a prática dos valores: honestidade, responsabilidade, liderança, inovação e espírito de superação pessoal.          |
| Não é necessária a auto-avaliação.   | A auto-avaliação está presente ao longo de todo o trabalho da equipa.  |

Fonte: Dolan, S: *Los 10 Mandamientos de la Dirección de Personas*, Gestión 2000, Barcelona, 2000, p. 117.

Segundo Peter Drucker, o grande guru do *management*, “a organização do amanhã terá uma estrutura mais plana, basear-se-á na informação e organizar-se-á em torno de equipas de trabalho”. Efectivamente, as equipas de trabalho têm importantes vantagens, entre as quais destacamos as seguintes:

- Maior motivação
- Níveis de produtividade mais elevados
- Compromisso comum com as metas
- Melhoria das habilidades pessoais
- Flexibilidade organizativa

#### **4.4. Aptidões necessárias para trabalhar em equipa**

Há pessoas para quem é especialmente difícil trabalhar de forma conjunta e coordenada com os outros. Na maioria dos casos, estas aptidões ou habilidades podem-se aprender, ainda que existam casos excepcionais nos quais, por traços da personalidade, o trabalho em equipa não seja recomendável.

As aptidões básicas para trabalhar adequadamente em equipa são as seguintes:

- **Acreditar na equipa:** é imprescindível estar convencido de que o trabalho em equipa é útil e eficaz, de que é possível alcançar objectivos que individualmente seriam inalcançáveis. Também é preciso acreditar firmemente nas possibilidades de aprendizagem e de melhoria pessoal e profissional que implica trabalhar conjuntamente com outros para o êxito de um objectivo.
- **Humildade:** para que o trabalho da equipa seja fluído e se possam tomar decisões de forma eficaz é necessário que os membros da mesma estejam dispostos a aceitar outros pontos de vista, a reconhecer o valor das opiniões e raciocínios alheios e inclusive a apoiar a maioria mesmo que seja à custa da própria opinião.
- **Optimismo:** é importante ser capaz de animar os membros da equipa, evitando atitudes derrotistas. Não se trata de um optimismo

inconsciente, mas sim de contribuir sempre com uma visão positiva das situações, inclusive dos obstáculos.

- **Confiança:** ser capaz de gerar confiança na própria capacidade técnica e também na própria honradez e sinceridade. Também, no sentido inverso, há que ser capaz de confiar nos outros, no seu compromisso e na sua competência técnica.
- **Equilíbrio emocional e autocontrolo:** no seio da equipa produz-se uma relação social entre os membros, relação esta que pode estar mediatizada por questões pessoais e emocionais. É muito importante ser capaz de manter o ânimo sereno perante a pressão ou as explosões emocionais de outros, semeando paz nos conflitos, reduzindo e minimizando possíveis confrontos pessoais e tentando conduzir os debates para âmbito racional.

#### **4.5. Constituição da equipa e início**

Os aspectos a ter em conta são os seguintes:

1. Definição da missão, dos objectivos e das metas parciais.
2. Selecção dos membros da equipa.
3. Manter reuniões para se conhecer e transmitir a missão, objectivos e tarefas da equipa.
4. Estabelecer um conjunto de normas e regras, como calendário de reuniões, tomada de decisões, papel de cada participante, sistema de resolução de conflitos.

#### **4.6. Desenvolvimento da equipa. Ciclo construtivo de uma equipa**

Uma equipa, enquanto organização integrada por pessoas que tomam decisões, vai mudando à medida que se conseguem objectivos e se acumulam experiências de trabalho em comum. As fases clássicas do desenvolvimento de uma equipa são:

- a. **Formação:** nesta fase, os membros da equipa conhecem-se entre si e tentam estabelecer critérios de permanência na equipa e alcançam entre eles acordos básicos sobre expectativas comuns.

*Alcanceemos uma cultura organizativa de qualidade...*

- b. Debate:** nesta fase vão-se tomando decisões para resolver problemas e chegar a uma definição dos objectivos.
- c. Organização:** os membros da equipa definem algumas regras de funcionamento para poderem alcançar a sua missão.
- d. Resolução:** nesta fase, as pessoas trabalham colaborando entre si para cumprir os objectivos da equipa. A experiência de conseguir os resultados reforça a união da equipa.

| Fase             | Formação                     | Debate      | Organização    | Resolução         |
|------------------|------------------------------|-------------|----------------|-------------------|
| <b>Processo</b>  | Desenvolvimento de confiança | Comunicação | Coordenação    | Colaboração       |
| <b>Resultado</b> | Coesão                       | Decisão     | Plano de acção | Produto colectivo |

#### **4.7. As reuniões de equipa**

É responsabilidade do líder da equipa velar por manter o interesse e a eficácia das reuniões. Ainda que não existam regras fixas a esse respeito, é possível apresentar algumas orientações que são quase de sentido comum:

1. O tempo dedicado à preparação da reunião deve ser, pelo menos, igual ao tempo dedicado à própria reunião. Para que esta condição seja factível, é necessário que a convocatória de reunião seja feita com, pelo menos, 24 horas de antecedência. Em tal convocatória deve-se incluir a informação necessária para que os assistentes possam prepará-la.
2. As reuniões devem ter uma hora fixa tanto para começar como para terminar. É especialmente importante ser disciplinado no momento de terminar as reuniões, por respeito ao tempo dos outros.
3. As reuniões devem contar com uma ordem do dia clara e bem pensada. Deve-se realizar uma previsão do tempo que se dedicará a cada assunto.

4. É preciso procurar as melhores condições de espaço, iluminação e isolamento para fomentar a atenção dos assistentes. Os telemóveis, a entrada de pessoas quando a reunião já tiver começado ou outro tipo de interrupções podem minar notavelmente a atenção e prolongar desnecessariamente o tempo requerido para a reunião.
5. No decorrer da reunião, o líder deve conceder a palavra e manter a ordem das intervenções. O secretário, pelo seu lado, deve recolher nas actas tudo o que for dito na reunião.

Seguidamente, apresenta-se um quadro que recolhe de forma esquemática as tarefas a realizar antes, durante e depois de uma reunião de trabalho, para assegurar a sua eficácia.

| <b>ANTES</b>           | <b>DURANTE</b>                  | <b>DEPOIS</b>                        |
|------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|
| Ordem do dia detalhada | Definir as regras do jogo       | Redigir acta de trabalho que inclua: |
| Objectivos claros      | Manter a ordem das intervenções | Temas tratados<br>Decisões tomadas   |
| Tempo limite           | Dinamizar equipa                | Responsável e data limite            |



# Estudios



# Desafios da criança à Igreja e à Sociedade

D. JOSÉ POLICARPO (\*)

## Introdução

1. Um dos sinais da harmonia e da maturidade de uma comunidade humana, trate-se da família, da Igreja ou da sociedade, exprime-se no lugar que dá às crianças como seus membros de pleno direito, reconhecendo o contributo que dão à comunidade, tão ou mais importante e decisivo como o de todos os outros seus membros. Não se trata apenas de respeitar as crianças que ainda o são pela idade e fase de desenvolvimento; trata-se de um desafio a que todos os membros da comunidade, em qualquer idade e em todas as idades, não apaguem no seu coração a criança que já foram e que permanece como modelo inspirador do que desejariam ser, no melhor dos seus ideais. Ao falar dos desafios colocados pelas crianças à Igreja e à sociedade, não me referirei apenas às crianças definidas como grupo etário, mas à criança que continua a existir em cada um de nós e que é anseio de simplicidade de vida e de amor experimentado como ternura, desejo de mitigar a racionalidade da nossa vida com a mensagem abrangente dos símbolos e convite da vida a descobrir e a construir em cada dia mais, atraídos pela sua plenitude. A minha chave de leitura é mais bíblica e teológica do que filosófica. Espero que seja também poética, homenagem prestada a figuras modelo que me ajudaram, em todas as fases da minha busca da maturidade, a guardar a criança que há em mim e que, desejo profundamente, seja o último rosto da minha vida neste mundo. Não gostaria de acabar “infantil”; mas desejaria muito morrer com um coração de criança.

---

(\*) Cardeal Patriarca de Lisboa. Conferência apresentada no Congresso «Francisco Marto: crescer para o dom», Santuário de Fátima, Junho de 2009. Por gentileza do autor.

## **Da protologia à escatologia**

2. O primeiro desafio que a criança apresenta a todos nós é o de compreender a vida como um processo a acontecer, sempre a construir, fruto da luta da liberdade, inserido na comunidade, seja ela a família nuclear, a família cristã ou a família humana. É um erro de perspectiva considerar a infância como uma etapa de crescimento e descoberta da vida e a criança um ser em construção, em oposição ao adulto, o ser acabado. O homem é sempre, neste mundo, um ser em construção. A vida humana, desde o seu início até à sua plenitude, está em contínua construção. É a longa caminhada da vida.

O ritmo da criação e o da formação do universo recapitulam-se em cada homem. Para um e outro, há um princípio e um fim a atingir, ambos envolvidos no mistério, de que a ciência apenas se aproxima e em que só a Revelação e a Fé nos conduzem a uma certa inteligibilidade. E a Revelação apenas nos diz que ao princípio e ao fim preside o Verbo, a Palavra eterna e criadora de Deus. Entre a criança e o adulto não há diferenças fundamentais, são apenas momentos e etapas dessa longa descoberta da vida. Quem não aceitar que o princípio e o fim estão envolvidos no mistério, procurará a sua concretização em momentos controláveis pela razão: o início identifica-se na constituição do sistema nervoso central, outros dizem, na capacidade relacional do ser humano. O fim é, por sua vez, identificado na morte física, embora a discussão sobre a sua definição continue em aberto. É uma maneira de excluir o desconhecido, de negar o mistério.

Na criação como na vida humana o princípio encerra a notícia do fim. A plenitude final, a descobrir e a construir durante o período temporal da vida terrena, está toda anunciada e potencialmente contida na força do início. A filosofia tomista definiu esse processo como a passagem da potência ao acto. Essa potência é a força do Verbo criador; o acto, plenitude realizada, será o homem escatológico, obra de Cristo ressuscitado. O mistério do princípio e do fim só se esclarecem na força criadora do Verbo eterno de Deus, manifestado na pessoa de Jesus Cristo. É nesse sentido que a *Gaudium et Spes* afirma que o mistério do homem só se esclarece no mistério do Verbo encarnado (G.S. n. 22).

Hoje, a própria ciência está aberta à afirmação de que os primeiros meses de vida do ser humano são constitutivos de toda a sua potencialidade, e encerram as características da sua personalidade.

3. O princípio e o fim não se anulam mutuamente, não são apenas sucessivos mas interpenetram-se no tempo. Na sua busca da vida, o adulto anseia ser a criança que já foi e a plenitude da vida é facilmente idealizada como a realização definitiva da verdade e da simplicidade da criança. Santa Teresa de Lisieux, nos seus escritos autobiográficos, referindo-se ao período da sua vida entre os quatro anos e a sua vocação de carmelita, escreve: “este período estende-se desde a idade de quatro anos e meio até aos meus catorze anos, época em que reencontrei o meu carácter de criança, ao mesmo tempo que entrava no sério da vida”<sup>1</sup>. Toda a sua existência neste mundo foi um redescobrir, em cada etapa, e com a exigência do realismo da vida, o ideal e o dinamismo da criança que foi, e que deseja continuar a ser até ao fim. Por isso, afirmei que não se trata, apenas, de respeitar as crianças, mas de descobrir, em cada momento da nossa caminhada na vida, a criança que está em nós.

Contemplemos o mistério deste início, onde se exprime toda a força criadora da Palavra eterna, em ritmo de encarnação, pois toda a fecundidade de Deus se realiza na simplicidade de duas células que se encontram, dando origem a um novo ser. A vida começa a acontecer, porque começa a crescer, no corpo e no espírito: o diálogo silencioso com a mãe até ao primeiro contacto com a luz do dia, a primeira experiência de ser envolvida em ternura, o primeiro olhar e o primeiro sorriso. A partir dali, basta crescer, encetar a longa caminhada da vida, até ao momento em que toda a potencialidade desse início se torna plenitude de vida para sempre.

A vida é a mesma, numa identidade pessoal, desde o início até ao fim. A nossa linguagem habitual corre o risco de não afirmar essa grandeza da vida em todos os momentos da caminhada. “Infantil” exprime, tantas vezes, o que ainda não é vida a sério, o que é ainda mais claro quando falamos de “infantilidade”, de “criancices”, esquecendo que “criancices” só os adultos as podem praticar, quando não assumem a grandeza e a responsabilidade da idade adulta. As crianças são capazes de expressões de vida tão ou mais adultas do que as daqueles que, pela idade, se consideram adultos, na linha do amor, da generosidade e mesmo da manifestação sobrenatural da santidade. Jesus aos doze anos, no Templo de Jerusalém entre os doutores, revela a consciência da sua identidade e da sua missão, mostra

---

<sup>1</sup> *Manuscrits autobiographiques*, pg. 46.

a maturidade dos grandes profetas e a exclusividade da Sua relação única com Deus seu Pai (cf. Lc 2,41ss).

Estamos mais predispostos a considerar a grandeza da vocação dos Apóstolos, quando o Senhor lhes diz: “e tu segue-Me”, do que a tomar a sério o chamamento de Deus, dirigido a uma criança. E no entanto, isso acontece. Deus chama Samuel ainda criança (1 Sam 3,1ss). Jeremias sente-se escolhido, chamado e consagrado, desde o seio de sua mãe (cf. Jer 1,4-5) e João Baptista é consagrado no seio de sua mãe (cf. Lc 1,39ss). Ao longo dos séculos, quantas vocações enraizaram no chamamento de Deus a uma criança. Santa Teresa de Lisieux situa o seu chamamento a uma entrega total na idade de dois anos. Escreve à sua irmã de sangue e sua superiora no Convento: “Ouvia dizer frequentemente que Pauline seria, certamente, religiosa; então, sem saber exactamente o que isso significava, pensei: também eu serei religiosa. É uma das minhas primeiras recordações e nunca mais mudei de resolução!... Fostes vós, minha Mãe querida, que Jesus escolheu para me desposar com Ele. Nessa altura não estáveis junto de mim, mas já se tinha formado um laço entre as nossas almas... vós éreis o meu ideal, eu queria ser semelhante a vós e foi o vosso exemplo que me guiou desde a idade de dois anos e me arrastou para o Esposo das Virgens”<sup>2</sup>. Desde os quatro anos sente o anseio radical da perfeição e da santidade. “Logo que comecei a pensar seriamente, o que aconteceu sendo eu ainda muito pequena, bastava dizerem-me que uma coisa não era bem, para que eu não desejasse repeti-la duas vezes”. “Compreendi que havia muitos degraus na perfeição e que cada alma era livre de responder às propostas (*aux avances*) de Nosso Senhor, de fazer pouco ou muito por Ele, numa palavra, de escolher entre os sacrifícios que Ele pede. Então, como no tempo em que era ainda muito pequenina, gritei: Meu Deus, eu escolho tudo. Não quero ser uma santa a meias, não me mete medo sofrer por Vós; só temo uma coisa, guardar a minha vontade; tomai-a, porque eu escolho tudo o que Vós quiserdes”<sup>3</sup>.

Em Francisco e Jacinta Marto temos dois exemplos, muito perto de nós, de chamamento de crianças à santidade. E ao beatificá-los, a Igreja confirmou essa santidade vivida. As crianças são capazes da ousadia da santidade e esta é a mais adulta manifestação da vida.

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, pg. 29-30.

<sup>3</sup> *Ibidem*, pg. 39.

## **A criança, anúncio do Reino de Deus**

4. É o próprio Jesus quem relaciona o acolhimento do Reino de Deus com a atitude das crianças. Trouxeram a Jesus umas crianças para que Ele as tocasse, isto é, as abençoasse ou lhes fizesse uma “festinha”. Os discípulos, sempre preocupados em defender Jesus das multidões, tentam impedi-las. Aham que o momento não é para “criancices”. Diz o texto de Marcos: “ao ver isto Jesus zangou-se e disse-lhes: deixai vir a Mim as criancinhas, não as impeçais, porque o Reino de Deus pertence àqueles que lhe são semelhantes. Em verdade vos digo, quem não acolher o Reino de Deus com atitude de criança, não entrará nele” (Mc 10,13-16). Noutra passagem, que ainda comentaremos, a criança aparece como o modelo de discípulo. Aqueles que o Senhor convida a seguirem-n’O como discípulos, têm de ter um coração de criança.

O verbo grego que é traduzido por “acolher o Reino de Deus”, significa a simplicidade de quem acolhe um presente, uma pessoa, uma dádiva. A atitude das crianças que Jesus considera fundamental para quem quer ser seu discípulo, é a simplicidade e a alegria de quem acolhe. O Reino aparece, aqui, como uma dádiva de Deus. Se os adultos, para serem discípulos, têm de ter um coração de criança, está dito que as crianças podem ser discípulos de Jesus, parece mesmo serem aqueles de quem Jesus gosta mais.

Extravasando o âmbito do comentário a este texto, podemos partir dele para encontrar outras concretizações desta convergência da criança com o Reino de Deus, ou seja, no momento actual da História da Salvação, com a Igreja, Povo de discípulos, anúncio do Reino de Deus à sociedade de cada tempo.

5. A vida descobre-se em comunidade. Na longa caminhada da vida, ninguém a descobre e constrói sozinho. E a primeira etapa dessa caminhada, a que corresponde à infância, é aquela em que esta dimensão da vida humana é mais clara: nenhuma criança subsiste sozinha. A sua vida depende totalmente da comunidade em que está inserida, em que é amada, apoiada, guiada. A primeira comunidade decisiva é a família, em que a relação com a mãe e o pai cimentam no seu coração o carácter único do amor paternal e a prepara para se abrir à experiência única de amar a Deus como um Pai; onde o amor dos irmãos - é tão importante que a criança tenha irmãos - lhe

dá a base, a atitude fundamental para se inserir na comunidade mais alargada, quer na Igreja, quer na sociedade.

Na comunidade que a faz viver, a criança não é apenas beneficiária. Ela é um elemento decisivo da solidez e da autenticidade dessa comunidade. Isto é particularmente verdade na comunidade familiar, em que as crianças podem ser decisivas na construção dessa comunidade, a começar na comunhão sponsal dos esposos que são pais, que descobrem nos filhos o elemento de coesão do seu próprio amor, que nunca mais poderá ser julgado só a partir de dois, mas a partir da comunidade que formam com os filhos.

Este é o aspecto mais dramático das famílias desfeitas. Quando um casal se separa, tomam essa decisão só a partir de si mesmos, sem terem em conta os filhos, membros de pleno direito da comunidade familiar, para os quais se procuram soluções, que nunca substituem a perda da comunidade da vida.

Mas o que se diz da descoberta da vida em geral, pode igualmente afirmar-se da descoberta da fé, que só se pode fazer em comunidade crente. A Igreja é para o crente o que a família é para a criança. Ser crente descobrir-se e experimentar-se na comunidade que a Igreja é. A isso chama-se, na fase da nossa “infância espiritual”, iniciação cristã. Só em Igreja se descobrem os horizontes da santidade, aí se recebe a força e a luz para construir a vida, daí se parte e se é enviado, sempre com um novo ardor, a anunciar Jesus Cristo, o irmão que nos conduz na descoberta do amor paternal de Deus. Realmente, quem não tiver um coração de criança, que precisa de caminhar com os outros, nunca perceberá a Igreja.

**6. O amor ternura.** O modo de a criança amar é marcado pela ternura. Na Sagrada Escritura, o amor de Deus pelo seu Povo define-se pela ternura: é um amor bondoso e misericordioso, que faz desabrochar no coração do homem a alegria de ser amado, une-o a Deus e fá-lo desejar uma intimidade cada vez maior; convida-o a amar ternamente os seus irmãos, sobretudo os mais pequeninos, pobres e desprotegidos, como o órfão, a viúva, e o estrangeiro. A ternura é um dos principais atributos do Deus de Israel.

Jesus Cristo, Filho de Deus feito Homem, encarna a ternura de Deus num coração humano. Jesus comove-se perante as multidões abandonadas, como ovelhas sem pastor, chora diante do túmulo de Lázaro, enternece-se com a viúva de Naim, ressuscitando-lhe o filho, e diante da mulher que lhe

banha os pés com perfume. O amor ternura será o sinal distintivo dos seus discípulos. Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei, ou seja, com a ternura de Deus.

O amor da criança é um amor-ternura, também porque nela ainda não despertou a força de outros instintos de relação, e essa forma de amar faz desabrochar nos adultos que ela ama a força da ternura, tantas vezes já esquecida ou escondida. Muitas vezes, os adultos têm vergonha de ser ternos, abafam a riqueza do coração.

A criança desafia-nos a não deixarmos secar as fontes do amor-ternura. Quando a relação com os outros passa a ser marcada pelo próprio interesse, seja este de que ordem for, sexual, económico ou outro, a ternura está ameaçada. O amor-ternura é generoso, gratuito e oblativo; é contemplativo da beleza e do mistério do outro. Só a ternura nos leva à contemplação da beleza. É de ternura o amor de Cristo pela Igreja, que Ele ama como uma esposa. São Paulo convida os esposos cristãos a imitarem este amor de Cristo pela Igreja. Aliás, a experiência humana ensina-nos que é no seio da relação conjugal que a ternura está mais ameaçada, devido à força de auto-procura de que se reveste a sexualidade humana. É a ternura que dá sentido à sexualidade humana e permanece para além dela. Verificamos isso nas pessoas idosas que, quando todas as outras potencialidades humanas se foram apagando, permanecem os afectos e a ternura é a expressão de amor que os faz viver. A ternura é o amor dos corações puros e é por isso que toda a ternura, de modo particular a das crianças, anuncia o Reino de Deus. “Bem-aventurados os que têm um coração puro, porque verão a Deus” (Mt 5,8).

7. Primazia do simbólico sobre o racional. A harmonia entre a linguagem simbólica e a inteligência racional, na captação da verdade e na descoberta do sentido da vida, é fundamental para entrar no Reino de Deus, ou seja, para compreender a Igreja e ter acesso à sabedoria. Na vivência cristã, a expressão simbólica é tanto ou mais importante que a compreensão racional: a água purificadora e fecundante, a luz que anuncia o novo dia, o óleo que fortalece, o pão que alimenta e o vinho que alegra o coração do homem, o ósculo da paz ou as mãos dadas quando se sela um pacto de amor. Os símbolos não valem pelo peso da sua materialidade, mas pelo que significam e anunciam. A própria linguagem da beleza é mais simbólica do que racional.

A criança exprime-se espontaneamente através de símbolos, nos seus jogos, nos seus gestos, na sua alegria. A simbólica é a linguagem com que diz a vida. Também neste aspecto, quem não tiver um coração de criança, não poderá acolher o Reino de Deus.

**8.** E o mistério torna-se realidade. No tempo em que confessava crianças, uma das coisas que me encantava era verificar que para elas os mistérios tinham a simplicidade da realidade. Na chamada idade adulta, também fruto de uma educação marcada pela racionalidade, esta simplicidade pode perder-se. Habitamo-nos à realidade palpável, verificável, e a realidade do mistério escapa a esse critério. A propósito da ressurreição de Cristo, dizia São Tomé: só aceitarei que Ele está vivo se lhe tocar, se meter a minha mão na ferida do seu lado.

Passa por aqui o realismo da fé, que nos leva a aceitar a realidade dos mistérios, como aceitamos tudo o que é real. Neste processo, situa-se, tantas vezes, a nossa dúvida que é sempre uma interrogação sobre a realidade do mistério. Uma criança não tem dúvidas de fé. Para ela, o colo de Deus é tão real como o colo da mãe. É um erro retardar a vivência dos grandes mistérios como a Eucaristia, a Confirmação, relegando-os para um tempo em que a incerteza e a dúvida começam já a perturbar o coração do adolescente. É que essa adesão à realidade do mistério e a sua vivência simples é experiência que ficará para a vida. Também aqui, quem não tiver um coração de criança não poderá acolher o Reino de Deus.

### **A infância espiritual**

**9.** Estas atitudes são constitutivas da fé como acolhimento do Reino de Deus. O que é espontâneo na criança tem de ser cultivado toda a vida, defendido de perigos e ameaças, acalentado na beleza de um ideal e na força de um desejo, enraizado em nós pela acção amorosa do próprio Espírito de Deus. Esta ideia de que quem não tiver um coração de criança não poderá acolher o Reino de Deus, originou uma corrente de espiritualidade, chamada “infância espiritual”, interpelação forte para quem quer viver esse Reino de Deus em tempos tão complicados, tão distantes da simplicidade de uma criança.

Como toda e qualquer espiritualidade, é uma compreensão harmónica e global dos caminhos da fé. Encontramos os seus fundamentos na Sagrada

Escritura, tanto do Antigo como do Novo Testamento, atravessa toda a história da Igreja, encontra exemplos fortes em figuras de grandes Santos como Francisco de Assis, O Cura d’Ars ou Teresa de Lisieux. A esta, devemos a sua actualização nos tempos modernos. Esta via da infância, há muito praticada, ganha vigor e atracção com a publicação da “História de uma Alma”. Teresa não lhe chama “via da infância”, mas “sa petite voie”, ou “sa petite doctrine”. O Papa Bento XV diz de Teresa: “uma vida toda caracterizada pelos méritos da infância espiritual. Ora esse é o segredo da santidade (...). Desejamos que o segredo da santidade da Irmã Teresa não fique escondido a nenhum dos nossos filhos”<sup>4</sup>.

Não admira, pois, que se procure em Santa Teresa a compreensão global desta corrente de espiritualidade. O Dicionário de Espiritualidade afirma: “reduzida aos seus traços essenciais, a infância espiritual, tal como se exprime na vida e nos escritos de Santa Teresa, pode definir-se como uma humildade fundamental, vivida por uma alma filha de Deus, ou como um abandono absoluto nas mãos do Pai, de uma alma que tem consciência da sua pequenez e da sua impotência radical”<sup>5</sup>.

Mas demos a palavra a Santa Teresa do Menino Jesus. Alguém lhe pergunta o que é que ela entende por “permanecer criancinha diante de Deus” e ela responde: “É reconhecer o seu nada, esperar tudo do Bom Deus, como uma criancinha espera tudo do seu pai; é não se inquietar com nada, não querer ganhar nada. Mesmo entre os pobres dá-se à criança o que lhe é necessário, mas quando crescem, o seu pai já não os quer alimentar e diz-lhes: agora trabalha, podes sustentar-te a ti mesmo. Foi para não ouvir isso que eu nunca quis crescer, sentindo-me incapaz de ganhar a minha vida, a vida eterna do Céu. Assim fiquei sempre pequena, não tendo outra ocupação senão a de colher flores, as flores do amor e do sacrifício e de as oferecer ao Bom Deus para Lhe dar prazer (...). Ser pequeno é ainda não atribuir a si mesmo as virtudes que praticamos, crendo-se capaz de alguma coisa, mas reconhecer que o Bom Deus põe este tesouro da virtude na mão do seu filhinho, para que se sirva dele sempre que precise; mas é sempre o tesouro do Bom Deus. Depois é nunca se desencorajar com as suas faltas, porque as crianças caem muitas vezes, mas são muito pequenas para se magoarem muito”<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> “Enfance spirituelle”, in *Dictionnaire de Spiritualité*, Tomo IV, pg. 710-711.

<sup>5</sup> *Ibidem*, pg. 682.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

A infância espiritual, a “petite voie”, é a humildade, o abandono total nos braços do Pai, é viver a vida numa confiança sem limites. É permanecendo criança, que se cresce em ordem à maturidade espiritual.

**10.** Os traços fundamentais da atitude que estamos a designar por “espiritualidade da infância”, enraízam na Sagrada Escritura, tanto do Antigo como do Novo Testamento. No Antigo Testamento ela é caracterizada por duas atitudes perante o Deus da Aliança, e que acabam por definir o verdadeiro Povo de Deus: o ter um coração de pobre e confiar em Deus Pai, como uma criança se abandona ao colo da mãe.

Os profetas denunciam o orgulho e a prepotência dos ricos e poderosos; ao contrário, os pobres confiam em Yahwé. De verificação sociológica, a pobreza transformou-se em atitude espiritual e em muitos textos é difícil saber se referem a indigência ou a humildade confiante. Pela boca de Isaías, Deus declara: “Aquele sobre quem lanço o meu olhar é o pobre e o coração arrependido que treme à minha palavra” (Is 66,2). Para o pobre, Deus é o único refúgio, a sua segurança. O Povo que Deus deseja, não procura a sua força nas grandezas do mundo, mas na confiança em Yahwé. São poucos, são um “resto fiel”, mas é o povo que o Senhor deseja, um povo de pobres, os “anawim”. Esta atitude confiante dos que têm um coração pobre é bem expressa no Salmo 131:

*“Yahwé, o meu coração não é ambicioso,  
nem os meus olhos altaneiros.  
Não ando atrás de grandezas,  
nem de maravilhas que me ultrapassam.  
Não! Eu fiz calar e repousar os meus desejos,  
como criança desmamada no colo de sua mãe.  
Isarel, coloca a tua esperança em Yahwé,  
desde agora e para sempre”.*

**11.** Esta atitude confiante exprime-se também no total abandono ao amor paternal de Deus. A ideia da paternidade de Deus começa por afirmar-se em relação ao Povo escolhido. “Assim fala Yahwé: o meu filho primogénito é Israel (...) deixa ir o meu filho para que ele me preste um culto” (Ex 4,22). Considerar Deus um Pai é um desafio a descobrir cada vez mais profundamente o amor que Deus tem pelo Seu Povo, um amor que se revela misericórdia, mais inclinado a perdoar do que a castigar (cf. Os 11,8-9).

A descoberta deste amor infinito de Deus pelo Seu Povo, fundamenta a primeira manifestação da fé de Israel, a confiança sem limites nas mãos de Deus, como uma criança nos braços de sua mãe. A total confiança da criança surge como imagem sugestiva: “Sião dizia: Yahwé abandonou-me, o Senhor esqueceu-me. Mas pode a mãe esquecer-se do seu filhinho, pode ela deixar de ter amor pelo filho das suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, Eu não me esquecerei de ti” (Is 49-14-15).

Esta atitude de total abandono ao amor paternal de Deus torna-se ideal para cada membro do Povo, atitude definitiva do “justo”, aspecto claro na oração dos Salmos. “Se meu pai e minha mãe me abandonarem, Yahwé me recolherá” (Sal 27,10).

Esta mesma imagem serve a Isaías para anunciar um Povo novo, fruto inaudito do amor de Deus: “Assim fala Yahwé: farei correr para Jerusalém a prosperidade como um rio, e as riquezas das nações como torrentes que transbordam. Os seus bebés serão levados ao colo e serão acariciados sobre os joelhos. Como a mãe consola o seu filho, assim Eu vou consolar-vos; em Jerusalém sereis consolados” (Is 66,12-14).

Israel é, assim, educado pelos profetas para cultivarem uma relação com Deus, centrada na experiência da ternura de um Pai, que gera a confiança e abandono. De Deus espera-se tudo o que nos salvará. O abandono da criança e a confiança do pobre são símbolos de uma relação com Deus baseada na confiança. No entanto, estes dois temas, a confiança do pobre e o abandono da criança, no Antigo Testamento, são temas paralelos. Será na mensagem de Jesus que eles se encontram, definindo a verdadeira atitude do coração para acolher o Reino de Deus<sup>7</sup>.

**12.** O Povo que Deus deseja, anuncia-o Jesus no tema do Reino de Deus; as atitudes que o caracterizam aplicam-se tanto ao novo Povo de Deus como aos discípulos de Jesus. A pobreza do coração e a simplicidade confiante da criança sugerem, na pregação de Jesus, a mesma característica fundamental do Reino de Deus, que só os pequeninos acolhem; os grandes deste mundo são incapazes de perceber. Em Mt 11,25-27, Jesus resume esta natureza profunda do Reino de Deus: “Eu Te louvo, Pai, Senhor do Céu

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, pg. 683-687.

e da Terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do Teu agrado. Meu Pai entregou-me tudo a Mim. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho O quiser revelar”.

Trata-se da revelação do mistério do Reino de Deus, e Jesus fá-la a partir da sua própria experiência de intimidade filial com o Pai. Esta confiança filial acompanha Jesus em toda a sua vida. Ele faz a vontade do Pai, ensina o que aprendeu com o Pai, vai para a Casa do Pai fruir da glória que Lhe pertence, quem O vê, vê o Pai, Ele e o Pai são um só. Entrar no Reino de Deus é imitá-lo nessa intimidade filial, ser discípulo é ser como Ele. Maravilha-se e dá graças ao verificar que não são os orgulhosos e convencidos das suas capacidades, como os fariseus, mas os pequeninos que acolhem o Reino de Deus.

Os pequeninos, em grego “*nêpioi*”, são tanto os pobres como as crianças, que se encontram na simplicidade da confiança e do abandono; a palavra significa criança pequenina, que ainda não sabe falar, que depende em tudo do amor dos pais. Não admira, pois, que perante crianças, Ele diga que o Reino de Deus pertence a quem é como elas (cf. Mc 10,13-16)<sup>8</sup>. Isto só pode querer dizer que Jesus se reconhece, na sua relação de abandono ao Pai, naquelas crianças. E por isso diz que quem quiser ser seu discípulo tem de ser como elas.

Estes pequeninos a quem é revelado o Reino de Deus, são os bem-aventurados no Sermão da Montanha, a nova Lei, a Carta Magna do Reino de Deus. E quem são eles, os que percebem o Evangelho do Reino? São os que têm um coração pobre, são os mansos e humildes, com coração doce, são os puros de coração, os misericordiosos; mas são também os pobres, os aflitos, os famintos, os perseguidos (cf. Mt 5,1-12). Afinal, os verdadeiros pobres são os que têm um coração de criança.

### **A abertura ao Reino de Deus na sociedade contemporânea**

**13.** No ensinamento de Jesus são claras as atitudes de coração que levam ao acolhimento do Evangelho do Reino. No contexto da sociedade

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, pg. 687-690.

judaica do tempo de Jesus, nota-se um confronto claro entre esta candura de um coração confiante em Deus nosso Pai, e o fariseísmo. Este valoriza o cumprimento da Lei como caminho de salvação; esta estava ao alcance do homem, da sua capacidade. A Deus restava reconhecer a virtude dos “justos” e recompensá-la. Um fariseu confia mais na sua capacidade do que na entrega confiante ao amor misericordioso de Deus. A atitude dos pobres, dos puros de coração, das crianças, não era valorizada; eram, porventura, marginalizados. Jesus verbera os fariseus com a mesma veemência com que valoriza os pobres de coração: “ai de vós escribas e fariseus hipócritas”.

No seu conjunto, a sociedade contemporânea assemelha-se mais aos fariseus do que aos “anawim”, os que confiam em Deus com um coração puro. A euforia da razão tornou o homem orgulhoso, convencido que tudo pode e é capaz de tudo resolver; a ânsia de poder, a busca do dinheiro, a euforia do sexo, atrofiaram a candura da criança que habita em cada um de nós. Há, no entanto, um “resto fiel”, visível na Igreja do Senhor, cujos membros são chamados a ser discípulos, o que só é possível com um coração de criança.

As crianças são uma interpelação para os adultos: é preciso escutá-las, tomá-las a sério. Quantas vezes elas são na vida de pessoas, devoradas pelas urgências do mundo, a única mensagem de beleza e simplicidade que nos podem abrir para o Reino de Deus. É preciso tomar a sério as crianças e a mensagem de vida que nos comunicam. Era a atitude de Jesus: “quem acolhe uma criança por causa do Meu Nome, é a Mim que acolhe” (Mt 18,5).

É preciso defender as crianças do espírito do mundo. A sociedade contemporânea é capaz, não apenas de desconhecer, mas de corromper e violentar as crianças. Ai de quem escandalizar uma criança, avisa Jesus (cf. Mt 18,6.10). Isto interpela a sociedade a conceber a convivência com crianças, aquilo a que chamamos educação, a partir da criança e não do adulto. É sobretudo no seio da família que esta convivência é mais verdadeira. A criança leva os pais a reencontrarem a criança que está neles, na prioridade dada à ternura que transforma todo o amor, a confiarem um no outro e em Deus, saindo da sua auto-suficiência, a captarem na vida a sua carga simbólica, carregada de mensagem, a confiarem mais do que quererem resolver tudo sozinhos. O Reino de Deus é para viver já neste mundo e

semeia em nós o desejo de eternidade. É por isso que é bom desejar morrer com um coração de criança, abraçar a “irmã morte” com a simplicidade com que se abraçou a vida.

Fátima, 20 de Junho de 2009

# O CATECUMENADO

## Processo de Iniciação e de "re-Iniciação" Cristã

P. FRANCISCO MACHADO COUTO (\*)

### CONTEXTUALIZAÇÃO

A fé evangélica não é um facto da natureza, não nasce com o homem, não se adquire automaticamente só pelo facto de existirmos ou termos nascido. Acreditar é um acontecimento que surge, que desponta na existência e que se releva na história. Tertuliano afirmava que nós não nascemos cristãos, tornamo-nos cristãos<sup>1</sup>. A fé, o ser cristão é dom, acontecimento e é o acto do Baptismo que manifesta esta gratuidade ou esta contingência. Hoje, algo mudou em relação ao tempo de Tertuliano e, provavelmente, mais que um tornar-se, o cristão surge como algo que é feito. Como diz H. Bourgeois, podíamos alterar um pouco a expressão de Tertuliano e afirmar: «é-se feito cristão, devemos tornar-nos». É necessário tornar-se também historicamente, isto é, com a oportunidade ou a vontade de escolher e de ratificar aquilo que as circunstâncias ou a tradição familiar propiciaram. Ainda que as nossas escolhas estejam ou sejam marcadas pelo grupo a que pertencemos ou mesmo pela influência familiar ou social, existe sempre algo de escolha pessoal. Não se é cristão simplesmente por herança de um passado, mas por um presente assumido e um futuro desejado. Mais cedo ou mais tarde, ainda que seja somente um pouco, isto acontece<sup>2</sup>. Tornar-se cristão surge, então, como uma aventura pessoal e original. Não que seja um itinerário privado ou um movimento indeterminado; antes, qualquer que sejam

---

(\*) Padre Diocesano de Évora. Liturgista. Professor no ISTE e Director do Secretariado de Pastoral Litúrgica da Arquidiocese de Évora.

<sup>1</sup> «*Fieri enim, non nasci solet Christiana*»: Tertullianus, *De testimonio animae*, I, 6, in CCL 1, ed. R. Willems, 1954, 176.

<sup>2</sup> Cf. H. Bourgeois, *L'iniziazione cristiana e i suoi sacramenti*, ElleDiCi, Leumann (Torino) 1987, 7-9; H. Bourgeois, «L'Église est-elle initiatrice?», *MD* 132 (1977) 103-105.

as situações ou mesmo os temperamentos, o Evangelho é sempre uma «via» comum e orientada. Comum porque feita em comunidade e porque por ela devem passar todos aqueles que se querem tornar cristãos; orientada porque esta passagem requer uma forma objectiva de iniciação em ordem ao conhecimento e ao reconhecimento de Cristo. Esta iniciação do caminho de conversão acontece na Igreja, a qual dá corpo ou forma à conversão de fé<sup>3</sup>.

Hoje deparamo-nos com alguns factos que não podemos ignorar: se antes os cristãos eram identificados como aqueles que praticavam, hoje todos são cristãos ainda que não pratiquem; são cristãos que se professam sem Igreja, que pertencem a grupos estranhos, exteriores ou mesmo marginais em relação à Igreja, que não se identificam com uma comunidade, nem a conhecem, nem nunca dela fizeram parte ou a frequentaram, que realizaram itinerários autónomos de «iniciação», são autodidactas: são os tais cristãos que foram feitos sem nunca se terem tornado efectivamente. Mas também há aqueles que nunca foram cristãos e que se querem tornar, que antes de serem, tornam-se. Uns e outros, os baptizados em pequenos, os autodidactas e os não cristãos, aproximam-se hoje da Igreja para serem iniciados e encetarem um caminho de conversão que os conduza a Cristo. Não podemos esquecer ainda, que cada vez mais, para além de adultos, nos surgem também crianças, adolescentes que, pelas mais variadas razões, não estão baptizadas ou iniciadas e se encontram em idade escolar e de frequência da catequese<sup>4</sup>.

Assim, surge a pergunta: como nos tornamos cristãos? Ou antes, como se podem tornar cristãos estes que procuram a Igreja com tal propósito? Dum lado temos, pois, os sacramentos que inserem em nós o cristianismo como facto, como acontecimento, e, ao mesmo tempo, inserem em nós a Igreja como realidade; do outro temos um conjunto de elementos que contribuem conjuntamente para o crescer do mistério da fé no coração do homem. De certo que não basta celebrar os Sacramentos (ou o sacramento

---

<sup>3</sup> Cf. H. Bourgeois, «L'Église est-elle initiatrice?», 104-105. «Si donc il y a une initiation en christianisme, c'est non seulement parce que la foi est un passage mais aussi parce que ce passage prend normalement un style ecclésial»: H. Bourgeois, «L'Église est-elle initiatrice?», 105. Cf. S. Marsili, «Problemi contemporanei della iniziazione cristiana», *RivLi* 54 (1967), 81-84.

<sup>4</sup> A própria catequese sistemática se entende como processo de iniciação cristã, ou melhor, entende-se ao serviço da iniciação cristã: cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa 2005, 19-27.

– Baptismo); outros elementos intervêm no caminho do homem em direcção à fé professada pessoalmente: o motivo ou a ocasião que dá a possibilidade de se iniciar o processo do tornar-se cristão; o passado de cada um que forçosamente influencia o futuro da caminhada, que facilita ou obstaculiza esta; a catequese que leva à descoberta espiritual do Evangelho e da herança cristã; o grupo de crentes com os quais se estabelece contacto efectivo e próximo; as celebrações que acompanham e ritmam o caminho a efectuar; a experiência individual retirada por cada um, quer das celebrações, quer da catequese.

Os sacramentos situam-se neste conjunto complexo e a sua originalidade está no fazer a ligação entre o realizado e o que está por realizar; inscrevem na nossa vida, no nosso corpo, na nossa existência, a experiência de fé que se desenvolve e que continuará a desenvolver-se; integram na Igreja e qualificam, em seu nome, a experiência de um ser que descobre Cristo. Baptismo, Confirmação e Eucaristia têm uma função fundamental no fazer ser e tornar cristãos; são constitutivos da fé e dão-lhe objectividade, por isso são chamados de Sacramentos da Iniciação Cristã. Possuem a função de colocar em acto a personalidade de base dos cristãos; introduzem numa ordem misteriosa, a da fé evangélica e da vida eclesial, à qual não se pode aceder somente com as próprias forças<sup>5</sup>.

Tentarei fazer convosco um caminho que nos ajude a perceber a grandeza do Catecumenado – como fazer cristãos – e, ao mesmo tempo, enquanto vou apresentando a minha reflexão sobre o caminho a percorrer com os não cristãos, introduzir alguns elementos no respeitante ao que podemos chamar de “re-iniciação” cristã. Para tal, tomarei o capítulo primeiro do RICA para os não Baptizados ou não cristãos, modelo típico para a formação cristã, e o capítulo quarto, do mesmo Ritual, para os já baptizados mas que não receberam catequese e que procuram completar a sua iniciação cristã e tomar parte da comunidade.

### *O CATECUMENADO*

A fé é, de facto, dom, manifestação da gratuidade divina e do seu amor por nós. Significa isto que somos iniciados aos mistérios, não que nos

---

<sup>5</sup> Cf. H. Bourgeois, *L'iniziazione cristiana e i suoi sacramenti*, 9-16. Cf. LG, 14.

auto-iniciamos por nossa conta e risco<sup>6</sup>. Portanto, o tornar-se cristão é testemunho deste acto de amor e de liberdade da parte de Deus, diante do qual, ao crente, é pedido um livre e confiante acolhimento, a fim de que a misericórdia do Pai transpareça em toda a sua eficácia vivificante.

Este acolhimento do dom de Deus, ainda que feito no interior do coração de cada um, deve, ao mesmo tempo, manifestar-se visivelmente. Há que entender a fé mais do que como simples saber. Não se trata somente de simples ou puro conhecimento intelectual. O Evangelho não nos chama a isso; antes nos convida a entrar no mistério, na esfera da existência de Deus tal como ela é perceptível na existência humana, em razão da Aliança, da Encarnação e da Páscoa de Cristo. A fé não se ensina mas propõe-se e confessa-se, chama-nos à conversão, à vida. Neste sentido, podemos entender que o procurar realizar isto mesmo é fazer, também, uma iniciação; um fazer com que acreditemos, com que entremos com o coração, com o corpo, com a imaginação e a sensibilidade nesta nova existência marcada pelo ser de Deus, mesmo exteriormente<sup>7</sup>. Além do mais, e pelos dados apresentados precedentemente, é necessário tempo, não propriamente para acreditar, uma vez que a fé é dom de Deus, mas para que se possa descobrir a Igreja em toda a sua plenitude, e também como lugar de acolhimento e de estímulo, e para que a fé confessada encontre as suas diversas dimensões e, mesmo até, seja purificada, caso necessário. Ser cristão significa, pois, ser iniciado, na medida em que se entra numa «procura» progressiva e orientada e num processo onde o tempo se apresenta como um factor indispensável de maturação<sup>8</sup>.

Ainda no referente à Igreja, é importante, pois, descobrir a sua identidade. Esta não é somente, como todas as realidades sociais que envolvem o homem, reveladora ou sujeita a análise de aspectos sociológicos, históricos,

---

<sup>6</sup> «Il fatto che non si contempi un autobattesimo né un'autoconfermazione né un prendere da noi stessi il corpo e il sangue del Signore sta a ribadire precisamente la dimensione del dono e della consegna di cui i credenti sono resi partecipi per grazia»: O. Vezzoli, «L'iniziazione cristiana tra celebrazione liturgica e prassi pastorale», in *Iniziazione Cristiana*, (Quaderni teologici del Seminario di Brescia, 12), Morcelliana, Brescia 2002, 126.

<sup>7</sup> H. Bourgeois afirma: «Dans la langage courant, extérieur au domaine religieux et chrétien, il est frappant de constater que le mot initiation signifie très habituellement l'entrée «multi-dimensionnelle» dans un monde ou un ordre nouveau d'expériences et d'existence»: H. Bourgeois, «L'Église est-elle initiatrice?», 106, nota 4.

<sup>8</sup> Cf. H. Bourgeois, Bourgeois, «L'Église est-elle initiatrice?», 105-108.

políticos e económicos. Os seus membros experimentam a vida eclesial que brota da origem – Cristo – mesmo que, por vezes, as realizações não correspondam às ambições. Os cristãos são chamados a viver e a testemunhar a fraternidade, o amor, a solidariedade, o serviço. Pertencer à Igreja não possui, ou pelo menos não devia possuir, interesses de carácter social, económico ou mesmo de manifestação de poder. Sobretudo não faz exclusão de raças ou de culturas. Ela tem por razão de ser a fraternidade exigente que cria o Evangelho entre aqueles que o acolhem e o testemunham. É imprescindível que os seus membros a conheçam e a vivam. Para isso é necessário um período de procura, de descoberta, provavelmente até de aprendizagem, através de uma experiência progressiva e prática no seu seio<sup>9</sup>.

Neste sentido, a iniciação descobre uma outra razão de ser que não tão somente em razão do tempo e da aprendizagem experiencial, mas também em razão da própria Igreja. Ela existe pela Igreja, para que a Igreja seja Igreja. Isto mesmo é testemunhado pelos *preliminares* do «Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos»: «A iniciação dos catecúmenos faz-se à maneira de uma caminhada progressiva, dentro da comunidade dos fiéis. Esta, juntamente com os catecúmenos, medita no valor do mistério pascal e renova a sua própria conversão; e deste modo, com o seu exemplo, leva-os a seguirem generosamente o Espírito Santo»<sup>10</sup>. A esta iniciação considerada caminho progressivo de manifestação e aprofundamento da fé chamamos Catecumenado.

O vocábulo Catecumenado procede do verbo grego *katejein*, que significa «fazer ressoar» ou «instruir de viva voz». Ao verbo *ejein*, que significa «ressoar», *une-se kerusso*, que significa «ser arauto», «proclamar como arauto». No Novo Testamento, «catequizar» (tradução mais literal do vocábulo *katejew*) é ensinar os feitos essenciais da vida de Jesus; esta instrução sucedia-se, provavelmente, ao anúncio (querígma) do Evangelho e preparava

---

<sup>9</sup> Cf. H. Bourgeois, «L'Église est-elle initiatrice?», 108. «En l'occurrence, la démarche initiatique a une double polarité. Elle est, pour les initiés, un temps d'apprentissage et de foi. Et elle est, pour l'Église, c'est-à-dire pour les chrétiens déjà baptisés et devenant initiateurs, un mouvement de réidentification. En initiant, l'Église se redit à elle-même qui elle est. En conduisant l'initiation, elle se ré-initie elle-même. Si bien que les nouveaux venus ne sont pas simplement intégrés à un type d'existence préalablement défini; ils sont associés à un mode d'existence chrétienne qui se redéfinit avec eux et, en partie, grâce à eux»: H. Bourgeois, «L'Église est-elle initiatrice?», 108.

<sup>10</sup> *RICA*, 4.

para o Baptismo ou vinha imediatamente a seguir<sup>11</sup>. Trata-se, pois, de uma das mais antigas e básicas instituições da Igreja onde o carácter catequético-litúrgico-moral está presente. Nasceu como etapa de preparação para a vida cristã ou como processo de iniciação que a Igreja exige àqueles que se convertem para que a sua fé inicial se transforme em profissão de fé explícita, sacramentalmente celebrada no seio da comunidade cristã pascal<sup>12</sup>. Para Borobio, o Catecumenado é tão importante quanto imprescindível, ao ponto de a iniciação cristã ficar incompleta sem ele<sup>13</sup>.

A Igreja recorre a esta instituição para «fazer», conjuntamente com os Sacramentos da Iniciação Cristã, os seus novos membros. Novos membros que podem ser adultos ou não (ter em linha de conta as devidas adaptações, quer à idade, quer à compreensão, quer à mentalidade). No dizer de J. López Martín, o Catecumenado é a experiência do chamamento do Pai e da progressiva transformação do coração do homem à semelhança de Cristo, sob a acção do Espírito Santo e a orientação da comunidade cristã<sup>14</sup>.

Parece-nos importante começar, pois, por destacar dois âmbitos particularmente importantes neste processo de aprofundamento e vivência experiencial da fé no respeitante aos que se apresentam para fazer a sua iniciação cristã: o itinerário pessoal e o itinerário ou âmbito comunitário.

Itinerário pessoal: começa no momento em que o adulto ou a criança, ou os seus pais ou os seus tutores, se aproximam da Igreja e fazem o seu

---

<sup>11</sup> «Après la Pentecôte, les Apôtres remplissent cette mission d'enseignement, non en leur nom propre, mais «au nom de Jésus» dont ils rapportent les actes et les paroles, se couvrant toujours de son autorité. Comme Jésus, ils enseignent au temple, à la synagogue, dans les maisons particulières. L'objet de cet enseignement, c'est avant tout la proclamation du message de salut (...) Catéchèse élémentaire, qui veut conduire les hommes à la foi; elle est complétée après le baptême par un enseignement plus approfondi, auquel les premiers chrétiens se montrent assidus»: A. Baruq – P. Grelot, «Enseigner», in *Vocabulaire de théologie biblique*, ed. X. Léon-Dufour, Les Éditions du Cerf, Paris 1962, 290-291.

<sup>12</sup> Cf. C. Floristán, *Para comprender o Catecumenado*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1995, 21-22.

<sup>13</sup> «Il catecumenato è dunque una parte fondamentale dell'insieme degli elementi che costituiscono il processo dell'iniziazione cristiana. Fino al punto che l'iniziazione cristiana non si può considerare completa se ne è priva»: D. Borobio, «Catecumenato», in *Liturgia*, 361.

<sup>14</sup> Cf. J. López Martín, «En el Espíritu y la verdad». *Introducción teológica a la liturgia*, (Agape, 5), Secretariado Trinitario, Salamanca <sup>2</sup>1993, 398.

pedido de Baptismo ou de Iniciação Cristã e a partir do qual tem início um período de conversão. Há que ter em linha de conta a história pessoal de cada um entendida individualmente como um ser único, irrepetível: o seu meio de origem, a sua história familiar, as suas motivações e expectativas. Além do mais, este itinerário pessoal deve saber respeitar o progresso espiritual de cada pessoa ao longo de todo o caminho catecumenal. Este processo requer conversão, configuração, conhecimento e entrega a Cristo, o que acontece somente de forma pessoal<sup>15</sup>.

Itinerário comunitário: paralelamente ao itinerário pessoal desenvolve-se o itinerário comunitário; aquele que inicia o seu processo de conversão não está sozinho, antes, é auxiliado e acompanhado por toda uma comunidade; é no seu seio que o neo-convertido descobre Cristo e a própria Igreja; é nela que a criança (e o adulto) aprendem e apreendem, pelo testemunho, pela celebração, pelo exemplo, pelo ensinamento, a conhecer e a amar Cristo e a própria Igreja significada e presente na comunidade. O grupo de catequese ou de aprofundamento da fé revela-se, pois, como o ambiente humano no qual cada um encontra a Igreja e a comunidade; é este grupo que deve acompanhar e caminhar, principalmente, com aquele que inicia o seu processo de conversão<sup>16</sup>.

Estes itinerários encontram a sua realização efectiva na própria estruturação do Catecumenado, a qual se apresenta, sobretudo, no *RICA* e em alguns documentos da Conferência Episcopal.

---

<sup>15</sup> Cf. *RICA*, 306-307; *RF*, 9, n.º 1; 11, n.º 9a; Nota Pastoral del Consiglio Episcopale Permanente della CEI, *L'iniziazione cristiana. 2. Orientamenti per l'iniziazione cristiana*, Roma, 1999, n.º 4-6.25.39.41.58-59 (daqui em diante será identificado por *Nota Pastoral*); CEL, «La iniciación cristiana de los niños no bautizados en edad escolar», *Pastoral Litúrgica* 211 (1992), 41, n.º 16; 44, n.º 23; CEE, *La Iniciación Cristiana. Reflexiones y Orientaciones* [LXX Asamblea Plenaria de la Conferencia Episcopal Española, Madrid, 27 de Noviembre de 1998], (Documentos de las Asambleas Plenarias del Episcopado Español – 29), EDICE, Madrid 1999, 99-100, n.º 136-137; *RA*, 8.10.13.15.

<sup>16</sup> Cf. *RICA*, 308-311; *RF*, 10-11, n.º 5-8; 13, n.º 13-15; 21, n.º 30-33; 30, n.º 58-59; 39, n.º 82-84; *Nota Pastoral*, n.º 26-28.31.37.40.49.51.59; Servizio Nazionale per il Catecumenato, *Guida per l'itinerario catecumenale dei ragazzi*, ElleDiCi, Leumann (Torino) 2001, 53.81.86; CEL, «La Iniciación Cristiana de los niños», 39-42, n.º 9-18; 44-45, n.º 23; *RA*, 11.13.15.17-18.23; Diocese do Algarve, *Iniciação das crianças não baptizadas em idade de catequese. 1. Liturgia da iniciação*, Serviços Diocesanos da Pastoral, Faro 2002, 8-11; Arquidiocese de Évora, *A Iniciação Cristã das crianças em idade escolar. Orientações pastorais*, Évora 2002, 8.10.12§4.13§1-13§2.

**Primeiro tempo:**

**Pré-Catecumenado:** período de evangelização (primeiro anúncio) ou de reevangelização, se me permitirem o vocábulo ("segundo anúncio") – para aqueles que já estão batizados – no qual a pessoa humana estabelece os primeiros contactos com a Igreja/comunidade (acolhimento eclesial) por forma a conhecer melhor Cristo e a poder optar por Ele; trata-se de um período de tempo com duração indeterminada; segundo o nº 7 dos preliminares do RICA, este é "o primeiro tempo, que da parte do catecúmeno exige uma procura, é destinado à evangelização por parte da Igreja e ao «pré-catecumenado», e conclui-se pela entrada na «ordem dos catecúmenos»"<sup>17</sup>. É objectivo deste tempo ou primeiro período ajudar os simpatizantes a colocarem-se numa procura activa da verdade, de abrirem o seu próprio coração ao acontecimento de salvação a fim de que Cristo possa tornar-se o objecto da sua atenção. Este tempo particular de procura-anúncio e de proposta incipiente à conversão vive da criatividade, da fantasia e da liberdade divina que chama todos os homens ao conhecimento da verdade. Uma indicação que julgo importante deixar aqui bem explícita é aquela que diz respeito ao papel da comunidade eclesial: um qualquer que queira conhecer o Senhor não inicia este caminho de forma solitária, mas é sustido por aqueles que já fizeram a opção pela fé e dela são testemunhas. A presença da comunidade cristã em todas as suas componentes (sacerdotes, diáconos, catequistas, leigos) é, essencialmente, uma presença de testemunho, de acolhimento e de comunicação, em simplicidade, do Evangelho. Além disso, os encontros devem ser marcados por um verdadeiro clima familiar o qual se revelará bastante determinante no favorecer o processo de adesão a Cristo<sup>18</sup>. No respeitante à "re-iniciação", há momentos da comunidade que podem verdadeiramente funcionar como momento de "reevangelização" ou "segundo anúncio": um qualquer acontecimento dramático da própria vida, o pedido de sacramentos para os filhos, a preparação para o matrimónio... Sem esquecer o quanto é importante que a própria comunidade cristã abandone as suas presunções e se apresente como lugar no qual todo e cada um é respeitado nas suas escolhas, não julgado. É importante que a própria Igreja "recomece" – junto com estes – a ser casa de todos quantos procuram uma fé mais esclarecida. No âmbito formativo a temática central deve, pois, incidir sobre a pessoa de Jesus

---

<sup>17</sup> RICA, 7.

<sup>18</sup> Cf. RICA, 9-13; A. Donghi, *Adulti verso il Battesimo. Il cammino del catecumenato*, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 1999, 72-73.

Cristo, aquele que nos fala, nos acompanha e nos ama, sem esquecer a ligação Igreja/comunidade – seguidores de Jesus Cristo. Também este período deve ser marcado por um caminho celebrativo – afinal, catequese que não conduza a celebrar a vida em Cristo e na Igreja nunca poderá ser entendida como verdadeira catequese: «Terá em conta as condições do lugar e o que for mais conveniente. A uns candidatos, mostrar-se-á de preferência o espírito cristão que eles desejam conhecer e experimentar; a outros, a quem por este ou aquele motivo se entende dever adiar o catecumenado, talvez convenha mais um primeiro acto externo, quer deles mesmos quer da comunidade. Este acolhimento será feito dentro das reuniões e assembleias da comunidade local, aproveitando, por exemplo, as reuniões de amizade ou de convívio. Apresentado por um amigo, o *simpatizante* é saudado com palavras informais e recebido pelo sacerdote ou por um membro respeitável da comunidade. É dever dos pastores ajudar os *simpatizantes*, durante todo o tempo do pré-catecumenado, por meio de orações apropriadas»<sup>19</sup>. O *simpatizante* deverá descobrir Cristo, não como ideologia ou simples prática moral, mas como razão da sua autêntica realização pessoal. Por isso mesmo, o diálogo com a Igreja, através dos gestos de acolhimento, testemunhos, oração, são vitais para que o outro possa acolher Cristo. Sugerimos, nesta fase, como aspectos celebrativos, quer para aquele que já fez a escolha de fé, quer para aquele que está em procura, a leitura de um texto bíblico ou a proclamação de um salmo, sempre num ambiente fraterno e familiar, a partilha de uma experiência, a meditação conjunta da Palavra de Deus numa re-leitura à luz da situação concreta do irmão ou da comunidade, o encontrar-se na oração, vitalizada pelo sinal do diálogo, da escuta, da amizade, da ajuda fraterna...

Termina este período com o Rito de Admissão ao Catecumenado, o qual marca, ao mesmo tempo, o início do tempo de Catecumenado propriamente dito. Deve este rito significar uma comunidade concreta e visível que acolhe e acompanha ao encontro, a viver com Cristo, a celebrar o seu amor que salva. Aqui, os candidatos manifestam à Igreja a sua vontade e a Igreja, no exercício da sua missão apostólica, admite aqueles que querem tornar-se seus membros<sup>20</sup>. A celebração litúrgica assume um significado muito mais amplo porque representa a sedimentação ritual do estado interior que deve caracterizar todo aquele que decide aceder à salvação em Cristo Jesus. Ela

---

<sup>19</sup> *RICA*, 12-13

<sup>20</sup> Cf. *RICA*, 14.

coloca em realce a importância do encontro de Deus com o *simpatizante* no contexto orante e crente da assembleia litúrgica. Destaco da celebração ritual proposta:

- a) *a sinal ritual da cruz* sobre a fronte e sobre os sentidos (ouvidos, olhos, boca, peito e ombros): o mistério da Cruz de Jesus é central na vida de todo o cristão; ela é o sinal da vitória pascal impresso sobre a fronte daquele que quer tornar-se servo de Cristo e reafirma a vontade de lhe pertencer segundo o estilo do amor da cruz;
- b) *a liturgia da Palavra*: exprime a dinâmica de todo aquele que quer em verdade ser discípulo do Senhor. Deus fala, o homem escuta. Para o catecúmeno, seguir Cristo acontece através da escuta atenta da Palavra. Este é o projecto de vida para nós: Cruz e Palavra; estes são os lugares de contínua referência para o catecúmeno e para o cristão<sup>21</sup>.

Uma nota sobre a celebração para os que procuram ser "re-iniciados": «O tempo da preparação é santificado por acções litúrgicas, a primeira das quais é o rito pelo qual os adultos são recebidos na comunidade e se reconhecem como parte dela, uma vez que já foram assinalados pelo Baptismo»<sup>22</sup>. Assim, tendo por base a celebração acima referida para os catecúmenos, é proposto um rito de apresentação dos candidatos ao Crisma (e à Eucaristia). Porque já baptizados, não devem fazer parte do esquema ritual a signação. Um esquema possível é aquele apresentado pelo Pe Leão Cordeiro<sup>23</sup> em que privilegia a relação comunidade-catequista-candidato, a entrega da Bíblia antecedida de uma oração de bênção e súplica pelos candidatos e sua tarefa formativa, e o momento da paz como verdadeiro gesto acolhedor (materno) da comunidade. Daqui em diante, segundo o mesmo capítulo IV, « Depois disso, participarão nas celebrações da liturgia da palavra, quer naquelas em que se reúne a assembleia dos fiéis, quer nas que se destinam mais directamente aos catecúmenos»<sup>24</sup>.

### **Segundo tempo:**

**O Catecumenado:** É chegado o tempo de realizar um verdadeiro «tirocínio» de vida cristã. Este é o período no qual o catecúmeno aprofunda

---

<sup>21</sup> Cf. A. Donghi, *Adulti verso il Battesimo*, 80-83.

<sup>22</sup> *RICA*, 300.

<sup>23</sup> J. Leão Cordeiro, *Catequeses para a Confirmação e a Eucaristia*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2010, 224-226.

<sup>24</sup> *RICA*, 301.

a sua fé, por isso a sua duração será suficientemente prolongada, conveniente para a maturação da fé. Não se trata de aprender coisas de cor; de saber tudo e mais alguma coisa; trata-se de crescer em graça, em fé, em caridade, na experiência espiritual do amor de Deus e de tomar consciência de quem é chamado a dar uma resposta aos inúmeros convites do Senhor; trata-se de caminhar em direcção a uma verdadeira mudança de vida, uma conversão, bem como uma mais clara descoberta e identificação com a comunidade de crentes manifestada, quer nos momentos de oração, celebrações, escuta da Palavra, quer no próprio testemunho de vida de fé pelo serviço e apostolado. Importante neste período é a formação à celebração pela própria celebração. Além do mais, é também imprescindível, como de resto em todos os outros tempos, o respeito pelo tempo de cada um, ou seja, pela evolução e progresso de cada catecúmeno individualmente<sup>25</sup>. É necessário estruturar o cristão, colocando-o em relação com o Deus de Jesus Cristo que continua hoje, connosco, a História da Salvação – celebrando o amor de Deus que se nos dá no tempo e nos acontecimentos da nossa existência. Como temáticas importantes deste período saliente-se, entre outras, o conhecimento do mistério da História da Salvação nas suas grandes etapas em relação aos mistérios do ano litúrgico e, nessa, dos sacramentos da Iniciação Cristã como seus momentos particulares, através dos quais o catecúmeno se torna, também ele, participante dessa história; apresentar as bem-aventuranças (discurso da montanha) como regra de vida do cristão.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Não se pode construir um itinerário sem atender a este aspecto. O catecúmeno não é mais um; nem é um dos do grupo que em tal momento ou dia vai celebrar a Iniciação Cristã porque assim foi calendarizado. Dito de forma simples e clara, celebra quando estiver preparado e não em tal dia só porque foi planeado que aí aconteceria a celebração da Iniciação Cristã. Lógico que, para tal, é necessária não só uma grande atenção, como um grande acompanhamento por parte de quem guia o grupo e sua formação para tal missão. Nada resulta se a seriedade e a exigência (não intransigência ou falta de amor e acolhimento) necessárias a tal percurso não estiverem presentes. Não podemos simplesmente pensar em cumprir calendários; o único calendário essencial é o ritmo de cada um. É preciso não esquecer que tratamos de sacramentos, vida de Deus. Pensar simplesmente em idades ou fases como forma pastoral de administrar sacramentos leva à criação de situações difíceis, como aliás vivemos neste momento. Um verdadeiro Catecumenado promove uma verdadeira e justa Iniciação Cristã; mas, para isso, é preciso olhar ao itinerário pessoal de cada candidato: cf. *RICA*, 307 e 310.

<sup>26</sup> Cf. *RICA*, 14-20; *RF*, 11-12, 9b; 21, n.º 30-32; *RA*, 16; Servizio Nazionale per il Catecumenato, *Guida per l'itinerario catecumenale dei ragazzi*, 81-139; *Nota Pastoral*, 41; CEL, «La Iniciación Cristiana de los niños», 42, n.º 17.

Como itinerário litúrgico destaca o RICA: celebrações da Palavra de Deus, Exorcismos menores<sup>27</sup>, Bênçãos<sup>28</sup>, «Tradição» do Símbolo e da Oração dominical – compêndio da fé e da oração: para que os catecúmenos nunca se afastem das raízes e pilares da sua escolha de vida –, «Effathá» e rito da Unção dos Catecúmenos.

No respeitante aos já baptizados mas que não receberam catequese e se preparam para celebrar o Sacramento do Crisma (e Eucaristia), afirma o RICA: «Para significar a acção de Deus nesta preparação, pode ser oportuno lançar mão de alguns ritos próprios do catecumenado que melhor respondam à situação e à necessidade espiritual destes adultos, como são as tradições do Símbolo, da Oração dominical e até dos Evangelhos».<sup>29</sup> Veja-se como o que corresponde especificamente ao Baptismo não surge proposto pelo ritual: «Effathá» e Unção com o Óleo dos Catecúmenos, bem como as bênção menores e os exorcismos menores, o que também acontecerá no tempo da Quaresma, na preparação próxima, uma vez que os escrutínios são específicos dos catecúmenos como preparação imediata para o Baptismo<sup>30</sup>.

O catecumenado encontra o seu cumprimento e o seu rito de passagem para o período seguinte no Rito de Eleição ou Inscrição do Nome. «Chama-se «eleição», porque a admissão feita pela Igreja se funda na eleição de Deus, em nome de quem ela actua; chama-se «inscrição do nome», porque os candidatos escrevem o seu nome no livro dos «eleitos», como penhor de fidelidade»<sup>31</sup>. Este é o momento decisivo de todo o Catecumenado<sup>32</sup>. O rito, teologicamente, deve ser compreendido como um chamamento de Deus e

---

<sup>27</sup> *“Os primeiros exorcismos, ou exorcismos menores, põem diante dos catecúmenos a verdadeira condição da vida espiritual, a luta entre a carne e o espírito, a importância da renúncia para alcançarem as bem-aventuranças do reino de Deus e a necessidade contínua do auxílio divino”*: RICA, 101.

<sup>28</sup> *As bênçãos são “sinais do amor de Deus e da solicitude da Igreja para com eles (Catecúmenos), para que, enquanto ainda estão privados da graça dos sacramentos, recebam da Igreja o encorajamento, a alegria e a paz, para continuarem o seu trabalho e o seu caminho”*: RICA, 102.

<sup>29</sup> RICA, 302.

<sup>30</sup> Também aqui gostaria de destacar a obra do Pe Leão Cordeiro, que nos apresenta duas celebrações para este período, a Entrega da Oração Dominical e a Entrega do Símbolo: cf. J. Leão Cordeiro, *Catequeses para a Confirmação e a Eucaristia*, 227-238.

<sup>31</sup> RICA, 22.

<sup>32</sup> Cf. RICA, 23.

da comunidade, um «chamamento pelo nome» em sentido bíblico, uma eleição. O facto de que seja a comunidade a emitir o seu juízo de idoneidade faz-nos perceber como os sacramentos, antes de serem um direito do homem, são dom de Deus e que a Igreja é a depositária deste dom. O rito litúrgico da eleição deve acontecer habitualmente no primeiro Domingo da Quaresma, de forma a inaugurar o início do tempo de preparação quaresmal, que terminará nas solenidades pascais. Como breve descrição do rito aponto: apresentação dos candidatos, cuja idoneidade é significativamente expressa em termos de escuta e de actuação (o pôr em prática) da Palavra de Deus, de comunhão fraterna e de oração (Act 2,42); interrogação dos candidatos e inscrição do nome no Livro dos Eleitos; admissão ou eleição com recurso à comunidade e aos padrinhos (o acolhimento comunitário é sinal da contínua acção apostólica da Igreja que revive o mandato de Cristo de chamar ao discipulado através do Baptismo e da observância dos mandamentos); oração pelos eleitos com a súplica para que todos os membros da comunidade vivam em verdade e plenitude o seu ser de Cristo e d'Ele dêem testemunho na sua vida.

### **Terceiro tempo:**

**Purificação e Iluminação** (preparação imediata): esta etapa deve acontecer quando o candidato apresenta ou revela uma fé próxima daquela que é exigida para a celebração dos Sacramentos da Iniciação Cristã. Deve coincidir com a última Quaresma antes da celebração dos sacramentos. O eleito é convidado a descobrir a Quaresma como tempo de iluminação espiritual. Deve, por isso, ser conduzido a viver este tempo num clima de oração e celebração; ser levado a descobrir, mormente pelas celebrações de cariz penitencial – escrutínios (ou exorcismos) –, que Cristo lhe concede a sua paz e a sua força por forma a vencer os obstáculos à sua conversão<sup>33</sup>. No dizer de Donghi, o escrutínio é, antes de mais, «um discernimento, na oração e no contacto com a Palavra de Deus, da situação de conversão daquele que se está preparando para receber o Baptismo... O seu sentido é o de incessante invocação para que o mistério de Cristo, que é vida nova e luz radiosa, possa inundar aquele que foi pelo Pai escolhido para ser regenerado no mistério pascal de Cristo»<sup>34</sup>. Este período é marcado

---

<sup>33</sup> Como afirma o *RF*, «Les futurs baptisés collaborent à l'action divine par leur volonté de mieux connaître le Christ et de participer davantage à la vie de son Église, par la reconnaissance qu'ils ne répondent pas toujours à l'amour de Dieu et par une pénitence adaptée à leur condition»: *RF*, 30, n.º 57.

<sup>34</sup> A. Donghi, *Adulti verso il Battesimo*, 107-109.

fundamentalmente pela formação de âmbito litúrgico, ou seja, celebrações. Elas serão a verdadeira catequese deste período. Com o olhar posto quer na grande celebração que se aproxima, quer nas celebrações deste tempo, as temáticas formativas deveriam incidir sobre o projecto de vida com Jesus e na vida nova – o fruto da Páscoa<sup>35</sup>. Para isto muito poderão e deverão contribuir as celebrações dominicais da comunidade, onde a liturgia da Igreja, desde sempre, as orientou para este momento, ou seja, para a comunidade que se renova e para o eleito que irá entrar na salvação e na vida nova. De facto, a Palavra de Deus dos Domingos da Quaresma (Ano A, aquele que especialmente se apresenta como destinado aos catecúmenos), e em especial o Evangelho, são um manancial de vida: Tentações, Transfiguração, Samaritana (Água Viva), Cego de Nascimento (Luz), Ressurreição de Lázaro (Vida), Paixão...

Outras celebrações: Caso não tenham sido celebradas as Tradições durante o tempo do catecumenado, podem ser feitas neste tempo, depois dos escrutínios; além disso, pode ser feita a redição do Símbolo, de preferência em Sábado Santo, bem como o rito do Effathá e a Unção com o Óleo dos Catecúmenos.

Para os já baptizados, a proposta do capítulo IV aponta para celebrações de cariz penitencial, sempre na Quaresma, que conduzam para uma verdadeira celebração do sacramento da penitência (ver ritual da Penitência)

O tempo da purificação e da iluminação exprime, pois, o estilo próprio de todo aquele que queira tornar-se seriamente discípulo do Senhor: atenção à Palavra com uma firme e radical vontade de conversão no contexto da oração pessoal e comunitária. Neste tempo, o eleito é conduzido ao interior da vida da comunidade para nela respirar o clima de salvação e renovação de modo a que a sua existência venha sempre posta sob a luz e a potência do Espírito Santo. É neste clima que o Credo e o Pai nosso se tornam os instrumentos essenciais para que a vontade de seguir Cristo possa ser verdadeira e autêntica. A fé orante e a oração crente são as condições habituais para que o catecúmeno possa deixar-se plasmar pelo artista divino e estar pronto a viver em plenitude o dom que deve qualificar a sua existência: a Páscoa do Senhor<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> Cf. *RICA*, 21-27; *RF*, 12, n.º 9c; 30, n.º 55-57; Servizio Nazionale per il Catecumenato, *Guida per l'itinerario catecumenale dei ragazzi*, 141-165; *Nota Pastorale*, 43; CEL, «La Iniciación Cristiana de los niños», 42, n.º 18.

<sup>36</sup> Cf. A. Donghi, *Adulti verso il Battesimo*, 113; *RICA*, 25.

A propósito dos já batizados, como para os não batizados, o tempo próprio, o vértice de toda a formação e caminhada “catecumenal” é a Vigília Pascal. Nela, com os catecúmenos (eleitos), receberão os sacramentos. Depois, completarão a sua formação cristã e realizarão a plena inserção na comunidade, vivendo, em conjunto com os neófitos, o tempo da mistagogia<sup>37</sup>.

#### **Quarto tempo:**

**A etapa pascal – Mistagogia:** este é um ou o período de aprofundamento dos mistérios vividos e celebrados, por parte do candidato, no seio da comunidade cristã. Este é o tempo no qual o neófito – o novo cristão, o novo filho – deve familiarizar-se mais fortemente com a vida cristã e suas exigências de testemunho. Tendo em conta a sua idade, é conduzido e auxiliado a descobrir o lugar próprio dos sacramentos recebidos na sua vida, a crescer numa cada vez maior fidelidade a Cristo, renovando-a pelos sacramentos. Se até aqui a comunidade era importante, a partir de agora torna-se imprescindível. Ainda que continue a sua caminhada de aprofundamento e de inserção na Igreja, dentro do grupo, necessita profundamente da comunidade cristã cada vez mais como exemplo e família<sup>38</sup>. O Tempo Pascal – o grande Domingo – é o tempo de desenvolver o aprofundamento existencial do acontecimento morte-ressurreição de Jesus e da efusão do Espírito Santo numa intensa personalização do próprio evento, ou seja, como nos diz o Ritual: «Dado este último passo, a comunidade, juntamente com os neófitos, aprofunda mais o mistério pascal e procura traduzi-lo cada vez mais na vida pela meditação do Evangelho, pela participação na Eucaristia e pelo exercício da caridade. Na verdade, o novo modo de enunciar os sacramentos recebidos e, sobretudo, a experiência dos mesmos vão dar um conhecimento mais completo e mais frutuoso dos «mistérios». Os neófitos foram renovados no seu espírito, saborearam as íntimas delícias da palavra de Deus, entraram em comunhão com o Espírito Santo e descobriram como o Senhor é bom. Desta experiência, própria do homem cristão e aumentada com a prática da vida, tiram novo sentido da fé, da Igreja e do mundo»<sup>39</sup>. Pode e deve o período mistagógico ser marcado por catequeses mistagógicas, que ajudem o batizado a aprofundar a sua vocação a ser comunidade para se tornar sempre mais comunhão. A fé baptismal, vivida nos sacramentos pascais,

---

<sup>37</sup> Cf. *RICA*, 304-305.

<sup>38</sup> Cf. *RICA*, 37-40; *RF*, 54, n.º 128-132; Servizio Nazionale per il Catecumenato, *Guida per l'itinerario catecumenale dei ragazzi*, 177-219; *Nota Pastorale*, 48-49; *RA*, 17.

<sup>39</sup> *RICA*, 37-38.

não se esgota numa experiência individualista e subjectiva, mas é uma realidade essencialmente eclesial. A Eucaristia será sempre o centro da acção mistagógica. A celebração da eucaristia oferece à experiência baptismal uma contínua vitalidade para realizar de forma verdadeira e plena a sua configuração ao Ressuscitado. A Eucaristia será o hoje da confissão de fé eclesial. Cada vez que a assembleia eucarística celebra as maravilhas de Deus, goza de ser salva, revitalizada e alicerçada na comunhão eclesial!

## SIGLAS

RF (Ritual Francês) - *Rituel du baptême des enfants en âge de scolarité. L'initiation chrétienne des enfants non baptisés en scolarité dans l'enseignement primaire*, ed. Chalet-Tardy, Paris 1977 e 1993.

RA (Ritual Alemão) - *Die Eingliederung von Kindern im Schulalter in die Kirche. Studienausgabe für die Katholischen Bistümer des deutschen Sprachgebietes. Erarbeitet von der Internationalen Arbeitsgemeinschaft der Liturgischen Kommissionen im deutschen Sprachgebiet. Herausgegeben von den Liturgischen Instituten Salzburg-Trier-Zürich*, Benzinger - Herder, Einsiedeln - Köln - Freiburg - Wien 1986.

RICA – *Iniciação Cristã dos Adultos. Ritual Romano reformado por decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. Papa Paulo VI*, Gráfica de Coimbra – Conferência Episcopal Portuguesa, Coimbra <sup>2</sup>1996.

LG – Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*.

CEL - Comisión Episcopal de Liturgia de España

CEE - Conferencia Episcopal Española

CEI – Conferenza Episcopale Italiana



